Polonicus

Revista de reflexão Brasil-Polônia

Edição semestral **Ano X – 2/2019**

CURITIBA - PR

Publicação da Missão Católica Polonesa no Brasil

A publicação é parcialmente financiada pela Associação *Wspólnota Polska*, com recursos provenientes da Chancelaria do Senado, no âmbito do projeto de apoio do Senado da Polônia aos poloneses e polônicos no exterior



Przedsięwzięcie jest współfinansowane przez Stowarzyszenie "Wspólnota Polska" ze środków otrzymanych od Kancelarii Senatu w ramach sprawowania opieki Senatu Rzeczypospolitej Polskiej nad Polonią i Polakami za granicą

Fundo editorial / Fundusz wydawniczy: Província da SOCIEDADE DE CRISTO

Ficha Catalográfica:

Polonicus : revista de reflexão Brasil-Polônia / Missão Católica Polonesa no Brasil - Ano 10, n. 19 (jul/dez. 2019) — Curitiba : v.; 23cm.

Semestral.

ISSN 2177 - 4730

1. Poloneses – Brasil – Periódicos.

Conselho Editorial:

enryk SIEWIERSKI Mariano KAWKA Piotr KILANOWSKI Renata SIUDA-AMBROZIAK Zdzisław MALCZEWSKI SChr

Conselho Consultivo:

Aleksandra SLIWOWSKA- BARTSC — Universidade Candido Mendes — Rio de Janeiro

Barbara LIBOWICKA -WĘLARZ – Universidade Maria Curie-Skłodowskia – Lublin (UMCS)

Benedykt GRZYMKOWSKI SChr – In memoriam

Cláudia R. KAWKA MARTINS - Colégio Militar - Curitiba

Edward WALEWANDER – Universidade Católica de Lublin (KUL)

Franciszek ZIEJKA – Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)

Jerzy MAZUREK - Universidade de Varsóvia (UW)

José Lucio GLOMB – Ordem dos Advogados do Brasil-PR

Marcelo PAIVA de SOUZA – Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Marcin KULA – Universidade de Varsóvia (UW)

Maria Teresa TORIBIO BRITTES LEMOS – Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

Regina PRZYBYCIEN - Universidade Federal do Paraná (UFPR)

Tadeusz PALECZNY - Universidade Jagiellônica de Cracóvia (UJ)

Thaís Janaina WENCZENOVICZ - Universidade Estadual do RS (UERS)

Tito ZEGLIN - Vereador da Câmara Municipal de Curitiba

Tomasz LYCOWSKI — Instituto Brasileiro de Cultura Polonesa — Rio de

Ianeiro

Waldemiro GREMSKI – Pontificia Universidade Católica - PR

Walter Carlos COSTA – Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Wojciech NECEL SChr – Universidade de Card. S. Wyszynski de Varsóvia

(UKSW)

Endereço da Redação:

Av. Pres. Franklin D. Roosevelt, 920 90230 – 002 Porto Alegre-RS. Brasil tel (51) 3024-6504 ou (51) 99407-4242 E-Mail: revista@polonicus.com.br www.polonicus.com.br

Coordenação editorial e editoração eletrônica

Zdzislaw Malczewski SChr

Revisão do texto e tradução do polonês

Mariano Kawka

Resumo em polonês

Mariano Kawka, Zdzislaw Malczewski SChr

Projeto da capa

Dulce Osinski Claudio Boczon

Impressão

Odisséia Gráfica e Editora Ltda. Fone: 51 3303-5558 www.graficaodisseia.com.br

Os originais dos artigos, publicados ou não, não serão devolvidos. Os artigos assinados são de inteira responsabilidade de seus autores.

ISSN - 2177 - 4730

SUMÁRIO

EDITORIAL
Wstęp
POLÔNIA
Polska
PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA POLÔNIA
NAS COMEMORAÇÕES DOS 80 ANOS DA ECLOSÃO
DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM WIELUŃ21
Przemówienie Prezydenta Polski z okazji 80 rocznicy wybuchu
II wojny światowej w Wieluniu
PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA POLÔNIA
DURANTE AS COMEMORAÇÕES DOS 80 ANOS
DA ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL29
Przemówienie Prezydenta Polski w czasie obchodów 80 rocznicy
wybuchu II wojny światowej
MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA PARA AS
COMEMORAÇÕES DO 80º ANIVERSÁRIO DA ECLOSÃO
DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM WESTERPLATTE 39
Przesłanie Prezydenta Polski z okazji 80 rocznicy wybuchu II wojny
światowej w Westerplatte
Aleksandra LUSZCZYNSKA, Paulina PUDLIS
CÂMARA DOS DEPUTADOS PROMOVE
A EVOCAÇÃO DOS 80 ANOS DA INVASÃO DA POLÔNIA
E DO INÍCIO DA II GUERRA MUNDIAL42
Izba deputowanych Brazylii uczciła 80 rocznicę najazdu na Polskę

i początek II wojny światowej

Elżbieta BUDAKOWSKA
OS 450 ANOS DA MORTE DE MIKOŁAJ REJ,
EMINENTE POETA E PROSADOR POLONÊS
DO RENASCIMENTO44
450 rocznica śmierci Mikołaja Reja, wybitnego polskiego poety i pisarza
okresu Odrodzenia
CARTA DA CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO DA POLÔNIA
anunciando as comemorações do XIX Dia Pontifício sob o lema
"Levantai-vos! Vamos!"
List Konferencji Episkopatu Polski ogłaszający obchody XIX Dnia
Papieskiego pod hasłem "Powstańcie! Chodźmy"!
Piotr KILANOWSKI
OLGA TOKARCZUK E O RETRATO DO MUNDO
EM MOVIMENTO 53
Olga Tokarczuk i portret poruszającego się świata
ARTIGOS
Artykuły
Jerzy MAZUREK
O FASCÍNIO DE ROMAN DMOWSKI PELO BRASIL 58
Fascynacja Romana Dmowskiego Brazylią
Mariano KAWKA
FIGURAS DE DESTAQUE ENTRE OS POLONESES
E POLÔNICOS NO BRASIL84
Wybitne postacie wśród Polaków i Polonii w Brazylii

Aline AZEVEDO LARROYED
IMPERIUM E OS INIMIGOS DA SOCIEDADE ABERTA 101
Imperium i wrogowie otwartej społeczności
Iraci José MARIN
O INÍCIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO BRASIL110
Początek imigracji polskiej w Brazylii
Nazareno DALSASSO ANGULSKI
BRUSQUE E MASSARANDUBA: O PIONEIRISMO DA GENTE POLONESA EM TERRAS CATARINENSES COM
CRIATIVIDADE, TRABALHO, PERSEVERANÇA E MUITA FÉ 117
Brusque i Massaranduba: polscy pionierzy kreatywnością, pracą,
wytrwałością i głęboką wiarą na ziemiach Świętej Katarzyny
Nilton PROENÇA
BRUSQUE COMEMORA OS 150 ANOS DA IMIGRAÇÃO
POLONESA
Brusque świętuje 150 lat polskiej imigracji
TRADUÇÕES
•
Tłumaczenia
Olga TOKARCZUK
VOCÊ É UMA PARTE IMPORTANTE 131
Jesteś ważną częścią
RESENHAS
Przegląd literacki
Piotr KILANOWSKI

INFORME DA CIDADE LETRADA
(OUTUBRO DE 2018 – OUTUBRO DE 2019)133
Raport z literackiego miasta
Renata SIUDA-AMBROZIAK
MALIKOSKI, Adriano. Escolas Étnicas Polonesas
no Rio Grande do Sul, EDUCS, Caxias do Sul: 2018, pp. 200 149
Mariano KAWKA
BATISTA NETO, Herculano. <i>O genial Padre Doutor</i> .
Irati/PR, Edição do autor, 2019, pp. 184151
Henryk SIEWIERSKI
ŁYCHOWSKI, Tomasz, Post scriptum e outros textos.
Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018
Cláudia Regina Kawka MARTINS
MARIN, Iraci José (org.). A Polônia e os poloneses.
Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski: EST Edições, 2019, pp. 104158
CRÔNICAS
Wydarzenia
vvyuurzeniu
Elżbieta BUDAKOWSKA
O II DIA DA AMÉRICA LATINA NO PARLAMENTO
POLONÊS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA A
COOPERAÇÃO COM PARCEIROS DA AMÉRICA LATINA162
II Dzień Ameryki Łacińskiej w polskim parlamencie: szanse i wyzwania
dla współpracy z partnerami Ameryki Łacińskiej
, , , , , , , , , , , , , , , , , , , ,

Carlos LICHMAN

GUITARRISTA BRASILEIRO COM ORIGENS POLONESAS
LANÇA SEU MAIS NOVO TRABALHO SOLO
MUSICALIZANDO AS LENDAS DA CIDADE
DE PORTO ALEGRE165
Gitarzysta brazylijski polskiego pochodzenia prezentuje swoją
najnowszą pracę muzyczną poświęconą legendom miasta Porto Alegre
Sergio SECHINSKI
IGREJA POLONESA DE PORTO ALEGRE COMEMORA
OS 85 ANOS DE CRIAÇÃO167
Kościół Polski w Porto Alegre obchodzi 85 lat powstania
JUBILEU DE 25 ANOS DE SACERDÓCIO
DO PE. ANDERSON SPEGIORIN SCHR171
Jubileusz 25-lecia kapłaństwa ks. Andersona Spegiorina SChr
O JUBILEU DOS 65 ANOS DO CONJUNTO "POLONIA" 175
Jubileusz 65-lecia zespołu Polonia
JOVENS POLÔNICOS DO BRASIL NO PAÍS DOS SEUS
ANTEPASSADOS177
Młodzież polonijna z Brazylii w kraju swoich przodków
MISSA DE AÇÃO DE GRAÇAS NA CATEDRAL DE
FLORIANÓPOLIS PELOS 150 ANOS DA COLONIZAÇÃO
POLONESA NESSE ESTADO MERIDIONAL DO BRASIL181
Msza dziękczynna w katedrze we Florianópolis za 150 lat polskiego
osadnictwa w południowym stanie Brazylii
A COMUNIDADE POLÔNICA DE PORTO ALEGRE
COMEMORA OS 85 ANOS DA IGREJA POLONESA
DE N. S. DE MONTE CLARO
Wspólnota polonijna w Porto Alegre świętuje 85-lat

Kościoła Polskiego pod we:	zwaniem Pani Jasnogórskiej
----------------------------	----------------------------

ASSASSINATO DE UM MISSIONÁRIO POLONÊS EM BRASÍLIA	188
Zabójstwo misjonarza polskiego w Brasílii	100
A INVESTIDURA DO NOVO CÔNSUL HONORÁRIO	
DA POLÔNIA NO RIO GRANDE DO SUL	191
Inwestytura nowego konsula honorowego Polski w Rio Grande	
do Sul	
O BRASIL CONHECE A POLÔNIA ATRAVÉS	
DO SEU COLORIDO FOLCLORE	194
Brazylia poznaje Polskę poprzez nasz kolorowy folklor	
BRASILEIROS DE RAÍZES POLONESAS DEMONSTRAM	
ORGULHO E ALEGRIA PELO SEU POLONISMO	202
Brazylijczycy polskiego pochodzenia ukazują dumę i radość	
ze swej polskości	

EDITORIAL

Olhando para os fatos ocorridos neste segundo semestre de 2019, podemos tirar a conclusão de que esse foi um tempo rico em importantes eventos. Lembrá-los e descrevê-los num periódico que possui um centro de interesse muito restrito torna-se pouco real e praticamente impossível. Mesmo em questões relacionadas com a temática do nosso periódico, tentaremos fazer delas um esboço muito leve e discreto. Dentre os muitos assuntos e questões que podem despertar o interesse do leitor, selecionamos apenas alguns. Se as questões apresentadas despertarem o interesse do leitor do nosso periódico, isso será para nós um sinal de que os frutos do trabalho dos autores dos textos publicados contaram com uma adequada recepção. Para a adequada compreensão, quero ao mesmo tempo esclarecer que textos alusivos a datas concretas foram apresentados cronologicamente. Os textos oficiais que recebemos da Polônia não contam com um resumo. O leitor da Polônia, ao tomar conhecimento do sumário dos conteúdos da presente edição do periódico, terá com certeza a possibilidade de ter acesso ao texto original. Convido, portanto, a um olhar para todo o material especificado no Sumário e à leitura dos diversos artigos.

Na seção *POLÔNIA*, os dois primeiros textos publicados são discursos do presidente da Polônia Andrzej Duda pronunciados durante as comemorações dos 80 anos da eclosão da Segunda Guerra Mundial. O terceiro texto de chefe de Estado polonês é uma mensagem aos participantes de uma solenidade que se realizou em Westerplatte, onde a marinha de guerra nazista começou o bombardeio do litoral polonês defendido pelos soldados poloneses, bem como por funcionários do correio polonês. Em seguida publicamos uma reportagem de Aleksandra Luszczyńska e Paulina

Pudlis sobre uma solenidade que rememorou a eclosão da Segunda Guerra Mundial na Câmara dos Deputados em Brasília. Por sua vez Elżbieta Budakowska lembra o aniversário dos 450 anos da morte de Mikołaj Rej, um eminente poeta e escritor polonês do período da Renascença. É popularmente conhecido o brocardo de Rej: "Os poloneses não são gansos, e eles têm a sua língua!". A ninguém é preciso lembrar a figura excepcional que foi o papa polonês S. João Paulo II. Por ocasião das comemorações de mais um aniversário da escolha do cardeal Karol Wojtyła como papa, a Conferência do Episcopado da Polônia encaminhou aos fiéis uma carta especial. Há alguns anos, no domingo mais próximo do dia da eleição do papa S. João Paulo II é organizado na Polônia o Dia Pontifício com o objetivo de recordar a sua figura, a sua influência na Igreja católica, bem como mudanças ocorridas na Europa Centro-Oriental. oportunidade os jovens recolhem donativos para a Obra do Novo Milênio. Com os recursos coletados são apoiados os jovens idôneos que não têm suficientes meios financeiros para estudar. Por um determinado período, a Obra apoiou também jovens polônicos do Brasil que iam estudar no país dos seus antepassados. Graças a essa Obra, alguns milhares de jovens poloneses já puderam concluir os estudos e agora apoiam essa fundação, para que outros jovens possam realizar os seus planos e ser úteis ao país. Esta primeira seção da revista é coroada por um texto de Piotr Kilanowski dedicado a Olga Tokarczuk, que há algumas semanas foi agraciada com o Prêmio Nobel de Literatura, referente ao ano de 2018. Para alguns leitores os textos da mencionada escritora são controvertidos, da mesma forma que ocorreu com outra laureada polonesa com o mesmo prêmio, Wisława Szymborska. No entanto, como poloneses ou descendentes de poloneses e fascinados pela literatura, devemos nos alegrar e sentir orgulho porque alguém da Polônia foi percebido e recebeu o prestigiado Prêmio Nobel.

Na segunda seção, ARTIGOS, propomos aos nossos leitores uma temática variada, que com certeza despertará entre vocês muito

interesse. Jerzy Mazurek, ao nos apresentar a figura do político Roman Dmowski, enfatiza o fascínio que ele sentia pelo Brasil. Dmowski foi um dos chamados pais da Polônia independente. A seguir, Mariano Kawka chama a atenção para vultos selecionados de poloneses e brasileiros de origem polonesa que pelo seu trabalho e pelo seu esforço trouxeram uma contribuição pessoal para o desenvolvimento do Brasil. Por sua vez Aline Azevedo Larroyed, graças à leitura do livro Imperium, de autoria de Ryszard Kapuściński (1932-2007), como ela mesma enfatiza, pôde compreender melhor questões relacionadas com a cultura, a política e a humanística. Embora já se tenham passado 25 anos desde a publicação da tradução brasileira dessa obra de Kapuściński, segundo a autora a leitura do seu livro aborda uma problemática que pode ajudar-nos a compreender o mundo que nos cerca. O autor seguinte, Iraci José Marin, escreve sobre os primórdios da imigração polonesa no Brasil. Estou convencido que nunca serão suficientes as pesquisas, os estudos e as publicações relacionadas com aquele período, que com certeza não foi fácil para aqueles que decidiram deixar a Polônia, durante 123 anos ocupada por potências estrangeiras, e escolher um país desconhecido, a respeito do qual sonhavam que encontrariam nele o que lhes faltava na Pátria dominada pelas potências ocupantes: a liberdade, a possibilidade de usar em público a sua língua pátria e de decidir sobre o seu próprio futuro. Neste ano estamos vivenciando o aniversário dos 150 anos da vinda do primeiro grupo de colonos poloneses ao estado de Santa Catarina. Nazareno Dalsasso Angulski, ao nos falar de duas cidades do mencionado estado onde se estabeleceram os poloneses - Brusque e Massaranduba, relaciona as características deles, graças às quais enriqueceram aquela região, a saber: a criatividade, a dedicação ao trabalho, a perseverança e a profunda fé. Nilton Proença, em sua reportagem, descreve a celebração do aniversário dos 150 anos da vinda dos colonos da Polônia, concretamente de Siołkowice, na Baixa Silésia, a Brusque.

Na seção seguinte do nosso periódico, *TRADUÇÕES*, Piotr Kilanowski traduziu para a língua portuguesa uma breve texto da escritora Olga Tokarczuk, agraciada com o Prêmio Nobel de Literatura, intitulado *Você é uma parte importante*. Trata-se de uma interessante reflexão da escritora, escrita logo após receber a informação de que lhe havia sido atribuído o prêmio literário.

Por sua vez na seção *RESENHAS* publicamos o fruto do trabalho de Piotr Kilanowski intitulado *Informe da Cidade Letrada*, no qual o autor enumera uma lista de edições relacionadas com a literatura polonesa e que foram publicadas no Brasil de outubro de 2018 a outubro de 2019. A seguir publicamos a resenha de três livros. Renata Siuda-Ambroziak comenta a monografia de autoria de Adriano Malikoski sobre as escolas polonesas no Rio Grande do Sul. Em seguida Mariano Kawka apresenta a resenha do livro de Herculano Batista Neto dedicado ao Pe. Wenceslau Szuniewicz CM, sacerdote e médico, que com grande dedicação serviu na China e depois no Brasil. A terceira resenha, de autoria, de Cláudia Regina Kawka Martins, apresenta-nos o livro sobre a Polônia e os poloneses de autoria de Iraci J. Marin.

Na última seção, *CRÔNICAS*, publicamos reportagens relacionadas com a América Latina, mas sobretudo com a coletividade polônica no Brasil. Elżbieta Budakowska descreve a realização do II Dia da América Latina, promovido no Parlamento da Polônia, onde os palestrantes apresentaram as possibilidades, os desafios, bem como as possibilidades de cooperação com os países da América Latina. Carlos Lichman - um guitarrista brasileiro de raízes polonesas apresenta as suas composições musicais dedicadas às lendas da cidade de Porto Alegre. Sergio Sechinski escreve sobre a Igreja Polonesa em Porto Alegre que foi construída pelos imigrantes poloneses e pelos seus descendentes num período de grande crise econômica mundial. A inauguração do santuário polonês ocorreu em 1934. As nove reportagens seguintes, de autoria do redator do periódico, são dedicadas a eventos ocorridos em comunidades polônicas no Sul do

Brasil. O autor dessas reportagens descreve as solenidades de que participou pessoalmente, e que tinham caráter diverso. Vivendo há 40 anos do Brasil, o autor dos textos publicados olha para os diversos eventos organizados pelos brasileiros de origem polonesa como alguém que veio da distante Polônia, mas ao mesmo tempo também como uma pessoa que descreve as solenidades, as comemorações de que participou como alguém que procura tomar parte ativa nesses acontecimentos. Trata-se, portanto, de uma dupla visão do redator, como pessoa vinda de longe, mas que também é participante dos fatos descritos.

Ao apresentar aos caros leitores mais uma edição do periódico, espero que encontrem nele textos que ampliarão o seu olhar para as questões abordadas e os familiarizarão com o diversificado conteúdo dos artigos, onde encontrarão textos oficiais, resenhas de livros, bem como narrativas de fatos, eventos, memórias, solenidades.

Este ano de 2019 que está chegado ao fim já é o décimo ano da publicação de *POLONICUS – Revista de reflexão Brasil-Polônia*. Se olharmos um pouco para trás, perceberemos que o periódico anterior, *PROJEÇÕES – Revista de estudos polono-brasileiros*, também foi publicado por dez anos e teve 20 edições.

Desejo-lhes, portanto, uma agradável leitura e ao mesmo tempo convido à colaboração nesta revista, na qualidade de autores voluntários.

Zdzislaw Malczewski SChr redator

WSTEP

Spogladając na wydarzenia mające miejsce w kończącym się drugim półroczu 2019 r. możemy wyciągnąć wniosek, że był to czas bogaty w wiele ważnych wydarzeń. Przypomnienie i opisanie ich w periodyku, który ma bardzo zawężony zakres zainteresowania, staje się mało realne i praktycznie niemożliwe. Nawet w kwestiach związanych z problematyką naszego periodyku ośmielimy się zaledwie dyskretnie i bardzo lekko zarysować. Spośród wielu dziedzin i aspektów, które mogą wzbudzić zainteresowanie czytelnika wybraliśmy tylko niektóre. Jeżeli zaprezentowane kwestie wzbudzą zaciekawienie czytelnika naszego czasopisma, to będzie dla nas znakiem, że owoce pracy autorów zamieszczonych tekstów znalazły właściwy odbiór. Dla właściwego zrozumienia pragnę równocześnie wyjaśnić, że teksty nawiązujące do konkretnych dat zostały zamieszczone chronologicznie. Pod oficjalnymi tekstami, jakie otrzymaliśmy z Polski nie będzie streszczenia. Czytelnik z Polski zaznamiając się ze spisem treści niniejszego wydania periodyku, będzie z pewnością znał możliwość dotarcia do oryginalnego tekstu. Zapraszam zatem do spoglądnięcia na cały materiał wyszczególniony w spisie treści i pochylenie się nad poszczególnymi artykułami.

W dziale *POLSKA* zamieszczone pierwsze teksty to dwa przemówienia Prezydenta Polski Andrzeja Dudy wygłoszone podczas obchodów 80 rocznicy wybuchu II wojny światowej. Trzeci tekst głowy Państwa Polskiego to przesłanie do uczestników uroczystości odbywającej się na Westerplatte, gdzie hitlerowska marynarka wojenna rozpoczęła ostrzał polskiego wybrzeża bronionego przez żołnierzy polskich, jak też pracowników placówki polskiej poczty. Z kolei zamieszczamy reportaż Aleksandry Luszczyńskiej i Pauliny Pudlis o upamiętnieniu wybuchu drugiej wojny światowej przez Izbę deputowanych brazylijskich w stołecznej Brasílii. Z kolei Elżbieta Budakowska przypomina 450 rocznicę

śmierci Mikołaja Reja wybitnego polskiego poety i pisarza okresu Odrodzenia. Znane jest popularne powiedzenie Reja "Polacy, nie gęsi i swój język mają"! Nikomu nie trzeba przypominać wyjątkowej postaci, jaką był papież Polak Jan Paweł II. Z okazji obchodów kolejnej rocznicy wyboru kardynała Karola Wojtyły na papieża Konferencja Episkopatu Polski skierowała do wiernych specjalny list. Od kilkunastu już lat w najbliższą niedzielę dnia wyboru papieża Jana Pawła II organizowany jest w Polsce Dzień Papieski w celu przypominania jego postaci, wpływu na Kościół katolicki, jak też na przemiany w Europie środków-wschodniej. Z tej okazji przed kościołami młodzież zbierała do puszek ofiary na Dzieło Nowego Tysiąclecia. Z zebranych funduszy wspierana jest zdolna młodzież, która nie ma wystarczających warunków finansowych do studiów. Przez pewien okres Dzieło wspierało także młodzież polonijną z Brazylii, która podejmowała studia w kraju pochodzenia swoich przodków. Dzięki temu Dziełu już kilka tysięcy młodych Polaków mogło ukończyć studia i teraz wspierają tę fundację, aby inni młodzi mogli realizować swoje plany i być użytecznymi dla kraju. pierwszego Ukorowaniem, tego działu, jest tekst Kilanowskiego poświęcony Oldze Tokarczuk, która kilka tygodni temu otrzymała Nagrodę Nobla z literatury za 2018 r. Teksty wspomnianej noblistki dla niektórych czytelników są kontrowersyjne, podobnie jak było z inną polską noblistką Wisławą Szymborską. Jednak jako Polacy, czy fascynanci literatury, winniśmy się cieszyć i być dumnymi z faktu, że ktoś z Polski został dostrzeżony i otrzymał prestiżową nagrodę Nobla!

W drugim dziale *ARTYKUŁY* proponujemy naszym czytelników różnorodną tematykę, która z pewnością wzbudzi wśród was wiele zainteresowania. Jerzy Mazurek przybliżając nam postać polityka Romana Dmowskiego podkreśla jego fascynację Brazylią. Dmowski był jednym z tak zwanych ojców niepodległej Polski. Mariano Kawka zwraca uwagę na wybrane postacie Polaków i Brazylijczyków polskiego pochodzenia, którzy swoja pracą,

zaangażowaniem wnieśli osobisty wkład w rozwój Brazylii. Natomiast, kolejna autorka, Aline Azevedo Larroyed dzięki lekturze książki "Imperium" autorstwa Ryszarda Kapuścińskiego (1932-2007), jak sama podkreśla mogła lepiej zrozumieć kwestie związane z kulturą, polityką i humanistyką. Chociaż minęło już 25 lat od wydania tłumaczenia wspomnianego brazylijskiego Kapuścińskiego to, według autorki, lektura jego książki porusza problematykę, która pomoże nam zrozumieć otaczający nas świat. Iraci José Marin pisze o początkach imigracji polskiej w Brazylii. Jestem przekonany, że nigdy dosyć, badań, studiów i publikacji dotyczących tamtego okresu, który z pewnością nie był łatwy dla tych, którzy zdecydowali się opuścić okupowaną przez 123 lata przez zaborców Polskę i wybrać nieznany sobie kraj, o którym marzyli, że znajdą w nim to, czego brakowalo im w okupowanej Ojczyźnie przez trzech zaborców: wolności, możliwości publicznego używania swojego ojczystego języka i decydowania o przyszłości swojego kraju. W obecnym roku przeżywamy 150 rocznicę przybycia pierwszej grupy polskich osadników do stanu Santa Catarina. Nazareno Angulski przybliżając nam dwa dzisiejsze wspomnianego stanu, gdzie osiedlali się Polacy: Brusque i Massaranduba, wymienia ich charakterystykę, dzięki której wzbogacili ów region, a mianowicie: kreatywność, poświęcenie się pracy, wytrwałość i głęboką wiarę. Nilton Proença w reportażu opisuje świętowanie 150 rocznicy przybycia osadników z Dolnego Śląska, a konkretnie z Siołkowic do Brusque.

W kolejnym dziale naszego periodyku *TŁUMACZENIA* Piotr Kilanowski przełożył na język portugalski krótki tekst noblistki Olgi Tokarczuk pt. *Jesteś ważną częścią*. Jest to ciekawa refleksja noblistki napisana ktrótko po otrzymaniu informacji, że została jej przyznana nagroda Nobla z literatury.

Natomiast w *PRZEGLĄDZIE LITERACKIM* zamieszczamy, jako pierwszy tekst, owoc pracy Piotra Kilanowskiego zatytułowany *Raport z literackiego miasta*, w którym autor wymienia listę publikacji

związanych z polską literaturą, a które zostały opublikowane w Brazylii od października 2018 do października 2019 r. Z kolei publikujemy omówienie trzech wydań książkowych. Renata Siuda-Ambroziak omawia monografię autorstwa Adriana Malikoskiego o polskich szkołach w Rio Grande do Sul. Z kolei Mariano Kawka prezentuje recenzję książki Herculana Batisty Neto poświęconej ks. Wacławowi Szuniewiczowi, CM, kapłanowi i lekarzowi, który z wielkim poświęceniem służył jako misjonarz w Chinach, a później w Brazylii. Trzecia recenzja autorstwa Claudii Reginy Kawka Martins przybliża nam książkę na temat Polski i Polaków, której redaktorem jest Iraci J. Marin.

W ostatnim dziale WYDARZENIA zamieszczamy reportaże wydarzeń związanych z Ameryką Łacińską, ale przede wszystkim ze społecznością polonijną w Brazylii. Elżbieta Budakowska opisuje realizację 2 Dnia Ameryki Łacińskiej, jaki odbywał się w Sejmie RP, gdzie paneliści ukazywali możliwości, wyzwania, a także możliwości współpracy z krajami kontynentu latynoamerykańskiego. Carlos Lichman - gitarzysta brazylijski o polskich korzeniach przedstawia swoje kompozycje muzyczne poświęcone legendom miasta Porto Alegre. Sergio Sechinski pisze o Kościele Polskim w Porto Alegre, który został zbudowany przez polskich imigrantów i ich potomków w okresie największego światowego kryzysu ekonomicznego. Inauguracja polskiej świątyni nastąpiła w 1934 r. Kolejne 9 reportaży autorstwa redaktora periodyku poświęcone zostały wydarzeniom, jakie miały miejsce we wspólnotach polonijnych na południu Brazylii. Autor tych reportaży opisuje uroczystości, w których uczestniczył osobiście, a które miały różny charakter. Przebywając od 40 lat w Brazylii, autor zamieszczonych tekstów, stara się spojrzeć na różne przez wydarzenia organizowane Brazylijczyków polskiego pochodzenia, jako ktoś, kto przybył z dalekiej Polski, równocześnie także, jako osoba, która opisuje uroczystości, obchodzy, w których brał udział, jako osoba starająca się uczestniczyć aktywnie w tych wydarzeniach. Jest to zatem podwójne spojrzenie redaktora,

jako osoby przybyłej z daleka, ale też będącej uczestnikiem opisywanych faktów.

Przekazując Drogiemu Czytelnikowi kolejną edycję periodyku, mam nadzieję, że znajdzie w niej teksty, które poszerzą mu horyzont spojrzenia na poruszone kwestie i zbliży go do różnorodnej treści artykułów, gdzie spotka oficjalne teksty, recenzje opracowań książkowych, a także narrację faktów, wydarzeń, wspomnień, uroczystości.

Kończący się 2019 r. jest już dzisiątym rokiem wydawania POLONICUSA - czasopisma poświęconego refleksji Brazylia – Polska! Jeżeli spojrzymy trochę wstecz to uświadomimy sobie, że poprzedni periodyk PROJEÇÕES – czasopismo studiów polsko-brazylijskich, również ukazywał się przez 10 lat i ukazało się 20 numerów wspomnianego periodyku.

Życzę zatem miłej lektury i zarazem zapraszam do współredagowania tego pisma, w charakterze autora wolontariusza!

Zdzisław Malczewski SChr redaktor

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA POLÔNIA NAS COMEMORAÇÕES DOS 80 ANOS DA ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM WIELUŃ*

Honrados Combatentes e todos os Moradores de Wieluń que recordam aquela trágica manhã de 1 de setembro de 1939,

Mui Prezado Senhor Presidente da República Federal da Alemanha,

Prezado Senhor Presidente do Senado,

Prezados Senhores Ministros,

Honradas Excelências, Senhores Bispos de todas as profissões religiosas,

Honradas Senhoras e Senhores Deputados, Senadores,

Mui Prezados Representantes das autoridades da voivodia – Senhor Voivoda, Senhor Presidente; do distrito – Senhor Estaroste, Prezadas Senhoras e Senhores, Dirigentes, Conselheiros; e da cidade – na pessoa do Senhor Prefeito,

Caros Moradores de Wieluń, do distrito, da terra de Wieluń, Todos os Eminentes Hóspedes Presentes!

Esta é uma antiga cidade polonesa. Com certeza já era cidade – como apontam as fontes históricas – em 1286. Talvez tenha obtido os direitos de cidade em 1281. Já tem, portanto, a sua longa história. E

^{*} https://www.prezydent.pl/aktualnosci/wypowiedzi-prezydenta-rp/wystapienia/art,794,wystapienie-prezydenta-rp-w-wieluniu-na-obchodach-obchodow-80-rocznicy-wybuchu-ii-ws-.html.

No dia 4 de outubro de 2019 foi obtida a autorização do Escritório do Direito e do Regime da Chancelaria do Presidente da República da Polônia para a reutilização da informação do setor público. A Chancelaria do Presidente da República da Polônia não é responsável pela reutilização da informação.

nessa história vivenciou dois momentos terrivelmente trágicos. Em 1631 a cidade foi destruída por um incêndio, praticamente toda ela. A maioria das edificações com toda a certeza era então de madeira, ocorreu um incêndio e o fogo consumiu propriamente a cidade inteira, com exceção do castelo, o qual – ainda que em parte danificado – conseguiu sobreviver. A cidade foi reconstruída. As pessoas – os moradores daqui – a reconstruíram pela vontade de perdurar e de sobreviver, pela vontade de voltar às suas propriedades.

Trezentos anos depois – exatamente 308 anos depois – às 4h40, sem que ninguém esperasse por isso, teve início uma destruição que perdurou por todo aquele trágico dia e fez com que desaparecesse 90% do antigo centro – que 75% da cidade se transformasse em ruínas, e 1 200 pessoas – civis comuns – fossem mortas, assassinadas. Elas não esperavam por isso.

Propriamente – vendo as coisas racionalmente – não podiam prever que os vizinhos do outro lado da fronteira ocidental viessem de repente em aviões, naquela época com os mais modernos bombardeiros de mergulho Ju-87B, que havia menos de um ano faziam parte da frota aérea alemã, e – de repente e sem aviso – lançassem bombas sobre a cidade, na qual não havia exército, não havia nenhum tipo de instalações militares, sobre uma cidade que de forma alguma estava preparada para qualquer defesa. E que começariam pelo hospital – assinalado por uma cruz, como se costuma fazer de acordo com as normas e convenções. Naquele mesmo hospital morreram 32 pessoas – 26 pacientes, quatro enfermeiras e duas irmãs religiosas.

Quem poderia esperar que a Segunda Guerra Mundial se iniciaria por um ato tão drástico, promovido afinal por uma nação civilizada, uma das mais antigas que vivem na Europa? Por uma nação detentora de

tão grande história, com tanta contribuição para a cultura europeia? Por uma nação na qual havia afinal muitas pessoas crentes? Quem poderia esperar que essa trágica guerra, que teve início naquele momento, começaria por aquele ato? Por um ato de barbárie – que não era na realidade um ato de guerra, mas de terrorismo? Por um ataque contra pessoas comuns?!

Aquele foi em Wieluń também um dia específico – uma sexta-feira. Na longa tradição da cidade, esse era o dia de feira. Vieram então à cidade muitas pessoas. Com certeza também os agricultores da redondeza, para vender os seus produtos da terra. As pessoas sentiam que a guerra se aproximava – havia uma grande inquietação, pois anteriormente já havia sido anunciada a mobilização –, mas ninguém previu que pudesse ser atacada uma cidade indefesa. Daquela forma! Com o lançamento de bombas contra pessoas que dormiam, que ali haviam vindo para trabalhar – porque aquele comércio constituía o elemento do seu trabalho, da sua vida.

Esta era na época uma típica cidade polonesa. Residiam aqui poloneses católicos, judeus – cidadãos da República, e também evangélicos. Uma miscelânea de culturas, de costumes, que perdurava, que pulsava – em que as culturas se entrelaçavam. Essa era a clássica II República, que desapareceu, infelizmente, provavelmente para sempre. Foi justamente aquele momento daquela manhã de setembro que deu fim àquela II República, e que deu fim justamente a uma tão cultural, étnica, vicinal e longa história. A Polônia nunca mais voltou a ser igual, mesmo quando recuperou o seu espaço no mapa.

Viajando para cá, pensei comigo: quantas mães então já haviam pulado da cama bem cedo a fim de preparar para seus filhos o uniforme para a escola? Quantas crianças, emocionadas porque estavam iniciando a sua vida escolar, não puderam então adormecer –

e talvez não tenham dormido naquela noite? Aquele era um mundo normal, que foi destruído, arruinado contrariamente a todas as normas, inclusive – o que precisa ser enfatizado – contrariamente às normas do direito internacional, à convenção de Haia, que foi brutalmente transgredida. Aquele foi um crime de guerra. A Segunda Guerra Mundial iniciou-se com um crime de guerra!

Os historiadores falam que isso foi feito com premeditação – que justamente Wieluń devia mostrar que tipo de guerra seria aquela. Que seria uma guerra total, em que não haveria normas de espécie alguma – que seria uma guerra de destruição. Era assim, afinal, que treinavam os seus soldados os comandantes nazistas da Luftwaffe. Diziam eles: "Lá embaixo, quando vocês sobrevoarem cidades do inimigo, não há pessoas. Esses seres não são pessoas! Pessoas são apenas os nossos soldados, que atacam o inimigo". Essa é a verdade histórica. Hoje isso parece até ser difícil de imaginar.

Mas, infelizmente – como se vê – o mundo teve que sobreviver a essa hecatombe para receber uma terrível lição, que custou dezenas de milhões de existências humanas no mundo inteiro. Que custou igualmente dezenas de milhões de existências de simples civis – pessoas não envolvidas na luta, pessoas sem armas nas mãos. A maior hecatombe há história da humanidade! Terrível para a Polônia – destruída – que perdeu 6 milhões dos seus cidadãos, entre eles 3 milhões de origem judia brutalmente assassinados nos campos de extermínio em muitos lugares.

Assim foi a Segunda Guerra Mundial, que devastou o mundo. Da qual nunca nos esqueceremos, porque dela não podemos esquecernos. Mesmo quando as suas testemunhas oculares já se afastarem. Quando permanecer registrada somente nas páginas da história, nos filmes e nas fotos de arquivos. Não podemos dela esquecer-nos, para que aquilo que aconteceu em Wieluń, e depois em muitas outras

cidades na Polônia e no mundo, jamais se repita. Este talvez seja o nosso grande compromisso: que disso nos lembremos e que transmitamos isso às gerações seguintes.

Agradeço por hoje se encontrarem aqui pessoas para poderem encontrar-se e conversar com aquelas que ainda se lembram, porque se encontram entre nós. Com respeito inclino a fronte diante dos nossos caros combatentes, dos veteranos e de todos os moradores atuais que se lembram daqueles dias. Agradeço por Vocês falarem disso aos jovens, por levarem adiante a grande obra da edificação da memória histórica – sobre a história como ela foi na realidade. Porque até a mais terrível das histórias deve ser recordada como ela realmente foi. Porque somente a verdade histórica pode cicatrizar as feridas – em conjunto com outras ações que conjuntamente possam ser promovidas.

Agradeço-Lhes por estarem conosco e por terem vindo também hoje para honrar este 80° aniversário, e sobretudo para prestar uma homenagem àqueles que foram assassinados, que morreram, cujos sonos foram interrompidos por aquele ato criminoso e por toda a terrível hecatombe da Segunda Guerra Mundial.

Mas este 80º aniversário é realmente excepcional. Estou convencido, Senhor Prefeito, que passará à história da amizade polono-germânica como na realidade o quarto acontecimento tão significativo. Encontrase conosco o Senhor Presidente da República Federal da Alemanha, Frank-Walter Steinmeier. Encontra-se conosco o Embaixador da República Federal da Alemanha. Encontra-se conosco toda a delegação presidencial.

Julgarão as Senhoras e os Senhores que é fácil vir a uma cidade que há 80 anos foi brutalmente destruída por pessoas da sua nação da geração anterior, por seus pais e avós? Julgarão as Senhoras e os

Senhores que é fácil vir e olhar nos olhos daqueles que sobreviveram, e talvez dos filhos e dos netos daqueles que pereceram? Ou que trouxeram e trazem consigo esse trauma por toda a sua vida?

Senhor Presidente, agradeço por essa presença e postura. Olho para o Senhor, nós conversamos e vejo uma pessoa que veio com humildade, com a cabeça inclinada, para prestar honra e homenagem, para partilhar a dor. Mas para os moradores – assim penso, porque assim é para mim – uma coisa é a mais importante: que o Senhor se encontre aqui. E essa é uma forma de satisfação moral, que o Senhor venha a este lugar, que se coloque diante na verdade e diante de uma verdade muito difícil para os alemães e a Alemanha. Mas, visto que a Alemanha nunca negou essa verdade – e justamente por isso o Senhor se encontra aqui – essa verdade tem uma força libertadora, a força que traz o perdão, a força de unir e edificar a amizade. Agradeço por essa obra à Sua presença de hoje.

Quero dizer às Senhoras e aos Senhores que me encontrei com o Senhor Presidente no outono do ano passado. E o Senhor Presidente me perguntou: "O que o Senhor acha: onde deve ser honrado o 80º aniversário da Segunda Guerra Mundial?". Eu respondi: "Senhor Presidente, há na Polônia dois lugares indicados para isso, nos quais realmente teve início a guerra – Westerplatte, onde uma guarita militar polonesa foi atacada pelo couraçado *Schleswig-Holstein* e por destacamentos alemães, e Wieluń, onde não houve luta, porque vieram os aviões alemães e bombardearam pessoas simples que dormiam. Escolha, Senhor presidente, porque o Senhor será um convidado dessa solenidade". E o Presidente disse: "Vamos a Wieluń". Po isso estamos aqui hoje juntos.

Acreditem, senhoras e senhoras, estou convencido de que é mais fácil ir aonde lutaram os soldados do que aonde o exército bombardeou criminosamente pessoas simples que dormiam. Agradeço, Senhor

Presidente, por essa escolha também porque o Seu pronunciamento e a Sua presença aqui com toda a certeza serão registrados pelos meios de comunicação na República Federal da Alemanha. E graças a isso, a respeito da tragédia de Wieluń e dos seus moradores e a respeito de como foi na realidade o início da Segunda Guerra Mundial ficarão sabendo aqueles que disso devem saber, isto é, os alemães.

Afinal - pelo que a vida me ensinou – na Alemanha não se fala muito a respeito de Wieluń. Hoje, com certeza, Wieluń será um dos primeiros temas na Alemanha. E por isso também agradeço, porque é importante que os alemães – e especialmente os jovens – conheçam a verdadeira história, tal como ela foi, justamente para que disso possamos tirar conclusões.

Mas alegro-me também porque se encontram aqui jovens de cidades alemãs amigas de Wieluń – o que é justamente uma grande obra de amizade, de reconciliação e de edificação da paz entre as nações: que os jovens se encontrem juntos, que se realize o intercâmbio interescolar, que a obra da amizade seja edificada. Agradeço também ao Senhor Presidente pela contribuição para essa obra e pelo apoio a ela demonstrado.

Aquilo foi um crime. Toda a Segunda Guerra Mundial foi um único grande crime provocado pela insana cobiça do poder, por insanas ambições imperiais, mas provocado sobretudo pelo desprezo a outras nações – considerando os outros como subumanos ou nem como seres humanos, como objetos de uma categoria inteiramente diversa, que deviam ser totalmente destruídos, como devia ser totalmente destruída a nação judia, ou do tipo dos que devem ser feitos escravos, com devia ocorrer com a nossa nação.

Sobrevivemos porque nunca nos faltou o espírito. Creio que a República da Polônia – como Estado – e a nossa nação continuarão a

existir e a se desenvolver. Mas acredito também que, visto que vamos lembrar-nos da nossa história – e daquilo que nela foi trágico – de ambos os lados da fronteira ocidental polonesa de hoje, poderemos sobre esse fundamento edificar a amizade e a segurança para as próximas décadas e os próximos séculos não somente para nós – isto é, para a Polônia e a República Federal da Alemanha – mas também para as outras nações, lembrando-nos daquela trágica experiência e tirando dela as devidas conclusões.

Honra e glória aos heróis! Lembrança eterna dos que pereceram!

PRONUNCIAMENTO DO PRESIDENTE DA POLÔNIA DURANTE AS COMEMORAÇÕES DOS 80 ANOS DA ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL*

Honrados Combatentes, nossos mais caros Defensores da Pátria, Honradas Senhoras e Prezados Senhores Presidentes, Eminentes Senhoras e Eminentes Senhores Presidentes de Parlamentos, Mui Prezados Senhores Primeiros-Ministros com a Senhora Chanceler da Alemanha,

Prezados Senhores Ministros, Prezados Senhores Deputados, Senadores,

Prezados Senhores Generais,

Prezadas Senhoras e Prezados Senhores Oficiais, Suboficiais, Soldados,

Todos os Eminentes Convidados Presentes,

Habitantes de Varsóvia,

Caros Compatriotas,

Todos os nossos Amigos e Aliados!

Cinquenta milhões ou, num cálculo um pouco diferente, oitenta milhões de pessoas foram vítimas daquele terrível conflito armado que se iniciou há oitenta anos. Oitenta milhões, se contarmos não apenas todas as pessoas que foram mortas, assassinadas, mas também aquelas que em consequência da guerra morreram de fome, de

^{*} https://www.prezydent.pl/aktualnosci/wypowiedzi-prezydenta-rp/wystapienia/art,795,wystapienie-prezydenta-rp-w-warszawie-podczas-obchodow-80-rocznicy-wybuchu-ii-ws-.html.

No dia 4 de outubro de 2019 foi obtida a autorização do Escritório do Direito e do Regime da Chancelaria do Presidente da República da Polônia para a reutilização da informação do setor público. A Chancelaria do Presidente da República da Polônia não é responsável pela reutilização da informação.

doenças e de miséria – 3 por cento da população do mundo daquele tempo. Olhando para a Europa, poderíamos dizer: um grande país europeu, a sua população de repente desapareceu no decorrer de seis anos e deixou a terra vazia. Hoje se torna difícil imaginar isso – o maior cataclismo histórico e o conflito armado que produziu os mais terríveis sacrifícios até hoje vistos na história da humanidade.

Nós nos lembramos! Temos que nos lembrar! E por isso aqui estamos hoje. Agradeço a todos os Presentes – aos nossos eminentes convidados do mundo inteiro – por terem aceitado os convites, por terem vindo a Varsóvia, às vezes ao outro lado do globo, para estarem aqui juntos, para mostrar ao mundo que nos lembramos! Alguém – talvez jovem, talvez com uma visão arrogante da vida – poderia dizer: Por que nos lembramos? Por que recordar isso?

Há uma cantiga polonesa, muito apreciada, composta logo após o término da Segunda Guerra Mundial, em que se encontra este trecho: "Crianças novas haverão de nascer e – veja – vão rir de nós porque nós novamente recordamos esse tempo infame, essa época de tempestades". Lembramo-nos e vamos lembrar-nos por gratidão a todos que lutaram, que sacrificaram a sua vida por um mundo livre, pela defesa do mundo contra o totalitarismo nazista, contra o fascismo, contra o terror – para que as pessoas pudessem viver livres, pudessem decidir o seu próprio destino, alegrar-se com a sua felicidade.

Honramos e prestamos hoje todas as vítimas da Segunda Guerra Mundial e lhes prestamos uma grande homenagem. Inclinamos profundamente as nossas frontes e com gratidão beijamos as mãos dos combatentes, dos nossos maravilhosos defensores das pátrias – daqueles que lutaram pela liberdade de todos em todas as frentes do mundo de então. Caros Combatentes, Caros Soldados da Nossa

Liberdade, de todo o coração por isso Lhes agradecemos, onde quer que Vocês se encontrem hoje no mundo!

Mas há ainda um outro motivo: parece que a humanidade ainda não tirou as conclusões suficientes daquela terrível lição que vivenciou. Porque continuam a ocorrer neste mundo – e em tempo não muito distante – limpezas étnicas, e ocorre o genocídio agora, nos nossos tempos. Afinal, fomos testemunhas disso não faz muito tempo nos países da antiga Iugoslávia, na Ruanda. É justamos por isso que nos lembramos, para que nunca no mundo ocorram tais acontecimentos, sofrimentos, brutalidades. E justamente por isso, também, temos que nos lembrar e agir, tirando conclusões daqueles acontecimentos.

E, em terceiro lugar, ocorre ainda que para algumas nações aquela guerra teve uma dimensão especial, que deixou atrás de si, em muitos lugares, uma marca e um estigma absolutamente indelével, que durante o tempo todo permanece em muitas almas, que é visível também em muitos lugares – da arquitetura não cicatrizada, da beleza que perderam as cidades destruídas durante a guerra, e que não puderam ser reconstruídas segundo os mesmos padrões, em razão a falta de recursos, em razão do trauma da guerra.

A nação a que pertenço – a polonesa – é justamente uma dessas nações. Foi aqui que teve início, no dia 1 de setembro de 1939, a Segunda Guerra Mundial com o ataque da Alemanha nazista contra a guarita militar polonesa em Westerplatte, mas também, ao mesmo tempo, com o ataque contra a uma cidade que dormia – que não podia defender-se e estava inteiramente despreparada, na qual não havia nenhum tipo de destacamentos militares, nenhum tipo de instalações militares, na qual simplesmente dormiam pessoas comuns. Contra pequena cidade polonesa de Wieluń, completamente bombardeada, destruída em 75% com alguns ataques aéreos justamente no dia 1 de

setembro de 1939, a partir das 4h40 da manhã, quando 1 200 pessoas morreram praticamente na hora.

E depois, aquela guerra, que para nós foi sempre um tempo de luta, a guerra na qual durante o tempo todo não nos rendemos como nação, embora a Polônia tivesse desaparecido do mapa, porque primeiramente fomos atacados pela Alemanha nazista, que impeliu o nosso exército para o leste, e depois, traiçoeiramente, no dia 17 de setembro, fomos atacados pela União Soviética – como se verificou, uma aliada da Alemanha nazista. Os exércitos poloneses foram envolvidos por ambas. E então já todos sabiam que sozinhos não daríamos conta.

Não vou voltar a falar hoje que contávamos então com a ajuda dos nossos aliados. E, embora eles tivessem declarado a guerra, a ajuda de fato não veio. Se tivesse vindo, talvez a história tivesse tomado outro rumo. Mas a Polônia despareceu do mapa e muitos soldados poloneses foram feitos prisioneiros – da Alemanha e da União Soviética. Foi o cativeiro soviético que se gravou de maneira especial na memória da nossa nação, visto que os soviéticos assassinaram mais de 22 mil oficiais poloneses – prisioneiros de guerra – atingidos por tiros na nuca em Katyń e em outros lugares.

Aquela foi uma terrível hecatombe da intelectualidade polonesa, aquela foi uma terrível hecatombe da nossa nação. Aquela foi uma eliminação do tecido nacional polonês dos seus melhores filhos. Do tecido nacional polonês, no sentido amplo do termo. Porque estou pensando aqui simplesmente nos cidadãos do Estado polonês, estritamente falando de nacionalidades bastante variadas: poloneses, judeus, ucranianos – todos eram oficiais do Exército Polonês. Todos eles foram tratados da mesma forma, todos eles foram brutalmente assassinados. Muitas pessoas, inclusive soldados, foram levadas para o interior da Rússia, encontraram-se na Sibéria em condições

dramáticas e morreram nos *gulags*, condenadas a trabalhos forçados. Hoje se torna difícil descrever tudo isso, mas isso foi simplesmente terrível.

E o nosso país desapareceu, veio a ocupação alemã, foi instituída a Governadoria Geral, e toda a nação foi submetida ao absoluto terror. Propriamente ninguém estava seguro do dia ou da hora seguinte. Nas ruas das cidades eram promovidas detenções de pessoas, pessoas simples e inocentes eram levadas em caminhões para campos de concentração, a prisões, a trabalhos forçados na Alemanha. Famílias eram maltratadas, atormentadas, separadas, e seus filhos eram levados. Cidadãos poloneses de nacionalidade judia foram encerrados em guetos. Foram marcados e tratados como não pessoas, foram assassinados, exterminados pela fome e finalmente submetidos a um extermínio absoluto e coletivo. Sobretudo nos campos de concentração, nos campos de extermínio, que a Alemanha nazista construiu também em terras que eram etnicamente polonesas, nas quais existiu outrora o Estado polonês, antes que tivessem sido ocupadas.

Um dos mais conhecidos campos de extermínio foi o de Auschwitz-Birkenau. Campo de concentração no qual durante a Segunda Guerra Mundial foram exterminados 1,1 milhão de judeus de toda a Europa, sobretudo da Polônia. Campo de concentração em que foram exterminados 140 mil poloneses, 23 mil ciganos, 20 mil prisioneiros de guerra do Exército Vermelho e 15 mil pessoas de diversas nacionalidades, trazidas àquele campo de diversos países, praticamente de toda a Europa ocupada pela Alemanha.

Hoje até se torna difícil imaginar tudo isso e lembrar que a Alemanha dessa forma humilhou a nós poloneses – instalando em nossa terra aquela máquina de destruição. Mas hoje somos os seus depositários e cuidamos dela para que dê testemunho ao mundo, para que as

pessoas, especialmente os jovens, venham e saibam o que o ser humano foi capaz de fazer contra outro ser humano e o que significa um regime totalitário. O que significa a crueldade e a falta de respeito aos direitos fundamentais do semelhante, à sua dignidade. Esses campos de concentração alemães, hitleristas, nazistas, essas lembranças daqueles terríveis dias do extermínio da Segunda Guerra Mundial têm que perdurar e vão perdurar.

E um outro elemento dessa memória é também a obrigação nossa de cuidar deles e de estimular os jovens a que viajem e que enfrentem essa vivência terrível e chocante que é a visita a um campo de extermínio, para ver com os próprios olhos essa terrível história. Porém a verdade histórica. A verdade histórica que é tão importante e que liberta. Mas eu quero enfatizar mais uma vez que a minha nação submetida a tantas provações, jamais se rendeu.

Houve o Estado polonês clandestino, houve os 360 mil soldados do Exército Nacional, do exército polonês clandestino, que atuava apesar da ocupação. Que atuava como movimento de resistência. Houve os guerrilheiros que lutavam nas florestas, houve a juventude que estudava e que se apresentou depois aqui em Varsóvia para o levante contra a Alemanha. Embora tivessem poucas armas, embora muitos deles tivessem ido para a luta de mãos vazias, tanto eles desejavam a vingança, tanto desejavam a liberdade, tanto queriam que os ocupantes fossem daqui expulsos que estavam prontos a sacrificar a vida para que esse objetivo fosse realizado. Eles foram esmagados.

Stalin deteve os seus exércitos na linha do Vístula e esperou até que Hitler reprimisse o levante. Varsóvia vivenciou o terror. No decorrer de três dias, no bairro varsoviano de Wola carrascos vestindo uniformes da SS assassinaram 50 mil pessoas, 50 mil civis inocentes. Pessoas desarmadas, pessoas não reunidas em nenhum tipo de formações armadas, pessoas que não atuam na resistência armada.

Moradores comuns de Varsóvia; no total, durante o levante perderam a vida 200 mil civis. Eles são uma parte daquele número terrível dos 80 milhões de vítimas da Segunda Guerra Mundial, entre os quais 50 milhões de vítimas civis. Como nação, como sociedade, como cidadãos poloneses, somos uma parte desses terríveis números. Essa é também a nossa grande herança, mas é também o nosso grande trauma.

Mas os poloneses lutaram em todas as frentes, os poloneses se congregaram nas fileiras do exército polonês que lutou ao lado dos aliados no Ocidente, defenderam a Grã-Bretanha quando os alemães bombardearam Londres, lutaram na batalha pela Inglaterra, foram uns daqueles poucos que tanto fizeram por tantos. Os excelentes aviadores poloneses deram uma demonstração de classe e heroísmo. Sempre vamos nos lembrar disso. Soldados poloneses lutaram em Monte Cassino e conquistaram essa grande fortaleza-convento, encarniçadamente defendida pelos alemães. Depois libertaram cidades na França, na Holanda, na Bélgica, e do outro lado também com o Exército Vermelho vinham os poloneses do Extremo Oriente, justamente aqueles que anteriormente haviam sido levados à Sibéria.

Eles queriam recuperar a sua Polônia, queriam vencer a Alemanha. Estavam prontos a tudo. Derramavam o seu sangue na rota da frente oriental, lutavam pelas terras polonesas, lutavam por Kołobrzeg, lutaram depois por Berlim e tiveram o grande privilégio de poderem içar no Portão de Brandeburgo a bandeira alvo-rubra da Polônia. Variado foi depois o destino dos nossos diversos soldados. Muitos deles não voltaram à Polônia, porque não fomos então os beneficiários daquela grande vitória. Encontramo-nos sob outra ocupação, desta vez soviética. Então se pode dizer que em certo sentido a Segunda Guerra Mundial, no contexto dos seus efeitos políticos, dos efeitos políticos daquele 1 de setembro de 1939, só terminou em 1989.

Durou então bem mais tempo que em outros lugares do mundo. Porque como se pode falar de fim da guerra e de vitória quando não se vive num país verdadeiramente livre, quando não se vive num país verdadeiramente soberano, quando não se vive num país verdadeiramente independente? Quando não se é inteiramente livre?

Mas agradecemos aos nossos aliados do Ocidente livre, do outro lado do Atlântico, por nos terem apoiado naqueles tempos difíceis, porque também em razão da postura deles e da ajuda deles as pessoas do Solidariedade, daquele grande movimento pela liberdade, puderam alcançar a vitória. Foi para nós uma grande satisfação que também graças à nossa resistência, graças à nossa luta pela liberdade caiu depois o muro de Berlim. Também a Alemanha pôde vivenciar a sua unificação como parte da grande comunidade do Ocidente livre, da comunidade da democracia.

Hoje estamos juntos na União Europeia, hoje estamos juntos na Aliança do Atlântico Norte, hoje estamos unidos pelos melhores laços do mundo livre.

Mais uma vez me curvo diante de todos os heróis da Segunda Guerra Mundial, especialmente dos heróis – meus compatriotas, meus concidadãos; diante daqueles que pereceram e daqueles que sobreviveram lutando por uma Polônia livre, soberana e independente, lutando por uma Europa livre, lutando pela liberdade de todos.

Inclino diante de Vocês a minha fonte e Lhes presto homenagem. Vocês são maravilhosos, e lhe agradecemos de todo o coração por estarem hoje conosco e por darem o testemunho de que valeu a pena apresentar-se com coragem e lutar pela liberdade. E não se render, até nas piores circunstâncias. Honra e glória aos heróis!

Prezados Senhores, Excelências, Prezados Senhores Presidentes,

quero voltar ao que já mencionei, que hoje no mundo, infelizmente, apesar do progresso civilizacional, apesar daquela terrível lição, continuam ocorrendo atos de limpezas étnicas, assassinatos coletivos e até genocídios. Que estamos presenciando ultimamente, mesmo na Europa, a volta das tendências imperialistas, tentativas de mudar as fronteiras na Europa à força, ataques contra outros países e usurpação de suas terras, subjugação de seus cidadãos.

Eis que aquela lição deve nos ensinar uma coisa: talvez não tivesse havido a Segunda Guerra Mundial se os países do Ocidente se tivessem oposto decididamente à anexação da Áustria, se tivessem colocado um dique decidido às aspirações de Hitler, às suas visões maníacas. Se tivessem protestado rigorosamente contra a forma com que os judeus eram tratados na Alemanha ainda antes da Segunda Guerra Mundial. Se a coletividade internacional de forma rigorosa e decidida assumisse a defesa da Checoslováquia, talvez não tivesse havido o ataque contra a Polônia e talvez não tivesse havido a Segunda Guerra Mundial. Se os líderes da época tivessem sido categóricos, decididos, e não temessem que ocorresse uma outra guerra, porque o resultado foi que ocorreu uma guerra mais terrível ainda que a anterior.

Essa é uma grande lição para nós, os dirigentes da Europa e do mundo de hoje, essa é uma grande lição para nós como aqueles que são membros da Aliança do Atlântico Norte, como aqueles que são membros da União Europeia.

Não podemos permitir que se repitam tais ações. Deve haver sanções, devem ser tomadas medidas decididas, deve ser visível que toda

agressão militar contará com uma resposta absolutamente categórica, decidida, poderosa.

Esses são desafios dos tempos de hoje. E por isso apelo aos Senhores: o *business as usual* e o fechar os olhos não é uma receita para a preservação da paz. Essa é uma forma simples para a insolência de personalidades agressivas. Essa é uma forma simples para permitir de fato novos ataques. Os Senhores sabem como as coisas acontecem. Em 2008 foi a Geórgia, em 2014 a Ucrânia. Até hoje fronteiras alteradas, ocupação, prisioneiros de guerra, provocações militares. Temos que ser decididos. Não podemos permitir, porque essa é a nossa responsabilidade diante das nossas sociedades e diante das sociedades da Europa e do mundo, que ocorra outra agressão armada. Para a que o drama da Segunda Guerra Mundial, que o mundo inteiro vivenciou, jamais se repita.

Honra e glória aos heróis da Segunda Guerra Mundial!

Memória eterna dos que pereceram!

Viva o mundo livre!

Vivam os laços euro-atlânticos!

Viva a democracia!

Viva a liberdade!

Vivam todas as pessoas da justiça, da paz e da liberdade!

Obrigado.

MENSAGEM DO PRESIDENTE DA POLÔNIA PARA AS COMEMORAÇÕES DO 80º ANIVERSÁRIO DA ECLOSÃO DA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL EM WESTERPLATTE^{*}

Participantes e Organizadores das comemorações do 80º aniversário da eclosão da Segunda Guerra Mundial em Westerplatte, em Gdańsk! Honrados Combatentes! Prezados Representantes das Autoridades Centrais e Locais! Soldados da República! Prezadas Senhoras e Prezados Senhores!

Há oitenta anos, na sexta-feira 1 de setembro de 1939, ainda antes do alvorecer, no Armazém Militar de Trânsito em Westerplatte estavam de guarda apenas as sentinelas. O silêncio envolvia o porto de Gdańsk, as praças e os prédios. Mergulhada em sono estava também toda a Wieluń, embora cumprissem as suas obrigações no hospital da cidade as enfermeiras e iniciassem mais um dia de trabalho os padeiros. O silêncio também reinava em Tczew. Dormiam as crianças – ansiosas por brincadeiras com o bom tempo, satisfeitas com as férias

https:www.prezydent.pl/aktualnosci/wypowiedzi-prezydenta-rp/inne/art,1110,prezydenckie-przeslanie-na-80-rocznicy-wybuchu-ii-wojny-swiatowej-na-westerplatte.html.

No dia 4 de outubro de 2019 foi obtida a autorização do Escritório do Direito e do Regime da Chancelaria do Presidente da República da Polônia para a reutilização da informação do setor público. A Chancelaria do Presidente da República da Polônia não é responsável pela reutilização da informação.

A carta foi lida durante as solenidades pelo representante do Presidente, o Ministro Paweł Mucha.

prorrogadas até 3 de setembro. Descansavam os adultos cansados pelo trabalho. Essas eram as últimas horas da paz – da Polônia livre, que com perseverança reconstruía a sua existência independente. As últimas horas antes da eclosão de um cataclismo histórico, que o mundo ainda não conhecia. Para muitos que dormiam, eram os últimos momentos da vida deles.

A vinda do mais trágico capítulo na história da nossa Pátria foi anunciada por salvas do couraçado *Schleswig-Holstein*. A Segunda Guerra Mundial foi iniciada pelo traiçoeiro e covarde ataque da tripulação do navio-escola *Kriegsmarine*, em visita a Gdańsk. Ela foi iniciada ao mesmo tempo por atos de terrorismo e de genocídio, como foram os bombardeios de alvos civis em Wieluń, Tczew, na nossa capital Varsóvia, e em outras cidades. As fronteiras da Polônia foram invadidas por incursões de tanques alemães e por soldados que eram instruídos para se privarem de todos os sentimentos humanos e reflexos de consciência. Por isso, já desde os primeiros dias de setembro de 1939 manifestou-se a pior face do nazismo alemão. De uma ideologia que fazia de uns assassinos sem escrúpulos e de outros – objetos privados de quaisquer direitos e de dignidade, obstáculos no caminho para o triunfo do desprezo racista, do chauvinismo e da bárbara violência.

Mas com a mesma rapidez se verificou que existia também uma outra força poderosa, capaz de dificultar em grande escala a realização daquela criminosa visão da Europa e do mundo. Essa força era o espírito polonês da liberdade e a coragem, a dedicação, a disciplina e a arte militar dos defensores das fronteiras polonesas. Desde as primeiras explosões em Westerplatte e em Wieluń até o ato da capitulação das forças armadas alemãs em maio de 1945, centenas de milhares de poloneses permaneceram na primeira fileira da luta com o regime antipolonês, antieuropeu e anti-humano do III Reich. O primeiro e especialmente glorioso exemplo dessa inquebrantável

resistência foi a defesa de Westerplatte. Cento e oitenta e dois soldados, sob o comando do major Henryk Sucharski e do capitão Franciszek Dąbrowski, em vez das 6 a 12 horas, por 7 dias rechaçaram os ataques do inimigo – que dispunha de uma enorme supremacia numérica e bélica e contava com o apoio dos aviões de bombardeio. Somente no dia 1 de setembro eles resistiram a quatro ataques. A determinação e a coragem deles andavam a par com o controle e o treinamento. Comprovou isso o balanço das perdas, que chegou a 200-300 mortos e 150 feridos do lado alemão e 15 mortos e 50 feridos do lado polonês.

A postura dos heróis de Westerplatte assombrava os agressores. Já naqueles memoráveis dias de setembro tornou-se motivo de orgulho e de singular inspiração para todos os patriotas poloneses. Já então fortalecia os corações dos defensores da República - que, apesar da situação extremamente difícil, lutavam cada vez melhor. As lutas por Westerplatte são e para sempre permanecerão como uma das mais belas e mais honradas páginas nas crônicas das armas polonesas. Com tanto maior alegria recebi a notícia de se colocar neste lugar santo para os poloneses a pedra fundamental para a construção do Museu de Westerplatte e da Guerra de 1939. E justamente daqui que deve incessantemente ecoar a mensagem da memória e da advertência, da paz e da reconciliação europeia. Confio que aqueles que visitarem essa instituição que está para surgir experimentarão uma força transformadora a purificadora, que transmite a plena verdade sobre aquele tempo terrível - documentada e apresentada de acordo com os rigores das ciências históricas. Westerplatte é e sempre será um dos principais lugares de memória e símbolos da mais terrível guerra na história da humanidade.

Honra aos Defensores de Westerplatte! Eterna glória aos Soldados de Setembro!

Honra à memória das vítimas mortas e assassinadas da Segunda Guerra Mundial!

Presidente da República da Polônia Andrzej Duda

CÂMARA DOS DEPUTADOS PROMOVE A EVOCAÇÃO DOS 80 ANOS DA INVASÃO DA POLÔNIA E DO INÍCIO DA II GUERRA MUNDIAL

Aleksandra LUSZCZYNSKA*

Paulina PUDLIS**

A homenagem às vítimas do conflito mundial, a evocação das lembranças daquele período e o caráter educativo foram os objetivos que estimularam a realização da sessão solene, promovida por iniciativa do General Girão, com a cooperação da Embaixada da Polônia em Brasília.

Participaram da solenidade: a encarregada de negócios da Embaixada da Polônia em Brasília Marta Olkowska, o adido de defesa da Polônia Coronel Krzysztof Rojek, o cônsul honorário da Polônia em São Paulo André Bukowinski, o presidente do grupo parlamentar brasileiro-polonês deputado Daniel Silveira, o presidente da comissão de assuntos internacionais deputado Eduardo Bolsonaro, o filho do ex-prisioneiro de guerra Tomasz Lychowski – Rodrigo Lychowski e o escritor Ivan Godoy, bem como alunos das escolas: Colégio Militar de Brasília, Elefante Branco (CEMEB) e CEM 01 Paranoá.

A parte oficial foi inaugurada com um minuto de silêncio evocando as vítimas do conflito e com os hinos da Polônia e do Brasil, executados pela representativa Orquestra da Marinha de Guerra. Os pronunciamentos dos participantes da sessão foram precedidos pela

^{*} Especialista em Cultura e Promoções da Embaixada da República da Polônia em Brasília-DF.

^{**} Estagiária da Embaixada da Polônia no Brasil.

projeção do filme de animação intitulado *Invencíveis*, cujo idealizador é o Instituto da Memória Nacional.

O General Girão agradeceu à Nação Polonesa pela aula de heroísmo e determinação na luta pela soberania do seu país. A seguir tomou a palavra a encarregada de negócios da Embaixada da Polônia em Brasília Marta Olkowska, que agradeceu ao idealizador do evento, bem como a todos os convidados presentes, e esboçou o significado da maior tragédia na história da Polônia, que exige uma contínua recordação. Rodrigo Lychowski leu uma carta de seu pai Tomasz Lychowski trazendo recordações dos tempos da ocupação. O cônsul honorário André Bukowinski assinalou como é importante a memória da II Guerra Mundial e o fato de que, na realidade, como seu final pode ser reconhecido o ano de 1989 - quando o comunismo ruiu na Polônia. O deputado Eduardo Bolsonaro enfatizou experiências dos poloneses, a resistência ativa e a capacidade de superar as dificuldades são visíveis também hoje e constituem um modelo a ser imitado. O evento foi encerrado com os agradecimentos do General Girão a toda a coletividade polonesa no Brasil.

Além de evocar a memória das vítimas da II Guerra Mundial, o evento teve por objetivo igualmente o estreitamento dos laços entre a Polônia e o Brasil. A sessão solene no parlamento brasileiro é uma prova das relações cada vez mais próximas que unem ambos os países e é um expressivo sucesso da diplomacia polonesa. Após a solenidade o General Girão lembrou que a comunidade polônica no Brasil constitui uma das maiores diásporas no mundo e enfatizou o significado da sociedade polonesa. A solenidade foi transmitida ao vivo pela televisão. O evento teve também uma grande repercussão na mídia polonesa. A solenidade no parlamento brasileiro inaugurou um ciclo de eventos anuais preparados pela Embaixada da Polônia, entre os quais pode ser incluída, por exemplo, a abertura da exposição intitulada "Luta e sofrimento: cidadãos poloneses durante a II Guerra Mundial", um projeto internacional que pode ser visto em mais de 80 cidades do mundo, inclusive no Rio de Janeiro.

OS 450 ANOS DA MORTE DE MIKOŁAJ REJ, EMINENTE POETA E PROSADOR POLONÊS DO RENASCIMENTO

Elżbieta BUDAKOWSKA*

Em 2019 ocorre o aniversário dos 450 anos da morte do eminente polonês, poeta e prosador renascentista, tradutor e ao mesmo tempo político, Mikołaj Rej.

Mikołaj Rej nasceu em Żórawna, perto de Halicz, no dia 4 de fevereiro de 1505. Era oriundo de uma abastada família aristocrática. Iniciou seus estudos na Academia de Cracóvia, mas eles não duraram muito, visto que um ano depois Rej voltou a Żórawna. Tornou-se autodidata. Também nunca viajou para o exterior, o que em sua época em geral conferia prestígio à rica juventude aristocrática. No entanto Mikołaj Rej, autor da famosa máxima "Que as nações sempre se lembrem de que os poloneses não são gansos, e têm a sua própria língua", sentia orgulho de dedicar-se à literatura pátria. Por isso era apreciado como um escritor apaixonado pela língua polonesa. Era chamado pelos contemporâneos de grande talento inato que ampliava a contribuição polonesa à época do Renascimento.

Um momento decisivo na vida de Rej foi a sua viagem, em 1525, ao solar do magnata A. Tęczyński, amigo de seu pai. Ali adquiriu a civilidade obrigatória no século XVI e familiarizou-se com a literatura, a ortografia e a estilística da linguagem literária. Com o tempo tornou-se secretário de Tęczyński. Foi naquele tempo que surgiram as suas primeiras criações literárias. No entanto ele deixou o solar aristocrático e voltou à aldeia natal de seu pai. Casou-se em 1531

^{*} Universidade de Varsóvia.

com uma sobrinha do arcebispo de Lvov. Interessou-se pela política. Tornou-se um partidário da Reforma, como era conhecido um movimento religioso e social que se desenvolvia na Europa no século XVI.

Mikołaj Rej também manteve contatos com a corte real de Sigismundo I o Velho, bem como de Sigismundo II Augusto. Pela sua contribuição para a literatura polonesa foi apreciado e premiado pela corte real.

A obra de Mikołaj Rej situa-se na zona fronteiriça de duas épocas: da já ultrapassada Idade Média e do florescente Renascimento. Por isso encerra ideais extraídos das concepções de ambas as épocas. No entanto, uma contribuição essencial de Rej para a literatura polonesa foi a sua ideia inovadora do papel do escritor na sociedade. Ele achava que um escritor tinha que cumprir a importante missão de desenvolver a educação em sua própria nação. Por isso devia utilizar-se da língua nacional. Coerentemente, em sua obra de escritor Mikołaj Rej utilizou-se apenas da língua polonesa. E opunha-se à moda ainda medieval de escrever em latim. Tal abordagem colocava no centro da discussão uma questão mais ampla, ou seja, a utilização das línguas nacionais na literatura.

A herança de Mikołaj Rej é extremamente rica e variada. As suas primeiras composições foram principalmente cantigas religiosas. Dos mais frequentes gêneros de expressão nos escritos de Mikołaj Rej faziam parte também os diversos tipos de diálogos. A sua obra poética mais conhecida foi a *Breve discussão entre três pessoas, o senhor, o prefeito e o pároco,* de 1543. Essa oba abordava os problemas políticos, costumeiros e religiosos mais atuais da Polônia daquele tempo. E uma obra dramática é *O comerciante,* publicada em 1549. Em 1557 Rej escreveu *Postilla,* ou seja, uma coleção popular de sermões na qual podemos conhecê-lo melhor como um partidário da Reforma.

Mikołaj Rej faleceu no dia 8 de setembro de 1569.

RESUMO – STRESZCZENIE

Elżbieta Budakowska w publikowanym powyżej artykule przedstawia postać słynnego polskiego poety i pisarza Mikolaja Reja, którego 450 rocznica śmierci mija w bieżącym roku. Rej zapisał się głęboko w pamięci tylu pokoleń Polaków swoim słynnym stwierdzeniem "Polacy nie gęsi i swój język mają"!

CARTA DA CONFERÊNCIA DO EPISCOPADO DA POLÔNIA

anunciando as comemorações do XIX Dia Pontifício sob o lema "Levantai-vos! Vamos!"

Amados em Cristo Senhor Irmãs e Irmãos!

Juntamente com os apóstolos pedimos hoje a Cristo: "Senhor, aumenta a nossa fé!" (Lc 17,5). Com efeito, vivemos em tempos de dinâmicas mudanças, que abalam o sentido da nossa confiança em Deus. Cristo, ao responder aos discípulos, compara a fé a um grão de mostarda. Aponta o grande potencial e a força que se escondem numa profunda fé. Os frutos de uma postura de ilimitada confiança em Deus ultrapassam as possibilidades da imaginação e do cálculo puramente humano. O fortalecimento da fé e da esperança dela decorrente será o objetivo do XIX Dia Pontifício, que em unidade com o papa Francisco vamos vivenciar já dentro de uma semana, sob o lema "Levantai-vos! Vamos!".

Jesus, modelo de uma postura de confiança em Deus

O lema do Dia Pontifício deste ano são as palavras de Jesus, que no Evangelho foram registradas por S. Marcos. O apelo "Levantai-vos! Vamos!" (Mc 14,42), dirigido por Jesus no Jardim das Oliveiras aos apóstolos que dormiam, era um testemunho da Sua coragem, fidelidade e prontidão para aceitar o Cálice da paixão. O desejo de cumprir a vontade de Deus Pai surgiu definitivamente durante a luta interior que Ele travou na oração. O temor e o medo que despertavam n'Ele a solidão e os sofrimentos que O aguardavam foram superados graças ao amor mútuo do Pai e do Filho. É desse amor que nasce a confiança. Jesus nos mostrou dessa forma que a oração faz da nossa fraqueza um lugar da ação de Deus.

Apesar do duplo estímulo de Jesus à vigilância e à oração (cf. Mc 14,34.38), os apóstolos adormeceram, deixando Jesus sozinho no momento mais difícil da vida. O sono dos apóstolos, além da dimensão física, tem para nós também um significado espiritual. É uma imagem da desorientação, da fuga da responsabilidade, do sentimento do absurdo da vida, e também da experiência do pecado. Com isso, o "Levantai-vos! Vamos!" de Jesus é um pelo repleto de esperança para sair do marasmo da dúvida e para enfrentar a luta vitoriosa contra as forças do pecado e do mal não apenas na vida pessoal, mas também na comunidade da Igreja e da nação.

S. João Paulo II - peregrino da esperança

Quem infundiu o espírito de esperança na mudança da vida pessoal e social foi S. João Paulo II durante a sua peregrinação à Pátria em 1979. A oração na então Praça da Vitória pedindo uma nova descida do Espírito Santo, bem como a "crisma da história" durante a Eucaristia na Praça Błonie em Cracóvia transformaram os corações dos poloneses. O temor deu lugar à confiança e à coragem. O papa polonês exclamava: "'Recebei o Espírito Santo' (Jo 20, 22). Aquele Espírito [...] herdado como força viva dos apóstolos que tem sido transmitido tantas vezes por mãos episcopais a gerações inteiras em terra polonesa" (S. João Paulo II, Homilia, Cracóvia-Błonie, 9 de junho de 1979). Essas palavras frutificaram em mudanças na consciência dos poloneses, cujo resultado foi o surgimento do movimento social "Solidariedade" e, como consequência, a queda do comunismo.

A peregrinação de 1979, vivenciada sob o lema "Gaude Mater Polonia", renovou a comunidade nacional. Recordou também o papel da fé e da Igreja na história da Polônia. Significativos foram as longas ovações e o cântico entoado "Queremos Deus" durante a homilia na Praça da Vitória como resposta às palavras do Santo Padre: "Cristo não pode ser eliminado da história do homem em qualquer lugar da terra" (S. João Paulo II, Homilia, Varsóvia, 2 de junho de 1979).

Desempenhou um papel especial na história da Igreja e da nação naquele tempo o Servo de Deus cardeal Estêvão Wyszyński. A inquebrantável postura de fé do Primaz do Milênio, enraizada numa confiança total em Maria, dava força aos crentes. Graças a essa confiança, eles permaneciam junto a Deus e opunham resistência à ideologia hostil do comunismo, que travava uma luta total contra a Igreja.

O ser humano de hoje necessita de um novo sopro de fé e esperança

O lema do Dia Pontifício deste ano é igualmente o título do penúltimo livro do papa polonês, que foi assim caracterizado pelo cardeal Joseph Ratzinger: "Com as palavras 'Levantai-vos! Vamos!' ele nos despertou de uma fé cansada, do sono dos discípulos, daqueles de ontem e daqueles atuais. 'Levantai-vos! Vamos!' fala hoje também a nós" (J. Ratzinger, Homilia no sepultamento de João Paulo II, Roma, 8 de abril de 2005). Apesar dos catorze anos que se passaram desde a morte do papa polonês, os seus ensinamentos, em razão do seu caráter profético, não perderam nada da sua atualidade.

Vemos quantas pessoas perderam ou rejeitaram a fé em Deus em nome de um progresso mal compreendido e da busca de inovações, com frequência a qualquer custo. Não podemos deixar de mencionar aqui também aqueles para os quais o mundo virtual tornou-se quase que toda a "realidade" da vida deles. Os maravilhosos equipamentos que servem à comunicação eletrônica, os testemunhos do gênio humano, quando utilizados de forma inadequada, podem conduzir o ser humano ao mau caminho. Podem torná-lo dependente e quase que privá-lo do valioso relacionamento com o outro no mundo real. Mas com o tempo essas mesmas pessoas descobrem que "é mais fácil descobrir o caminho à Lua do que o caminho em que o ser humano reencontre a si mesmo". (J. Ratzinger. O futuro da fé. Reflexões teológicas, Cracóvia, 2019, p. 106.) Essa triste

experiência conscientiza ao mesmo tempo da necessidade de buscar o sentido da vida, de fazer perguntas sobre o objetivo da existência.

Hoje, portanto, novamente devem ressoar as palavras do papa polonês: "Deveis ser fortes com aquele poder que dá a fé! Deveis ser fortes com o poder da fé! [...] Hoje tendes mais necessidade desse poder do que em qualquer época da história (João Paulo II, Homilia, Cracóvia-Błonie, 9 de junho de 1979). Por isso somente a fé, compreendida como a decisão sobre uma confiante entrega ao Pai amoroso, que toma conta do mundo e de nós junto com ele, confere sentido à vida humana e é fonte de coragem. Induz também a enveredar pelo caminho da formação, pela transposição das próprias limitações e fraquezas. É a força que permite enfrentar as adversidades, o sofrimento, a doença e a morte. Nesse caminho nos faz companhia o Espírito Santo, concedendo em abundância os seus dons e carismas. A fé vivenciada na abertura à ação do Espírito Divino conduz à edificação da unidade com as outras pessoas, visto que a Deus não se vai isoladamente, mas em comunidade. A profissão dessa fé não é apenas uma questão particular de pessoas individuais, mas possui igualmente uma importante dimensão social.

A juventude como tempo da moldagem da fé

Um tempo especial da moldagem da fé na vida do ser humano é a juventude. Na exortação *Christus vivit*, o papa Francisco afirma que ela não deve ser identificada unicamente com o período do desenvolvimento humano, mas com o estado de espírito. Com todos os crentes podem ser relacionadas as palavras de S. João Paulo II, dirigidas originariamente em 1979 à juventude reunida em Monte Claro. O papa conclamava nelas ao esforço de viver em estado de graça santificante. Como ajuda para discernir e para trilhar o caminho da vocação da vida, apontou a Palavra Divina e a Eucaristia. Enfatizou que dessa forma podemos descobrir a beleza da autêntica humanidade.

No esforço de moldar a fé e de descobrir a vocação da jovem geração dos poloneses envolve-se a Fundação "Obra do Novo Milênio", que surgiu como fruto da peregrinação de S. João Paulo II à Pátria em 1999. As bolsas concedidas a dois mil alunos e estudantes de toda a Polônia permitem que eles desenvolvam os seus dons e talentos. Assim fala a respeito Domingos, estudante de regência sinfônica de Wrocław: "A Fundação é para mim sobretudo uma escola dos valores decorrentes da doutrina do papa polonês. Entre eles ocupa um lugar especial a gratidão. Por isso gostaria de agradecer a todos os doadores pela ajuda proporcionada, espiritual e material. Asseguro também que, se profissionalmente eu me tornar um regente, cada concerto sob a minha batuta será também uma obra dos senhores, porque estou certo de que eu não seria o ser humano que sou se há alguns anos não me tivesse tornado bolsista da 'Obra'".

No próximo domingo, durante a coleta nas igrejas e nos lugares públicos, poderemos apoiar materialmente esse excepcional "monumento vivo" de gratidão por nós coerentemente erguido a S. João Paulo II. Acreditamos que os bolsistas são e continuarão sendo autênticas testemunhas da fé segundo a doutrina do papa polonês.

Para o tempo da frutuosa peregrinação do XIX Dia Pontifício concedemos a todos a nossa bênção apostólica.

Assinados: cardeais, arcebispos e bispos presentes na 383ª Assembleia Plenária da Conferência do Episcopado da Polônia. Świdnica-Wałbrzych, 13-14 de junho de 2019.

RESUMO – STRESZCZENIE

W bieżącym roku minęła 40 rocznica wyboru kard. Karola Wojtyły na następcę św. Piotra. Od kilkunastu lat w niedzielę przypadającą w bliskości 22 października, wspominając inaugurację pontyfikatu Jana Pawła II, biskupi polskcy kierują do wiernych specjalny list, w którym przypominają nauczanie papieża Polaka, jak też zachęcają do wspierania Dzieła Nowego Milenium, które pomaga zdolnej młodzieży nie mającej warunków finansowych do realizacji swoich zamierzeń, aby ukończyć studia. Dzięki temu Dziełu już kilka tysięcy młodych Polaków ukończyło studia i pracując w różnych zawodach. Jako wolontariusze wspierają aktywnie Dzieło Nowego Milenium.

OLGA TOKARCZUK E O RETRATO DO MUNDO EM MOVIMENTO*

Piotr KILANOWSKI**

Embora se falasse na possibilidade de um prêmio Nobel em Literatura ir para algum dos importantes escritores e poetas poloneses desde 1996, quando foi premiada a já conhecida por aqui poeta, Wisława Szymborska, o comitê sueco não premiou nem Ryszard Kapuściński, nem Stanisław Lem, nem o eterno candidato polonês Adam Zagajewski. Há apenas alguns anos, o nome de Olga Tokarczuk começou orbitar as especulações a respeito do prêmio e, depois do International Man Booker Prize recebido por ela no ano passado, as expectativas, que estavam no alto, foram atendidas. O comitê decidiu outorgar o quinto prêmio para um escritor da língua polonesa. Depois de Henryk Sienkiewicz, Władysław Reymont, Czesław Miłosz e Wisława Szymborska, a nova laureada é Olga Tokarczuk.

A prosadora polonesa que, no Brasil, conta com apenas um título traduzido (*Os Vagantes*, Tinta Negra, 2014), nasceu em 1962. Graduada em psicologia, deixou de praticar quando seus primeiros livros conquistaram um êxito, dedicando-se apenas ao trabalho de escrever. Até agora, publicou cerca de 20 obras entre romances, contos e ensaios. Seu primeiro livro, *A Viagem das Pessoas do Livro (Podróż ludzi*

^{*} Este artigo é uma versão corrigida e ampliada do artigo publicado pela primeira vez no dia de anúncio do Prêmio Nobel da Literatura para Olga Tokarczuk (10.10.2019) na página do jornal *Estado de São Paulo* e impresso no Segundo Caderno da edição do dia 11 de outubro de 2019.

^{**} Professor de literatura polonesa na Universidade Federal do Paraná (UFPR) e tradutor. E-mail: emaildopiotr@gmail.com.

Księgi), foi publicado em 1993 e contava a viagem em busca do misterioso Livro, que poderia mudar o curso da história e devolver a juventude, feita por um marquês alquimista e sua estranha comitiva: um banqueiro filantropo, uma cortesã, um cocheiro mudo e um cachorro amarelo. Logo na sequência, a escritora publicou *E.E.* (1995), sobre uma jovem que repentinamente ganha poderes paranormais e que igualmente desaparecem repentinamente.

O livro seguinte, O Primevo e Outros Tempos (Prawiek i Inne Czasy, 1997), uma espécie de saga de duas famílias do interior polonês, que vivem a conturbada história do século 20 em um mundo recheado de elementos sobrenaturais e reflexões sobre a natureza do tempo, lhe trouxe o prêmio Nike dos leitores. Nike é o prêmio literário mais importante da Polônia, concedido pelos críticos, mas, um dia antes do anúncio oficial, é outorgado o prêmio dos leitores. A escritora reuniu seis nomeações ao prêmio principal, recebeu o laurel duas vezes, e cinco vezes foi a autora preferida pelos leitores. No livro publicado na sequência, A Casa Diurna, a Casa Noturna (Dom dzienny, dom nocny 1998), ela descreve uma mulher que, saindo da cidade grande, enfrenta a vida cotidiana num pequeno vilarejo interiorano polonês, repleto de histórias, mística e costumes locais. O livro, assim como alguns outros da autora, ao lado da trama principal apresenta reflexões sobre a vida, histórias paralelas a trama principal e até receitas culinárias atípicas e é marcado pela empatia, tão característica de Tokarczuk.

Seus primeiros escritos reúnem elementos sobrenaturais (poderíamos falar em uma espécie de realismo mágico) com uma reflexão sobre a conturbada história (principalmente polonesa), além da forte presença do olhar feminino. As protagonistas e heroínas do universo criado por Tokarczuk observam o mundo com sensibilidade e compreensão de mulher e atuam nele com força (por vezes, a força de uma bruxa) e energia. Sentem necessidade de mudar o mundo para melhor,

atuando social e misticamente contra os esquemas da dominação patriarcal. O esoterismo, principalmente a astrologia, é um dos elementos que também aparecem frequentemente em sua prosa. Por outro lado, as protagonistas de Tokarczuk estão fortemente ligadas a problemas ecológicos. A autora, desde início, quando o assunto ainda não estava em voga, sensibilizava-se para os problemas ecológicos e pregava o vegetarianismo. Um dos seus livros, que foi indicado ao Booker deste ano, Conduza seu arado pelos ossos dos mortos (Prowadź swój pług przez kości umarłych, 2009), e adaptado ao cinema por Agnieszka Holland e Kasia Adamik (*Pokot*, 2017), tem como seu tema principal as questões ecológicas e feministas. Apresentadas no meio de uma trama de romance policial entrtecida por mais variadas intertextualidades (mencionemos apenas a forte presença de William Blake), chamam a atenção para as questões de sofrimento animal, invisibilidade das mulheres mais velhas e crueldade dos rituais patriarcais de caça. O livro será lançado este ano no Brasil pela editora Todavia, com o título Sobre os ossos dos mortos.

O mundo de mitos está presente em toda a obra de Tokarczuk. Incorporado na sua visão, marcada pela psicologia junguiana, compõe uma camada na qual a autora funda as suas narrativas. Geralmente são mitos revistos. Os mitos de história são revistos em vários de seus livros, nos quais a autora nos conscientiza do poder que a narrativa exerce sobre a nossa percepção do mundo. As narrativas precisam ser revistas, refeitas. Do mesmo modo, os mitos fundadores da civilização, como o da descida da Inanna ao país dos mortos, são renovados e resgatados na sua obra. No livro *Anna In nos túmulos do mundo (Anna In w grobowcach świata)* a autora cria uma espécie de mito cyber-punk, levando uma das primeiras histórias da humanidade para uma cidade futura. E o objetivo dessa transposição é resgatar o mito e recontar a história das mais humanas – a história de como vencer a morte. A resposta é universal e esquecida, por isso é necessário resgatar constantemente as narrativas míticas. Elas são o

melhor caminho para que possamos sentir empatia com o outro. E só na compaixão há resposta de como vencer a morte.

O mundo em movimento, em viagem, o mundo fragmentado pelas inquietações, tanto as criadas pelo mundo moderno, quanto as inerentes ao ser humano, é o tema de seu premiado livro *Os Vagantes* (*Bieguni*, 2007). A construção atípica do livro, composto por vários fios narrativos aparentemente não ligados que se unem em um multicolorido tapete, coloca em voga temas atuais e eternos, como a tentativa de imortalizar o ser humano ou de criar um compêndio de toda a experiência e ciência humanas ou ainda a necessidade que temos de permanecer em movimento. Isso faz com que o leitor seja obrigado a se defrontar com uma obra complexa e fascinante, que chama a atenção à nossa volta à condição de nômades. Nômades tanto no mundo físico quanto no mundo das ideias.

Um outro elemento presente em seus escritos é a História, mostrada a partir de sua complexidade. No premiado Livros do Jacó (Księgi Jakubowe, 2014), a autora conta a pouco conhecida trajetória de Jakub Frank, místico judeu que se proclamou Messias e criou uma seita herege de franquistas no seio do judaísmo. A história é narrada sobre o colorido pano de fundo da Polônia do século XVIII, nos momentos finais da sua existência independente, e mostra um país multiétnico, complexo, muito diferente da visão idealizada da Polônia que a história oficial polonesa apregoa. A visão da diversidade reinante, baseada em minuciosa e exaustiva pesquisa histórica, nos confronta com o livro de mil páginas. Em seu título completo a autora tenta mostrar um pouco do(s) mundo(s) que o livro contém, desvenda seu método e afirma a fé da na literatura (professada também no texto traduzido que os leitores encontrarão em outra parte da revista): Os livros do Jacó, ou seja uma grande viagem por sete fronteiras, cinco idiomas e três religiões grandes, sem contar as pequenas, contada pelos mortos, e completada pela autora com o método de conjetura haurida de muitos livros

diversos, mas também acudida pela imaginação, a qual é o maior dom natural do ser humano.

Essa tentativa de apresentar a Polônia histórica de um modo não maquiado, repleta de injustiças, desigualdades, violência e pobreza, assim como a denúncia da história polonesa como um fabricado que omitia e camuflava os pecados de colonização, violência contra as minorias ou a quase escravidão dos camponeses, denúncias que ela fez ao receber o seu segundo prêmio Nike em 2015 (o primeiro foi em 2008, por *Os Vagantes*), lhe rendeu uma onda de ódio na internet promovida pelos grupos da extrema direita. E, é claro, depois do ódio veio uma tentativa de ignorar sua importância. Há poucos dias, aliás, o ministro da cultura polonês pertencente ao partido governante de direita populista, PiS, ao ser indagado sobre Tokarczuk antes da proclamação dos resultados do prêmio Nobel, declarou (para não dizer que se gabou disso) não ter conseguido terminar de ler nenhum dos seus livros. A mágica do Nobel fez com que ele se sentisse obrigado a esquecer a arrogância e a tentar de novo.

RESUMO – STRESZCZENIE

Tekst napisany z okazji przyznania Nagrody Nobla polskiej pisarce Oldze Tokarczuk prezentuje pokrótce najważniejsze wątki w jej twórczości i omawia niektóre z jej utworów.

O FASCÍNIO DE ROMAN DMOWSKI PELO BRASIL

Jerzy MAZUREK*

O interesse de Roman Dmowski pelo Brasil remonta a 1895, quando ele se estabeleceu em Lvov e deu início ao plano de editar uma publicação da Liga Nacional, que tinha o propósito de formatar o pensamento político nas três zonas de ocupação 1. Na capital da Galícia Oriental era então publicado o periódico quinzenal Przegląd Wszechpolski (Revista de Toda a Polônia), redigido por Stanislaw Kłobukowski (1854-1917) e Wiktor Ungar (1861-1921), que era uma continuação da primeira publicação em terras polonesas dedicada às questões da emigração - a Przegląd Emigracyjny (Revista da Emigração). Ambas as publicações propunham-se como objetivo a familiarização de amplos círculos da sociedade polonesa com a problemática emigratória e as razões da emigração. Através de tal abordagem do tema a redação buscava conferir à emigração uma forma organizada, que a transformasse de um movimento descontrolado e espontâneo numa emigração consciente2. Nas colunas da publicação era propagada a concepção da chamada Nova Polônia,

^{*} Universidade de Varsóvia.

¹ A respeito do interesse de Dmowski pelo Brasil escreveram: M. T. KOREYWO-RYBCZYŃSKA, Roman Dmowski o osadnictwie w Paranie. *Przegląd Polonijny*, n. 1 z 1984, p. 59-67; P. FIKTUS, Roman Dmowski wobec problemów polskiego osadnictwa na terenie brazylijskiej Parany w latach 1899–1900. *Wrocławskie Studia Erazmiańskie. Zeszyty Studenckie*, 2010, p. 48-57; M. STARCZEWSKI, Mrzonki racjonalnej kolonizacji w duchu narodowym. Roman Dmowski i polska emigracja do Brazylii. *Przegląd Humanistyczny*, n. 2 (449) de 2015, p. 63-74.

² J. SKRZYPEK, *Przegląd Emigracyjny 1892-1894*, Rocznik Historii Czasopiśmiennictwa Polskiego, n. 1, 1966, p. 103–116.

como uma união dos poloneses acima das zonas de ocupação e dos Estados³. Esse ideal devia cristalizar-se no Brasil, e concretamente num dos seus estados meridionais, no Paraná. Quando, então, a partir de 1 de janeiro de 1895 a *Przegląd Emigracyjny* começou a ser publicada com o título *Przegląd Wszechpolski*, no primeiro número da nova/antiga publicação Kłobukowski prognosticava:

Os poloneses têm um grande futuro nesse estado [isto é, no Paraná – JM], visto que estão localizados nos melhores lugares e com a sua força reprodutiva e civilizacional apoiam os nativos e os colonos de outras nacionalidades. O estado do Paraná é muito pouco povoado, um quilômetro quadrado comporta em média uma pessoa, donde as condições para que com o tempo esse estado se torne polonês⁴.

Em breve Dmowski entrou em entendimento com os editores – ou seja, com Kłobukowski e Ungar –, o que não foi difícil, levandose em conta o fato de que ambos pertenciam à Liga Nacional, e a partir de meados de 1895 assumiu a redação da *Przegląd Wszechpolski*. Os antigos editores começaram da sua parte a redigir um suplemento especial da PW intitulado *Pzewodnik Handlowo-Geograficzny* (Guia Comercial-Geográfico), de 1895 a 1896, num total de 22 números, que na sua totalidade era dedicado às questões emigratórias⁵. De 1 de janeiro de 1897 até o final de 1902, esse suplemento foi redigido e publicado por Wiktor Ungar como uma publicação independente,

⁻

³ M. KANIA, "Nowa Polska" – plany kolonizacji polskiej w Brazylii, *Przegląd Polonijny*, n. 4, 2004, p. 132-142.

⁴ Słowo wstępne, *Przegląd Wszechpolski*, n. 1 de 01/01/1895, p. 3.

⁵ Visto que Stanislaw Kłobukowski em breve viajou ao Brasil como protetor de um grupo de emigrantes composto de mil camponeses, na realidade a redação do *Przewodnik Handlowo-Geograficzny* coube a Wiktor Ungar. Cf. Wyprawa Dr. Kłobukowskiego w Brazylii. *Przegląd Handlowo-Geograficzny*, n. 8 de 1895, p. [57].

tendo como título Gazeta Handlowo-Geograficzna (Jornal Comercial-Geográfico).

Neste ponto vale a pena mencionar que a emigração de terras polonesas ao Brasil – iniciada em 1869 – foi um elemento de um processo migratório maior da Europa à América. Desse processo participaram os poloneses, embora seja preciso dizer enfaticamente que eles não foram o seu elemento mais importante. Segundo cálculos de Ruy Wachowicz, nos anos 1820-1955 vieram ao Brasil 129.515 pessoas de terras polonesas, o que constitui 2,4% de toda a imigração estrangeira daquele período. Isso situa os imigrantes da Polônia no sexto lugar quanto à proporção numérica, após a imigração italiana (29%), portuguesa (28,1%), espanhola (11,5%), alemã (4,3%) e japonesa (3,6%)⁶. Um elemento comum, que se apresentava em todos os países, eram as motivações da emigração: a miséria, o superpovoamento das aldeias, o frágil desenvolvimento da indústria.

O elemento básico da emigração era sobretudo a população aldeã: os camponeses donos de pequenas propriedades rurais ou sem terra, os artesãos das aldeias etc. Tentados pela perspectiva de enriquecimento, de se tornaram ricos, eles partiam para o mundo distante e deles desconhecido. A definição do número exato de poloneses que vieram ao Brasil nos anos 1869-1914 é praticamente impossível. É preciso lembrar que as pessoas emigravam como cidadãs dos Estados ocupantes, em razão do que as estatísticas imigratórias brasileiras registravam os poloneses como russos, austríacos ou alemães. Por isso o número dos emigrantes de terras polonesas que podiam encontrar-se no Brasil no início do século XX tem um caráter estimativo. Naquele tempo, nos três estados meridionais, podiam estar residindo de 102 a 115 mil emigrantes de terras polonesas. Desses, o maior número – cerca de 60 mil – se

⁶ R. C. WACHOWICZ, Aspectos da imigração polonesa no Brasil, *Projeções*, t. 1, 1999, p. 16.

estabeleceu no Paraná; 30-35 mil no Rio Grande do Sul; 10-15 mil em Santa Catarina. Um pequeno número de pessoas, não mais que 3 mil, encontrava-se em outros estados do Brasil⁷.

A sociedade polonesa reagiu vivamente ao escoamento da população. Por esse tipo peculiar de êxodo começaram a interessar-se jornalistas, literatos, cientistas sociais e políticos. A respeito dessa questão pronunciavam-se figuras da estatura de: Adolf Dygasiński (1839-1902)⁸, Ludwik Krzywicki (1859-1941)⁹, Zygmunt Gloger (1845-1910)¹⁰, Bolesław Prus (1847-1912)¹¹, Stanisław W. Reymont (1867-1925)¹² e Florian Znaniecki (1882-1958)¹³. Com a questão emigratória defrontou-se indiretamente Maria Konopnicka (1842-1958), que durante uma estada sua na Suíça encontrou emigrantes poloneses que

⁷ K. GRONIOWSKI, Polska emigracja zarobkowa w Brazylii 1871-1914, Wrocław, 1972, p. 79; J. MAZUREK, Kraj i emigracja. Ruch ludowy wobec wychodźstwa polskiego do krajów Ameryki Łacińskiej (do 1939 roku), Warszawa 2006, p. 54-83; idem, Piórem i czynem. Kazimierz Warchałowski (1872-1943) – pionier osadnictwa polskiego w Brazylii i Peru, Biblioteka Iberyjska, Warszawa 2013, p. 41-60; idem, A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939), Editora Espaço Acadêmico, Goiânia, 2016, p. 62-92

⁸ Listy z Brazylii Adolfa Dygasińskiego, specjalnego delegata "Kuriera Warszawskiego", Warszawa, 1891; idem, Czy jechać do Brazylii, Warszawa, 1891; Na złamanie karku. Powieść, Warszawa, 1893; idem, Opowiadanie Kuby Cieluchowskiego o emigracji do Brazylii, Warszawa, 1892.

⁹ Ż [L. KRZYWICKI], Emigracja do Brazylii, *Tygodnik Powszechny*, n. 6, 07/02/1891 e n. 14 de 18 /04/1891.

¹⁰ Z. GLOGER, Przeciw wychodźstwu, *Słowo*, n. 247 de 04/11/1890; idem, Za oceany, *Kurier Codzienny*, n. 284, 14/10/1890.

 $^{^{11}}$ B. PRUS, Kronika tygodniowa, *Kurier Codzienny* n. 289 de 19/10/1890, n. 338 de 07/12/1890, n. 43 de 12/021891.

¹² S. W. REYMONT, Sprawiedliwie, Warszawa, 1899.

¹³ F. ZNANIECKI, Wstrzymanie kolonizacji brazylijskiej, *Wychodźca Polski*, n. 3 (dezembro) de 1911; idem, Wychodźstwo a położenie ludności wiejskiej zarobkującej, ibidem, n. 3 (dezembro) de 1911.

voltavam do Brasil. Esses fatos a inspiraram a escrever o poema épico da história da emigração polonesa *Pan Balcer w Brazylii* (O Senhor Baltasar no Brasil), que nos anos 1892-1909 foi publicado em forma de folhetim em jornais e apareceu em forma de livro de 1910.

Naquela época essas questões eram percebidas sobretudo em categorias econômicas e políticas. Nas polêmicas daquele tempo, tratava-se uma disputa especialmente a respeito das consequências da emigração tanto para a economia local como para a consciência dos emigrantes. Manifestações do interesse geral da sociedade pela problemática acima eram as discussões que se travavam nas páginas dos periódicos a respeito desse tema, que deram origem a uma abundante literatura¹⁴.

No período da chamada primeira febre brasileira, que ocorreu nos anos 1890-1892, a maioria dos articulistas se posicionou decididamente contra e emigração. Não podia ser diferente, levandose em conta o fato de que a maioria dos que se pronunciavam deixava de lado as causas econômico-sociais da emigração e – desconhecendo a realidade brasileira – simplificava o quadro da situação nas colônias. Todo o esforço criativo e os meios de expressão eram utilizados para enfatizar os aspectos negativos da emigração. Buscavam-se formas de frear o movimento emigratório, de lhe conferir formas mais civilizadas. As massas camponesas eram advertidas contra as difíceis condições de vida no outro hemisfério. Adolf Dygasiński, um conhecido escritor e jornalista do Kurier Warszawski (Mensageiro de Varsóvia), foi o autor da expressão "inferno brasileiro", que segundo ele devia constituir o objetivo da viagem dos camponeses da Polônia. Na campanha antiemigratória envolveram-se padres, administradores de comunas e prefeitos de aldeias. Zygmunt Gloger propunha até que os párocos, que naquele tempo exerciam também a função de oficiais

¹⁴ K. GRONIOWSKI, Gorączka brazylijska, *Kwartalnik Historyczny*, n. 2, 1967, p. 317–341.

do registro civil, não expedissem aos emigrantes certidões de nascimento e que fosse introduzida a proibição geral de comprar os bens vendidos pelos emigrantes. Na opinião do autor, essas proibições deviam impedir que os camponeses deixassem às pressas a sua pátria, visto que os seus nervos "são atormentados pela febre do ouro e da felicidade no além-mar, e a sua mente inculta não lhes fornece [...] as armas para se oporem a essas infantis tentações" 15.

Quando, com a emigração para o além-mar que se intensificava, tornou-se evidente que nas condições econômicospolíticas concretas seria impossível estancá-la, os articulistas e os políticos começaram a falar da necessidade da proteção aos emigrados. Na emigração eles também percebiam valores positivos, tendo em vista, por exemplo, as doutrinas coloniais então em voga. Além disso, de acordo com essas doutrinas, o movimento emigratório tornava-se um meio para o crescimento da nação e para a ampliação da sua força econômica. Era assim que viam as questões da emigração os cientistas, literatos, líderes caritativos e sociais relacionados com o ambiente político de Lvov: os já mencionados Kłobukowski e Ungar, mas também Józef Siemiradzki (1858-1933), Witold Łaźniewski (1865-1938), Antoni Hempel (1865-1923), Józef Okołowicz (1876-1923). No foro público, a questão emigratória foi apresentada pela primeira vez por Kłobukowski, no II Congresso dos Juristas e Economistas Poloneses, em 1889, em Lvov. Ele apresentou a tese de que o movimento emigratório não apenas não causava prejuízo ao país, mas que, devidamente orientado, poderia trazer significativas vantagens 16.

¹⁵ Z. GLOGER, Przeciw wychodźstwu, *Słowo*, n. 247 de 04/11/1890, p. 1.

¹⁶ S. KŁOBUKOWSKI, Roczna emigracja polska i środki przeciw niej zaradcze, *Ateneum*, t. 4, (56), 1899, p. 485.

Polska kolonizacja zamorska. Kilka słów o potrzebie organizacji wychodźstwa i skupieniu polskiej ludności w brazylijskim stanie Parana (Nowa Polska), nakładem Towarzystwa Kolonizacyjno-Handlowego, Lwów 1899, s. 1-3.

Artigos

Além disso, propagando o ideal da "Nova Polônia", os mencionados líderes partiam da premissa de que, diante do superpovoamento e da fome de terra, a emigração da população aldeã se tornava um fenômenos normal e desejado. Afirmava-se que o século XIX era o século da "luta pela existência", que exigia organização e pressa, visto que as nações que nessa luta não fossem capazes de obter para si uma área adequada para o escoamento do excesso da sua população teriam que ceder a raças mais empreendedoras e enérgicas¹⁷. A exagerada fraqueza econômica e o anacrônico sistema político-administrativo do Brasil, que devia dividir-se em vários países, transformou-se então no mais importante trunfo dos planos coloniais¹⁸.

Em 1891, uma comissão designada pelo Congresso de Lvov dirigiu-se a Siemiradzki – que nos anos 1882-1883 já havia estado no Equador e no Peru – para que ele examinasse *in loco* a vida dos emigrantes em diversos países da América Latina. Finalmente viajaram ao Brasil e à Argentina Józef Siemiradzki, Witold Łaźniewski e Antoni Hempel. Como um efeito dessa expedição, surgiram várias publicações, escritas pelos seus participantes ¹⁹. Os autores

¹⁸ J. SIEMIRADZKI, *La Nouvelle Pologne. État de Paraná (Brésil)*, Bruxelles, 1899, p. 11.

J. SIEMIRADŽKI, Polacy w Brazylii, Przegląd Emigracyjny, n. 3-4, 9, 11-12 de 1892; idem, Stosunki osadnicze w Brazylii, Biblioteka Warszawska, t. 1, 1892; idem, Za morze! Szkice z wycieczki do Brazylii, Lwów, 1894; idem, Na kresach cywilizacji. Listy z podróży po Ameryce Południowej, odbytej w roku 1892, Lwów, 1896; Opis stanu Parana w Brazylii wraz z informacjami dla wychodźców, opracowali dla wystawy kolumbijskiej w Chicago z polecenia rządu parańskiego inżynier Manoel Francisco Ferreira Correia i baron Serro Azul, Z oryginału angielskiego przełożył prof. dr Józef Siemiradzki, wydanie drugie uzupełnione mapą stanu i kolonii polskich oraz dodatkami: Rady i przestrogi dla wychodźców do Brazylii i Kolonizacja polska w Paranie, jej dzieje i stan obecny, t. 1, Lwów, 1896; A. HEMPEL,

apresentaram de forma honesta e objetiva a situação dos emigrados poloneses. Diferentemente dos pesquisadores precedentes das questões emigratórias no Brasil, Dygasiński e Chełmicki, que se apresentavam como objetivo o desestímulo a deixar o país, informavam eles que, com a introdução de um controle, a emigração e a colonização, tanto do ponto de vista dos interesses do emigrante como da nação, poderia ser vantajosa. Para Siemiradzki, o Brasil não era nenhum inferno, mas um país onde - como em toda a parte - era preciso trabalhar pesado para assegurar o próprio sustento e bemestar. Os argumentos formulados em seus artigos e livros por Siemiradzki eram apresentados de forma tão convincente que, quando mais tarde a imprensa polonesa começou a atacar e a desacreditar o movimento migratório a esse Brasil, ela o fazia a partir de posições inteiramente diversas daquelas que eram adotadas pelos líderes sociais contrários ao movimento emigratório. Além disso, Siemiradzki acreditava que o destino da emigração camponesa devia ser o Paraná, e que era nessa direção que devia ser encaminhada a massa emigratória principal²⁰.

A problemática emigratória encontrou-se na ordem do dia das deliberações do II Congresso dos Juristas e Economistas em Poznań (11-13 de setembro de 1893) e no congresso católico em Cracóvia em 1894. Em ambos os eventos foram tomadas resoluções no sentido de que era preciso adotar meios organizacionais a fim de assegurar aos emigrantes a ajuda, para que eles pudessem rapidamente adaptar-se à nova realidade, mas com a preservação da própria cultura e das suas características nacionais. De acordo com uma resolução do Congresso

Polacy w Brazylii, *Przegląd Emigracyjny*, n. 3-4, 9, 11-12 de 1892; idem, *Polacy w Brazylii przez Antoniego Hempla członka wyprawy naukowej dra J. Siemiradzkiego do Brazylii i Argentyny*, Lwów, 1893; W. ŁAŻNIEWSKI, Kolonie polskie w stanie Parana, *Głos*, n. 24 de 1/06/1892.

²⁰ Z. WÓJCIK, *Józef Siemiradzki. Przyrodnik i humanista, badacz Ameryki Południowej*, Wrocław, 2000, p. 62-82.

dos Juristas e Economistas, surgiu em Lvov, no dia 15 de abril de 1894, a Sociedade Comercial-Geográfica Polonesa. Segundo o estatuto, o objetivo da Sociedade era: "apoiar os interesses econômicos do país, sobretudo pelo encontro de novos mercados de consumo, pela coleta e pelo fornecimento de informações exatas relacionadas com a situação econômica dos diversos países e pelo estabelecimento de relações comerciais diretas"²¹. A Sociedade pretendia cumprir as suas tarefas com a ajuda dos emigrados poloneses, estabelecendo e mantendo com eles a cooperação econômica. Tornou-se presidente da Sociedade o conde Tadeusz Dzieduszycki (1841-1918), e a administração era composta pelo Prof. Stanisław Głąbiński (1863-1943), por Władysław Terenkoczy (1848-1929), Stanisław Kłobukowski e Józef Siemiradzki. O órgão da Sociedade era o acima mencionado Gazeta Handlowo-Geograficzna, que continuou o pensamento emigratório básico da Przegląd Emigracyjny: a concentração da emigração polonesa no Paraná, com a expectativa de que "o resultado será o significativo incremento da energia nacional e o crescimento étnico da nação polonesa"22.

A ação dos líderes de Lvov defrontou-se com a reação da diretoria da Liga Nacional. Na realidade ainda em março de 1896 Tadeusz Dwernicki (1868-1946), ligado com essa facção, durante uma palestra em Lvov falou com reconhecimento sobre a Sociedade Comercial-Geográfica, afirmando que para a sua atividade "torna-se difícil encontrar palavras de reconhecimento", mas em período posterior os caminhos dessas entidades tomaram direções nitidamente diversas ²³. Três anos mais tarde, expressando-se com reconhecimento sobre a colonização polonesa no Paraná, que – na sua

-

²¹ Apud: J. OKOŁOWICZ, Zadania polskiej polityki emigracyjnej. Referat wygłoszony w kole Przyjaciół Nauk Politycznych w Warszawie 15 XII 1917, Warszawa, 1918, p. 6.

²² Gazeta Handlowo-Geograficzna, n. 1 de 01/01/1897, p. 1.

²³ W sprawie emigracji, *Kurier Lwowski*, n. 65 de 05/03/1896, p. 1.

opinião – tinha "perspectivas bem melhores de preservar a sua nacionalidade" do que nos Estados Unidos, Jan Ludwik Popławski (1854-1908) ao mesmo tempo afirmou que "é prematuro e por muitas razões leviano afirmar que esse país com razão se chama Nova Polônia" ²⁴.

Naquele tempo interessou-se pela questão da colonização camponesa no Brasil Roman Dmowski, o qual – diante das opiniões opostas a respeito da colônia polonesa no Brasil – decidiu examinar *in loco* todo o problema. Para o dirigente da Liga Nacional, tratava-se certamente também de buscar influência junto aos compatriotas para o grande bloco nacional-democrático que ele justamente estava criando. Antes de viajar ao Brasil, enviou para a impressão o primeiro volume do seu trabalho sobre a emigração e a colonização. Ele justificava a sua viagem da seguinte maneira: "[...] porquanto o destino de milhares de pessoas que deixam o país não nos pode ser indiferente. É preciso que se busque estabelecer a opinião a respeito de qual direcionamento é o mais desejável para a nossa emigração, e essa opinião deve basear-se numa avaliação crítica e soberana das condições que aguardam os emigrados nos países transoceânicos" ²⁵.

Roman Dmowski permaneceu no Brasil – principalmente no Paraná – por alguns meses na passagem do ano 1999 para 1900. Das suas observações resultava que a situação da maioria dos colonos não era das piores. Os que se encontravam melhor eram aqueles vindos nos anos setenta e oitenta do século XIX da zona de ocupação prussiana e da Galícia, visto que eles haviam trazido consigo melhores aptidões agrícolas que os emigrantes posteriores do Reino da Polônia. Ele reconhecia que os mais difíceis eram os primeiros anos do

²⁴ J. NIEBORSKI [J. L. POPŁAWSKI], Kilka uwag w sprawie kolonizacji polskiej, *Przegląd Wszechpolski*, n. 10 (outubro) de 1899, p. 592; idem: Ruch emigracyjny, ibidem, n. 4 (abril) de 1899, p. 193-204.

²⁵ R. DMOWSKI, Wychodźstwo i osadnictwo. Część pierwsza, Warszawa, 1900, p. 2.

Artigos

estabelecimento na nova realidade, que exigiam dos colonos poloneses um esforço titânico, visto que a terra para o cultivo, principalmente do milho e do feijão preto, tinha que ser arrancada à selva tropical. O trigo e o centeio, os cereais tradicionais cultivados em terras polonesas, não cresciam bem no Brasil. Com o passar do tempo os colonos começaram a cultivar as plantas locais, sobretudo a mandioca, a batata e o arroz. Mas as pessoas sentiam saudade das culturas da velha pátria. Por isso, nas cartas escritas aos parentes e vizinhos na Europa, pediam que fossem enviadas sementes das plantas conhecidas desde a infância. "Querida esposa - escrevia no dia 1 de abril de 1891 João Muszyński, de São Feliciano – compre um pouco de todas as sementes, que serão úteis, a saber, repolho, beterraba, alface, cenoura, salsinha, alho-porró, aipo e todas as coisas da horta" 26. Dmowski tinha consciência de que o relativo sucesso que os poloneses tinham atingido no Paraná se devia "mais aos aspectos negativos que aos aspectos positivos desse país". Ele tratava com menosprezo as aptidões colonizadoras dos colonos das margens do Vístula enaltecidas pelo pessoal de Lvov. Fazia uma pergunta acertada: "Será que o nosso camponês ignorante, desorganizado teria aguentado a competição e dominado um país ao qual se dirigiam em grande número os outros?". E respondia: o camponês polonês, privado dos trunfos que oferece um Estado soberano, ganhava a competição no Paraná somente porque não se assustou com as dificuldades diante das quais fugiam os outros imigrantes. "Acostumado em seu país à miséria, ávido de terra, capaz de se satisfazer com qualquer coisa, e à noite não tendo ainda a necessidade de uma lâmpada para a leitura do jornal", o camponês

²⁶ Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych 1890-1891, do druku podali, wstępem opatrzyli W. Kula, N. Assorodobraj-Kula, M. Kula, wyd. 2, Biblioteka Iberyjska, Warszawa, 2012, carta 55, p. 220.

polonês - segundo Dmowski - foi simplesmente capaz de acostumarse às condições da mata virgem²⁷.

Em seus artigos, que publicou nas páginas da Przegląd Wszechpolski, pronunciava-se criticamente a respeito da concepção da "Nova Polônia", proclamada por Kłobukowski e Siemiradzki. Dirigiu ataques especialmente fortes contra este, que numa das suas brochuras previa a divisão do Brasil meridional em "Nova Itália" (estado de São Paulo), "Nova Alemanha" (estado de Santa Catarina) e "Nova Polônia" (estado do Paraná)28. Dmowski, que não gostava de professores universitários, considerava tais previsões anacrônicas, resultantes de uma visão europocêntrica dos assuntos nacionais no Novo Mundo. Achava que os emigrados de lá infelizmente não poderiam ser preservados no polonismo, ainda que fosse pela prosaica razão de que a maioria deles era constituída de analfabetos. Eles estavam condenados à assimilação e à fusão no novo ambiente. Postulava, portanto, a criação de um programa que impedisse a perda dessa coletividade para a Polônia²⁹.

A concepção da "Nova Polônia" foi também criticada pelos outros colaboradores de Dmowski - Jan Ludwik Popławski (1854-1908) e Zygmunt Miłkowski (1824-1915). Eles não acreditavam nem no número de 100 mil poloneses que naquele tempo estariam residindo no Brasil nem na possibilidade de estabelecer a cooperação comercial³⁰. Leon Bielecki, por sua vez, debilmente ligado com a Liga

²⁷ R. DMOWSKI, Z Parany, *Przegląd Wszechpolski*, n. 3 (março) de 1900, p. 179, 181; cf. também: M. T. KOREYWO-RYBCZYŃSKA, op. cit., p. 62-63. ²⁸ J. Siemiradzki, La Nouvelle Pologne...

²⁹ R. DMOWSKI, Z Parany, *Przegląd Wszechpolski*, nr 6 (junho) de 1900, p. 360.

³⁰ J. NIEBORSKI (propr. J. L. POPŁAWSKI), Kilka uwag w sprawie kolonizacji polskiej, Przegląd Wszechpolski, n. 10 (outubro) de 1899, p. 588-598; Z. MIŁKOWSKI, Spółczesne wychodźstwo polskie w oświetleniu przydatności politycznej, ibidem, n. 2 (fevereiro) de 1900, p. 71-85.

Nacional, atacava as iniciativas de Kłobukowski e de Okołowicz³¹, que naquele tempo se encontravam no Brasil. Criticando a situação das escolas polonesas, ao mesmo tempo falava com reconhecimento do nascente comércio polonês no Paraná³². Ao mesmo tempo atacava fortemente os operários fabris de Varsóvia, Łódź e Pabianice, aos quais reconheceu no Paraná como "elemento agitador, nas colônias simplesmente indesejado" ³³. Popławski dava especial atenção à necessidade e oportunidade de proporcionar aos emigrados que já se encontravam no exterior a ajuda na organização da vida polonesa fora da terra pátria³⁴.

As observações de Dmowski eram opostas à imagem do camponês criada pela *Gazeta Handlowo-Geograficzna*, que deveria transportar para o outro continente uma cultura superior e a civilização. Dmowski percebia a superioridade dos colonos das margens do Vístula sobre os brasileiros unicamente na sua laboriosidade, que no entanto não os levava a ocupar um lugar melhor na estrutura econômica e social do país de fixação. Vindos de um ambiente aldeão atrasado, os emigrantes não esperavam muito – além do sonho de possuir uma nesga de terra própria. O baixo nível dos emigrantes poloneses no Brasil facilitava a moldagem de um estereótipo negativo do polonês e dificultava-lhes a defesa diante da exploração. Foi com certeza com base nisso que surgiu a definição pejorativa do "polaco burro", que por décadas predominou no Brasil meridional. "Sujos, maltrapilhos, humildes, beijando as mãos de qualquer malandro, permitindo ser cutucados, agredidos e feridos

-

³¹ L. BIELECKI, List z Brazylii, *Gazeta Polska*, n. 90 de 5-18/04/1900.

³² Idem, Listy z Brazylii, *Gazeta Polska*, n. 125 de 18/05/1900, p. 1 e n. 156 de 27/06/1900, p. 1.

³³ Idem, Listy z Brazylii, *Gazeta Polska*, n. 227 de 20/09/1900, p. 1.

³⁴ J. NIEBORSKI [J. L. POPŁAWSKI], Kilka uwag w sprawie kolonizacji polskiej, *Przegląd Wszechpolski*, n. 10 de 1899; idem, Nasze siły, ibidem, n. 7 de 1902.

impunemente" – assim percebia Dmowski os colonos poloneses, menosprezados em razão da sua submissão e humildade, que eles demonstravam a qualquer eventual representante da administração local³⁵.

Com o passar do tempo, os líderes nacionais começaram a dedicar cada vez mais atenção à emigração camponesa no Brasil. Além disso, começaram a pronunciar-se de forma cada vez mais elogiosa a seu respeito. Num artigo publicado em meados de 1902, o já mencionado Jan Ludwik Popławski afirmava que a preservação da diversidade nacional dos emigrantes poloneses no Brasil era possível. Afirmava também que essa emigração poderia transformar-se num empreendimento que "promete no futuro enormes lucros" ³⁶. O coroamento do novo curso da Liga Nacional diante da emigração foi o texto de Roman Dmowski, publicado em agosto de 1903, "O trabalho polonês no Paraná", no qual novamente criticou os agentes de Lvov, cuja ação não havia trazido os resultados esperados. "Não surgiu nenhuma associação forte e ativa, nenhuma boa escola, nenhuma empresa polonesa mais ampla e permanente" ³⁷.

Na opinião de Dmowski, o novo período do trabalho no Paraná foi iniciado por Leon Bielecki, que se estabeleceu em Curitiba e assumiu o *Gazeta Polska w Brazylii* (Jornal Polonês no Brasil), e pelo seu colaborador Pe. Cezary Wyszyński (?-31/03/1926), que eram apoiados pela Democracia Nacional. Além disso, naquele tempo Dmowski começou a relacionar com o Paraná grandes esperanças para o futuro.

³⁵ R. DMOWSKI, Z Parany, *Przegląd Wszechpolski*, n. 6 (junho) de 1900, p. 365. M. T. KOREYWO-RYBCZYŃSKA, op. cit., p. 63-64; cf. também: M. KULA, *Polono-brazylijczycy i parę kwestii im bliskich*, Biblioteka Iberyjska, Warszawa, 2012, p. 76-95.

³⁶ J. L. POPŁAWSKI, Nasze siły, *Przegląd Wszechpolski*, n. 7 (julho) de 1902, p. 491.

³⁷ R. DMOWSKI, Praca polska w Paranie, *Przegląd Wszechpolski*, n. 8 (agosto) de 1903, p. 591.

Artigos

Em face da ameaça real do fechamento das fronteiras da Alemanha e dos Estados Unidos, as terras polonesas não alimentariam todo o crescimento natural - argumentava. Por isso o Brasil, e especialmente o Paraná era a única área no mundo onde os poloneses podiam "desenvolver a ação colonizadora". Porquanto, contrariamente às colônias polonesas nos Estados Unidos e no Canadá, que se encontravam num nível cultural e econômico mais elevado, no Paraná "podemos trabalhar de forma autônoma e demonstrar alguma criatividade social". Na opinião de Dmowski, o sucesso desses esforços seria garantido pelo baixo nível econômico e civilizacional de vida no Paraná, onde a vida social apenas estava começando a ser criada. Podemos, portanto, "fazer algo por conta própria, segundo o nosso próprio plano, de acordo com as necessidades do espírito polonês"38. Por isso convocava ao trabalho econômico-instrutivo em território paranaense, que devia contribuir para o surgimento de instituições culturais e sociais que permitiriam ao elemento polonês "tornar-se a primeira força civilizacional do país". Previa, com efeito, que,

virá o momento em que os ganhos para a nossa população no exterior cessarão ou pelo menos diminuirão, quando em razão disso começará a reunir-se no nosso país o material para uma nova febre emigratória, talvez pior que as ocorridas até agora, e então será bom ter num país tão adequado para a nossa colonização como o Paraná uma adequada organização econômica, capaz de fornecer de forma adequada a terra aos emigrados da Polônia³⁹.

A pessoa seguinte com a qual Dmowski relacionava grandes esperanças para o trabalho entre os poloneses no outro hemisfério era o líder emigratório Kazimierz Warchałowski (1872-1943). A

³⁸ Ibidem, p. 597-598.

³⁹ Ibidem, p. 599.

cooperação deles baseava-se não apenas no conhecimento pessoal, mas também em determinado programa social e político comum. O ideal deles era a preservação da identidade nacional dos emigrantes poloneses (e dos seus descendentes) no Brasil. De acordo com Dmowski e Warchałowski, a essa coletividade era devida uma ajuda "da nossa sociedade do país natal" 40. Os poloneses podiam obter uma ajuda real de pessoas educadas, empreendedoras, não de "indivíduos transviados", que passaram em grande número pelo Brasil meridional, visto que essas pessoas introduziam "a desagregação na vida deles e comprometeram a nossa sociedade diante dos estranhos".

Esse líder – na opinião de Dmowski – podia ser Kazimierz Warchałowski. Ele tinha grandes trunfos nas mãos - pertencia à Liga Nacional, era uma pessoa jovem, conhecedor do mundo e cheio de energia. Era ainda - para as condições da época - uma pessoa abastada. Por isso apoiou o projeto de Warchałowski de fundar um Banco Polonês para o Paraná, cujo objetivo seria tornar os colonos independentes dos comerciantes alemães e apoiar o desenvolvimento do empreendedorismo polonês. Além de Dmowski, anunciaram o acesso a esse empreendimento Tadeusz Dzieduszycki, Władysław Reymont, Władyslaw Zamoyski⁴¹. A ideia de Warchałowski no final não se realizou, por razões que nos são desconhecidas. Os planos estavam bastante avançados, como testemunha o projeto - elaborado em 1902 por Antoni Ossuchowski - de uma sociedade comanditária denominada Casa Comercial K. Warchałowski & Cia. Segundo a ata de fundação, os seus acionistas eram: Leon Bielecki, Roman Dmowski, Władysław Stanisław Reymont, Tadeusz Dzieduszycki, Maurycy Zamoyski, Józef Gałęzowski e Eugeniusz Korytko. Essa firma devia possuir a sua sede bancária em Varsóvia e devia dedicar-se

40

⁴⁰ Ibidem, p. 596.

⁴¹ Archiwum Akt Nowych (a seguir: AAN), Akta J. i K. Warchałowskich, sygn. 25, Deklarowanie udziałów w funduszu zakładowym banku, k. 2–20.

principalmente ao comércio com o Brasil e a operações bancárias e de crédito⁴².

Sob a liderança de pessoas socialmente ativas, tais justamente como Warchałowski, a área do Paraná devia tornar-se o polígono da educação social e da auto-organização. Dmowski não estava preocupado, como os agentes de Lvov, com a edificação de uma Nova Polônia no outro hemisfério, com a busca de conquistas territoriais (ainda que em condições favoráveis ele não menosprezasse tais conquistas). Ele estava mais preocupado com a valorização da nação, querendo mostrar – apesar do domínio estrangeiro – a sua atuação social econômica e política ⁴³. Para a realização de tal projeto, necessitava de pessoas educadas, ativas, empreendedoras. Por isso não é de admirar que Dmowski tenha apoiado a partida de Warchałowski ao Paraná:

Nos últimos tempos tem-se dedicado à atividade nessa área uma pessoa de incomum energia e de amplas aptidões, proprietária de uma fazenda. Tendo visitado o Paraná e tendo tomado conhecimento das suas condições econômicas, ele elaborou o plano de um empreendimento comercial coletivo com um capital maior, mas, não vendo por enquanto a possibilidade de concretizar esse plano numa escala bastante ampla, viajou atualmente ao Paraná, para com forças próprias e com capital próprio dar início ao trabalho, que no futuro poderá servir de ponto de partida para um empreendimento coletivo mais amplo e lançará os fundamentos de uma séria organização do elemento polonês⁴⁴.

Antes da sua partida ao Paraná, o que ocorreu em agosto de 1903, Warchałowski redigiu um livrinho intitulado *Ao Paraná: guia*

⁴² AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, sygn. 29, Wzór umowy Domu Handlowego K. Warchałowski i s-ka w Warszawie, p. 1–7.

⁴³ M. T. KOREYWO-RYBCZYŃSKA, op. cit., p. 67.

para viajantes e emigrantes, que publicou com recursos próprios em Cracóvia, em 190345. Esse livrinho se compõe de duas partes: na primeira o autor descreve o Paraná (sua fauna e flora, a legislação, a agricultura, a indústria e o comércio, a moeda, as medidas, os pesos), o que é precedido de reflexões dirigidas a potenciais emigrantes ("Quem pode viajar e o que pode esperar"). Na segunda parte apresenta informações básicas aos viajantes (sobre sociedades transportadoras, preços e condições da viagem), bem como um vocabulário polonês-português. Essa publicação - o que há anos percebeu Kryzsztof Groniowski - é muito coincidente na sua eloquência com o artigo de Dmowski "O trabalho polonês no Paraná", publicado quase que simultaneamente com a brochura de Warchałowski 46. Da mesma forma que Dmowski, Warchałowski afirmava que o único país que os poloneses podiam colonizar era o Brasil. Nos Estados Unidos os emigrantes poloneses viviam na realidade num nível civilizacional superior, mas isso ocorria "à custa da língua, à custa da nacionalidade". Por isso, só no Paraná podia contar-se com o sucesso:

Chegamos a um país de cultura inferior, a um país fracamente povoado, com um frágil grau de educação, onde o nosso emigrado introduz, além dos braços aptos para o trabalho, além da perseverança, ainda uma significativa formação social, o apego à terra, à Igreja, a profunda religiosidade – que são valores sobre os quais podemos edificar o futuro⁴⁷.

⁴⁵ Do Parany. Przewodnik dla podróżnych i wychodźców ułożył Kazimierz Warchałowski, nakładem autora, Kraków 1903. A publicação do livro foi percebida pela imprensa da época: Przewodnik po Paranie, *Glos Narodu*, n. 179 de 03/07/1903; Przewodnik do Parany, *Czas*, n. 147 de 02/07/1903; Do Parany, *Nowa Reforma*, n. 172 de 31/07/1903, p. 2.

⁴⁶ K. GRONIOWSKI, Polska emigracja..., p. 247.

⁴⁷ K. WARCHAŁOWSKI, *Do Parany...*, p. 4.

Dmowski acreditava que a maior ameaça aos interesses poloneses no Paraná eram os imigrantes alemães. Eles eram disciplinados e tradicionalmente bem organizados. Contavam com o apoio de um Estado que após a guerra com a França se havia tornado independente e líder no continente europeu. Na sua convicção, à expansão alemã no Brasil meridional podiam opor-se eficazmente os Estados Unidos, que promoviam a política do presidente desse país James Monroe, a qual proclamava que o continente americano não podia estar sujeito à continuidade da colonização ou da expansão política da parte da Europa. Por isso Dmowski aliava grandes esperanças a Warchałowski, que estava viajando para se estabelecer permanentemente no Paraná. Achava que o trabalho dele fortaleceria a coletividade polonesa no Brasil, frágil sob o ponto de vista numérico, econômico e cultural. Por isso, numa carta a Warchałowski escrevia:

Para o início da sua era no Paraná publiquei na Przegląd um artigo sobre "o trabalho polonês no Paraná". Elogiei ali o Bielecki e o Wyszyński, o que ao primeiro deles facilitará o bom tratamento do Senhor. A respeito do Senhor falei de forma bastante misteriosa, para por enquanto não Lhe atrapalhar. Mas falei de tal forma que aqueles a quem isso compete compreendam que à Sua expedição é atribuída importância no país⁴⁸.

Como vemos, Roman Dmowski fez uma profunda revisão das suas avaliações anteriores a respeito das possibilidades colonizadoras no Paraná. Ainda três anos antes ele zombava dos entusiastas das áreas de colonização no Paraná, perguntando retoricamente se era possível que – após três séculos de colonização da América – os europeus tivessem deixado aos poloneses a melhor área para a

⁴⁸ AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, sygn. 24, List R. Dmowskiego do K. Warchałowskiego z 30 IX 1903, k. 6–7.

colonização. "Se o elemento polonês concentrou-se no Paraná numa massa compacta, embora até agora não muito numerosa, nós devemos isso mais às condições negativas que às condições positivas desse país" – concluía⁴⁹. Confirmou a sua posição nos *Pensamentos de um polonês moderno*, que era uma espécie de programa e manifesto em que conclamava ao despertar do espírito nacional. Esse despertar devia igualmente expressar-se na expansão colonial da nação polonesa:

Mesmo que a criação de uma nova sociedade polonesa em algum lugar nas margens do Atlântico Sul, nas selvas brasileiras, mostre ser em suas consequências um sonho irrealizável, a própria ocupação com tal questão nos daria um novo e vasto campo de exercícios para uma parte das nossas forças que se perdem e dessa forma contribuiria notavelmente para o renascimento do nosso indolente espírito. E quão incalculáveis consequências em sua grandeza, para a expansão da vida polonesa, acarretaria um resultado positivo, a saber, o surgimento numa terra distante de uma nova coletividade falando em polonês, haurindo as suas forças espirituais do tesouro comum da civilização nacional e fortalecendo-se com elementos recentes e muito novos em seu conteúdo!⁵⁰

À questão da emigração Dmowski voltou durante o IV Congresso dos Juristas e Economistas Poloneses, que se realizou em Cracóvia nos dias 1-5 de outubro de 1906. Na discussão dedicada a questões emigratórias, além de Dmowski tomaram a palavra Kazimierz Władysław Kumaniecki (1880-1941),Włodzimierz Czerkawski (1866-1913), Leopold Caro (1864-1939), Roger Battaglia Stanisław Cymalewski (1873-1950),(f. 1930), Kazimierz Warchałowski, Władysław Żukowski (1860-1916). Dmowski, em seu

-

⁴⁹ R. DMOWSKI, Z Parany, *Przegląd Wszechpolski*, n. 3 (março) de 1900, p. 181.

⁵⁰ R. SKRZYCKI [DMOWSKI], Myśli nowoczesnego Polaka, *Przegląd Wszechpolski*, n. 11 (novembro) de 1902, p. 832–833.

pronunciamento, afirmou que a emigração era uma necessidade que "nenhuma força humana será capaz de afastar". Além disso, reconhecia que a emigração não provocaria consequências negativas para o país, mas, pelo contrário, normalizaria as relações econômicas, visto que contribuiria para o escoamento da mão de obra supérflua. Advertia contra a então em voga emigração ao Canadá, onde os emigrantes – em razão de uma adequada política do governo – rapidamente se desnacionalizavam. "Por isso sou partidário da colonização sul-americana do Brasil e da Argentina – prefiro o Brasil meridional" ⁵¹. Esse foi o último pronunciamento público em que Dmowski abordou as questões relacionadas com a emigração.

Igualmente durante a chamada terceira febre brasileira, que ocorreu no Reino da Polônia antes da I Guerra Mundial, Roman Dmowski interessou-se pela questão da emigração ao Brasil, embora abordasse esse fenômeno com uma maior reserva. Michał Pankiewicz (1887-1980), um dos entusiastas da emigração ao Brasil, tentou induzir Dmowski a apoiar a emigração ao Brasil. Em suas memórias não publicadas, assim descreve o seu encontro com o líder da Democracia Nacional: "Dmowski nos recebeu em seu gabinete cheio de livros, minhas argumentações com atenção, verificou imediatamente no Anuário Estatístico os dados por mim fornecidos e no final declarou que não se podia desenvolver nenhuma ação na área de Chełmno, visto que retirar pessoas de lá para a emigração seria um crime nacional" 52.

Naquele tempo, era contrária à emigração das terras polonesas ao Brasil a maioria dos líderes Democracia Nacional. Eles obtinham grandes influências em organizações sociais como a Sociedade Emigratória Polonesa, que atuava desde 1908 na Galícia,

_

⁵¹ Czasopismo Prawnicze i Ekonomiczne, 1907, p. 186-189.

⁵² ZNiO, sygn. 15612, M. PANKIEWICZ, *Biebrza–Wisła–Amazonka*. *Wspomnienia z lat 1887-1945*, t. 1, cz. 1, k. 116.

bem como na Sociedade de Proteção aos Emigrantes, que desde 1910 existia no Reino da Polônia. Ludwik Górski (1867-1931), vicepresidente dessa sociedade, nas páginas do *Gazeta Warszawska* (Jornal de Varsóvia) afirmava categoricamente que a Polônia devia ser edificada nas margens do Vístula, não no Paraná. A nação não podia permitir-se a emigração das pessoas mais empreendedoras, qualificadas, instruídas. Pela "febre brasileira" ele culpava a publicidade dos periódicos progressistas, que – na sua opinião – havia provocado "uma nova emigração entre a população que dela não necessita", além de "agitar as aldeias com utopias" ⁵³. Num sentido semelhante pronunciavam-se também outras publicações, como *Naród – Wiadomości Codzienne* (A Nação – Notícias Diárias) ⁵⁴, *Gazeta Świąteczna* (Jornal Festivo) ⁵⁵ ou *Wychodźca Polski* (O Emigrante Polonês) ⁵⁶.

A análise da situação dos emigrantes poloneses no Brasil realizada por Dmowski se caracteriza pela precisão e pela simplicidade, característica do seu estilo de escritor. Em face da literatura da época, os seus artigos eram um modelo de disciplina e de argumentação objetiva. Demonstrava neles o interesse pela questão da preservação da consciência nacional no Paraná, à qual condicionava a sua permissão para a emigração. Quando chegou à conclusão de que essa identidade podia ser preservada, pronunciou-se pela emigração. Foi fiel a essa posição também nos anos seguintes. Porquanto não é

_

⁵³ L. GÓRSKI, Z powodu emigracji do Parany, *Gazeta Warszawska*, n. 61 de 02/03/1911, p. 2.

⁵⁴ K. GRONIOWSKI, *Polska emigracja...*, p. 158-159.

⁵⁵ T. P., Świadectwa o Paranie, *Gazeta Świąteczna*, n. 1582 de 15-28/05/1911, p. 1-2; Przejazd do Parany, ibidem, n. 2 de 15/10/1911, s. 1-2; Handel ludźmi, ibidem, n. de 20/11-03/12/1911, p. 1-2; T. CHROSTOWSKI, O Paranie, ibidem, n. 1617 de 28/01-04/02/1912, p. 1.

⁵⁶ L. GÓRSKI, Gorączka brazylijska, *Wychodźca Polski*, n. 1-2 (outubronovembro) de 1911; idem, *Operetka*, ibidem, n. 3 (dezembro) de 1911.

verdade – o que escreveu há anos M. T. Koreywo-Rybczyńska⁵⁷, e com ele repetiu ultimamente M. Starczewski⁵⁸ – que após 1903 Dmowski não se ocupou dessas questões. Não concluiu na realidade os dois volumes planejados de *Emigração e colonização*, mas somente porque naquele tempo foi absorvido por assuntos correntes, inclusive pela viagem ao Japão⁵⁹, e a seguir pela revolução de 1905.

Dmowski dedicou atenção a questões emigratóriocolonizadoras por mais de dez anos, isto é, até 1906, embora também mais tarde tivesse voltado a essa questão. Se não lhes dedicou mais tempo, isso foi certamente motivado pelo fato de que após a revolução de 1905 surgiram desafios e problemas políticos completamente novos, que o absorveram inteiramente. A afirmação de M. Starczewski, o qual escreveu que Dmowski "esforçou-se por apagar das lembranças e da própria imagem a vergonhosa aventura brasileira" 60, é uma absoluta inverdade. Ele não tinha motivos para se envergonhar de nada. Criticou os agentes de Lvov por apresentarem projetos irreais, não baseados numa análise honesta, mas tinha consciência de que a emigração era uma necessidade. As reformas relacionadas com a concessão dos direitos de posse de terras e o desenvolvimento do capitalismo eram catalisadores das mudanças sociais, que levaram ao surgimento de muitos milhares de pessoas supérfluas, principalmente nas aldeias. Nessa situação a oportunidade de obter um pedaço de terra, de realizar a promoção social e econômica era a emigração, à qual Dmowski não se opunha.

_

⁵⁷ M. T. KOREYWO-RYBCZYŃSKA, op. cit., p. 67.

⁵⁸ M. STARCZEWSKI, Mrzonki racjonalnej kolonizacji w duchu narodowym. Roman Dmowski i polska emigracja do Brazylii, *Przegląd Humanistyczny*, n. 2 (449) de 2015, p. 73.

⁵⁹ AAN, Akta J. i K. Warchałowskich, sygn. 24, List R. Dmowskiego do K. Warchałowskiego z 7 IV 1904, k. 9-12.

⁶⁰ M. STARCZEWSKI, op. cit., p. 73.

BIBLIOGRAFIA

Fontes arquivais:

Archiwum Akt Nowych w Warszawie Akta Janiny i Kazimierza Warchałowskich Zakład Narodowy im. Ossolinskich, sygn. 15612, M. Pankiewicz, Biebrza– Wisła–Amazonka. Wspomnienia z lat 1887-1945.

Imprensa:

Ateneum, 1899
Czasopismo Prawnicze i Ekonomiczne, 1907
Gazeta Polska, 1900
Gazeta Świąteczna, 1911, 1912
Gazeta Warszawska, 1911
Kurier Codzienny, 1890
Kurier Lwowski, 1896
Przegląd Powszechny, 1913
Przegląd Wszechpolski, 1895, 1899, 1900, 1902, 1903
Słowo, 1890
Tygodnik Powszechny, 1891
Wychodźca Polski, 1911

Fontes impressas:

DMOWSKI R. Wychodźstwo i osadnictwo. Część pierwsza, Warszawa, 1900.

Listy emigrantów z Brazylii i Stanów Zjednoczonych 1890-1891, do druku podali, wstępem opatrzyli W. Kula, N. Assorodobraj-Kula, M. Kula, wyd. 2, Biblioteka Iberyjska, Warszawa 2012.

Listy z Brazylii Adolfa Dygasińskiego, specjalnego delegata "Kuriera Warszawskiego", Warszawa, 1891.

Polska kolonizacja zamorska. Kilka słów o potrzebie organizacji wychodźstwa i skupieniu polskiej ludności w brazylijskim stanie Parana (Nowa Polska), nakładem Towarzystwa Kolonizacyjno-Handlowego, Lwów, 1899.

SIEMIRADZKI J. La Nouvelle Pologne. État de Parana (Brésil), Bruxelles, 1899.

SKRZYPEK,

J.

Czasopiśmiennictwa Polskiego, n. 1, 1966.

WARCHAŁOWSKI K. Do Parany. Przewodnik dla podróżnych i wychodźców ułożył Kazimierz Warchałowski, nakładem autora, Kraków, 1903.

Dissertações: GRONIOWSKI, Krzysztof. Polska emigracja zarobkowa w Brazylii, Ossolineum, Wrocław, 1972. _____. Gorączka brazylijska, Kwartalnik Historyczny, n. 2, 1967. FIKTUS, P. Roman Dmowski wobec problemów polskiego osadnictwa na terenie brazylijskiej Parany w latach 1899-1900, Wrocławskie Studia Erazmiańskie. Zeszyty Studenckie, 2010. KANIA, M. "Nowa Polska" – plany kolonizacji polskiej w Brazylii, Przegląd Polonijny, n. 4, 2004. KOREYWO-RYBCZYŃSKA, M. T. Roman Dmowski o osadnictwie w Paranie, Przegląd Polonijny, n. 1, 1984. KULA, M. Polono-brazylijczycy i parę kwestii im bliskich, Biblioteka Iberyjska, Warszawa, 2012. MAZUREK, J. Kraj i emigracja. Ruch ludowy wobec wychodźstwa polskiego do krajów Ameryki Łacińskiej (do 1939 roku), Warszawa, 2006. ___. Piórem i czynem. Kazimierz Warchałowski (1872-1943) – pionier osadnictwa polskiego w Brazylii i Peru, Biblioteka Iberyjska, Warszawa, 2013. . A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939), Editora Espaço Acadêmico, Goiânia, 2016.

1892–1894, Rocznik

Historii

Przegląd Emigracyjny

STARCZEWSKI, M. Mrzonki racjonalnej kolonizacji w duchu narodowym. Roman Dmowski i polska emigracja do Brazylii, *Przegląd Humanistyczny*, n. 2 (449) de 2015.

WACHOWICZ C. R. A "febre brasileira" na emigração Polonesa, Anais da Comunidade Brasileiro-Polonesa, vol. I, 1970.

_____. O Camponês Polonês no Brasil, Curitiba, 1981.

WÓJCIK, Z. Józef Siemiradzki. Przyrodnik i humanista, badacz Ameryki Południowej, Wrocław, 2000.

_____. Aspectos da imigração polonesa no Brasil, *Projecões*, t. 1, 1999.

RESUMO – STRESZCZENIE

Ruch emigracyjny z ziem polskich do Brazylii w latach od 1869 do 1914 objął ok. 102-117 tysięcy emigrantów. Społeczeństwo polskie bardzo żywo zareagowało na odpływ ludności. To zjawisko wzbudziło również zainteresowanie dziennikarzy, podróżników, literatów, uczonych i polityków w ówczesnej Polsce pod rozbiorami. Ich stanowisko mogło być przychylne lub przeciwne temu ruchowi społecznemu. Na łamach czasopism toczyły się na ten temat częste dyskusje. Kwestią chłopskiego osadnictwa polskiego w Brazylii zainteresował się również Roman Dmowski (1864-1939), jeden z założycieli i przywódców ND, jej czołowy ideolog, pisarz i polityk. W celu zbadania sytuacji na miejscu przebywał w Brazylii – głównie w Paranie – przez kilka miesięcy na przełomie 1899 i 1900 roku. Chodziło mu przede wszystkim o znalezienie środków na utrzymanie tożsamości narodowej polskich emigrantów (i ich potomków) w Brazylii. Uważał, że zadanie to mogło być wykonane przez osoby wyrobione społecznie, takie jak jego współpracownik Kazimierz Warchałowski (1872-1943), który w tym celu wyjechał do Parany. Dmowski prezedstawił analizę sytuacji emigrantów polskich w Brazvlii w sposób precyzyjny i prosty. Opowiedział się pozytywnie na temat tego wychodźstwa i poświęcił tej sprawie około 10 lat swojego życia.

FIGURAS DE DESTAQUE ENTRE OS POLONESES E POLÔNICOS NO BRASIL

Mariano KAWKA*

Comemoram-se neste ano os 150 anos da imigração polonesa ao Brasil. Em 1869 veio ao Brasil, especificamente ao estado de Santa Catarina, o primeiro grupo de imigrantes poloneses, trazidos por empenho de Edmundo Sebastião Wos Saporski e do seu colaborador Pe. Antônio Zielinski. Mas estes não foram os primeiros poloneses que aqui aportaram. Houve, antes deles, a vinda de outros, que aqui permaneceram por algum tempo ou se estabeleceram definitivamente, mas que vieram por iniciativa própria e individualmente.

Quem teria sido o primeiro deles? Se dermos crédito a um relato que pertence mais à lenda que à História, seria um judeu polonês nascido com Toruń, chamado Gaspar da Gama, que teria viajado com Cabral na sua expedição ao Brasil. Mas, na realidade, o primeiro polonês em presença historicamente confirmada no Brasil foi Krzysztof (Cristóvão) Arciszewski, que esteve no litoral do Nordeste brasileiro, a serviço dos holandeses, já na primeira metade do século XVII.

Por isso, vamos aqui abordar o tema da imigração polonesa ao Brasil, mas fazendo referência a alguns pioneiros daquela imigração precoce, muitos dos quais tiveram atuação de destaque em nosso país.

* Professor, tradutor, lexicógrafo, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

-

A Polônia e sua (conturbada) história

É interessante assinalar que, quando o Brasil foi descoberto, a Polônia já tinha uma existência de mais de cinco séculos (pois havia surgido no mapa da Europa em 966) e estava justamente vivendo a sua "época de ouro". Não apenas em razão do desenvolvimento cultural, mas também em razão da situação política e da estabilidade do país. Em 1500, ano do descobrimento do Brasil, a Polônia – que na época formava um Estado único com a Lituânia e se expandia na direção da Bielorrússia e da atual Ucrânia – tinha 1.140.000 km2 de área, ou seja, equivalente à área da atual Colômbia, e uma população de 7,5 milhões de habitantes.

No final do século XVII (1683) a Polônia teve uma participação importante no contexto europeu por ocasião da derrota dos turcos em Viena, com a brilhante intervenção do rei polonês João III Sobieski. Naquele tempo, sob o reinado do rei João Sobieski, a Polônia era um país forte, que se estendia desde o Mar Báltico até o Mar Negro, com uma área de 720 mil quilômetros quadrados, ou seja, mais que o dobro do seu território atual.

No século XVIII, porém, a administração do país enfrentou uma crise. As sessões do Parlamento (*Sejm*) não produziam efeito em razão da lei do chamado "liberum veto", que dava a qualquer membro do Parlamento o poder de anular uma decisão, mesmo tomada pela maioria. Esse tipo de fraqueza serviu de incentivo para a interferência de países vizinhos. Sobreveio então um período difícil e trágico, marcado pelas chamadas "partilhas" da Polônia entre as três potências vizinhas da época (Áustria, Prússia e Rússia). Essas partilhas se realizaram em três etapas, em 1772, 1793 e 1795 e praticamente riscaram a Polônia do mapa da Europa por um período de mais de um século. Durante o período das partilhas, a Polônia teve apenas formas limitadas de autonomia: o Ducado de Varsóvia, que

existiu de 1807 a 1815; o Reino do Congresso¹, criado em 1815 pelo Congresso de Viena e que perdurou por um século; a cidade livre de Cracóvia, também criada em 1815 pelo Congresso de Viena e em 1846 incorporada pela Áustria e, ainda, a Galícia² autônoma desde 1867.

No decorrer desses mais de cem anos de perda da autonomia política, a nação polonesa demonstrou uma extraordinária vitalidade em todos os domínios da cultura e da civilização. São dessa época alguns dos maiores nomes da literatura polonesa, como Mickiewicz, Kraszewski e Sienkiewicz (prêmio Nobel de literatura em 1905). Foi também nesse período que na música se distinguiram Chopin e Moniuszko, e Maria Curie-Skłodowska se sobressaiu na pesquisa científica (prêmio Novel de física em 1903 e de química em 1911).

Ao mesmo tempo os poloneses não desistiam de lutar pela independência de seu país. São memoráveis, sobretudo, os levantes contra a Rússia, em 1830 e 1863, ambos sufocados. Foi também nesse período que os poloneses começaram a descobrir a América, inclusive o Brasil, justamente numa época em que a Polônia, após um período de grandeza e sucessos, havia sido atingida pela tragédia histórica das partilhas, e o país foi na prática extinto como Estado independente por um período de 123 anos, até recuperar novamente a sua autonomia política após o término da Primeira Guerra Mundial, em 1918.

Estímulos à emigração na Europa e na Polônia

-

¹ Reino do Congresso, Reino da Polônia ou Polônia do Congresso – parte da Polônia sob dominação russa, situado nos territórios do antigo Ducado de Varsóvia e formado no Congresso de Viena, em 1815.

² Galícia era o nome popular das terras polonesas sob ocupação austríaca, no período 1772-1918; em 1918 passou a fazer parte do Estado polonês renascido.

Em séculos passados, muitas famílias em toda a Europa trabalhavam em condições penosas para satisfazer as necessidades básicas de alimentação, abrigo e calefação. No entanto, apesar do esforço despendido nesse trabalho, o progresso podia ser frustrado pela fome, pela peste ou pelas disputas políticas. Os indivíduos e as famílias, colocados entre as forças da História e a busca das necessidades básicas, lutavam para melhorar a sua vida, chegando a iniciar uma nova vida em terras distantes. Além disso, apesar das grandes ameaças à sua existência, a população da Europa aumentava sensivelmente com o correr dos anos, a tal ponto que excedia o potencial da terra para lhe fornecer quantidade suficiente de alimento. Para ilustrar isso, vejamos estes números: em 1650 a Europa toda tinha 100 milhões de habitantes; em 1850 tinha 274 milhões e, em 1900 – 400 milhões.

A promessa de progresso e de melhores condições de vida no além-mar, aliada aos malefícios do desemprego e da fome, dos salários baixos e dos cortiços, fornecia o estímulo para o êxodo em massa.

A Polônia, além de enfrentar todos os percalços comuns às pessoas socialmente marginalizadas da Europa, atravessou um período de turbulência política, devido à supressão da sua autonomia política e às lutas relacionadas com a recuperação da independência. Essas circunstâncias favoreceram o grande êxodo de poloneses, inclusive aos Estados Unidos, na América do Norte, e ao Brasil, na América do Sul. O Brasil era visto como um país liberal, que garantia aos imigrantes a liberdade pessoal, a liberdade de língua e de religião, bem como todos os direitos de que gozavam os brasileiros nativos. Mas, acima de tudo, o país era visto como uma terra prometida, para onde os emigrantes viajavam "za chlebem" (em busca do pão) e onde esperavam fornecer às suas famílias condições dignas de existência.

A imigração precoce

Na realidade, como assinalado acima, houve uma imigração de poloneses ao Brasil anterior à imigração coletiva e organizada que teve início em 1869, e que chamaremos de imigração precoce, isto é, aquela constituída de imigrantes individuais que para cá vieram antes da imigração coletiva. Os primeiros poloneses vieram ao Brasil já no século XVII, como oficiais da marinha holandesa que combatia os portugueses no Nordeste brasileiro (no período 1629-1637). Eram eles o já mencionado almirante Cristóvão Arciszewski (1592-1565) e seus companheiros Ladislau Constante Wituski (n. 1603) e Sigismundo Szkop (Szkoppe) (1600-1670)³. Arciszewski era um grande especialista em artilharia. Por ter feito justiça com as próprias mãos contra um advogado que havia dilapidado o patrimônio de sua família, foi condenado ao degredo, razão por que, para evitar complicações maiores, fugiu para a Holanda, onde foi contratado pela Companhia das Índias Ocidentais a prestar serviços no Brasil, tarefa que desempenhou entre os anos 1629 e 1639. Obteve significativas vitórias, como a de Porto Calvo, em 1638. No final entrou em conflito com o príncipe Maurício de Nassau, foi preso e remetido à Holanda. Mais tarde ainda voltou à Polônia. Ao retornar à Europa publicou os primeiros mapas topográficos das regiões onde combatera, poemas que havia escrito no Brasil, além de comentários de cunho estritamente militar e da descrição de costumes dos índios brasileiros.

Naquele mesmo período, em 1631, aparece no Brasil o primeiro sacerdote polonês, o jesuíta Pe. Wojciech (Adalberto) Męciński (1598/1601?-1643). É verdade que ele veio por acaso, porque o navio em que viajava de Lisboa a Goa foi desviado do seu curso por

³ Cf. Pe. J. Pitoń. U źródła emigracji polskiej w Brazylii. *Kalendarz Ludu*, 1973, p. 96.

uma tempestade no Atlântico. Mas o Pe. Męciński aproveitou a sua estada no Brasil para fazer uma descrição e um mapa de Pernambuco.

A imigração individual de poloneses ao Brasil se intensificou na primeira metade do século XIX e foi motivada pelas circunstâncias da época, tanto na Polônia como no Brasil, que podem ser sintetizadas em dois acontecimentos importantes: a perda da independência da Polônia no final do século XVIII e a conquista da independência do Brasil em 1822. Após as partilhas da Polônia, o Brasil, que acabara de conquistar a sua independência, estendeu aos poloneses a sua mão hospitaleira, rivalizando neste particular com o gesto convidativo dos Estados Unidos e da Argentina. A esse respeito convém assinalar que no início da década de 1970 o estudioso da imigração polonesa no Brasil Pe. João Pitoń (1909-2006) fez pesquisas no Arquivo Nacional do Rio de Janeiro, que apresenta nomes de estrangeiros vindos ao Brasil desde 1777. Entre esses nomes, já a partir da década de 1820 ele encontrou muitos nomes poloneses que em razão das circunstâncias históricas da época figuram como imigrantes individuais geralmente incluídos entre os imigrantes de cidadania prussiana, alemã, às vezes austríaca, de acordo com os passaportes apresentados. No entanto a fisionomia polonesa de muitos desses imigrantes é atestada pelo nome e sobrenome de timbre polonês, ainda que muitas vezes deformado. Com efeito, aparecem ali nomes como Mieczyslaw, Miroslaw, Wanda, e sobrenomes como Derbetzky, Gadowsky, Laskowsky4.

Nessa primeira fase imigratória, de caráter individual, prestaram serviços relevantes ao Brasil muitos poloneses que em sua terra natal já haviam sido testados como militares, engenheiros, técnicos ou médicos.

A figura mais conhecida dessa imigração pioneira é a de Edmundo Sebastião Wos Saporski (1844-1933), a quem devemos os

⁴ Ibidem, p. 93 e ss.

planos iniciais da colonização polonesa no Sul do Brasil e que por essa razão foi chamado "Pai da imigração polonesa no Brasil". Além da sua imensa contribuição para trazer os poloneses ao Brasil, realizou importantes obras de engenharia e chegou a ser deputado estadual pelo Paraná. Saporski (1844-1933) veio ao Brasil em 1868, mas ele teve alguns predecessores ilustres.

Já em 1829 veio ao Brasil, ao Rio de Janeiro, e foi residir em Santa Catarina Roberto Trompowski. Ele tinha então 26 anos de idade. Oriundo de uma família aristocrática que possuía laços com a aristocracia russa, em razão dos seus contatos com revoltosos poloneses foi enviado ao distante Brasil, onde exerceu a função de vice-cônsul russo. Casou-se com Felicidade Prudência da Costa. Dessa união nasceu em 1832 Ana Elisabet da Costa Trompowski, que por sua vez se casou com o capitão do exército brasileiro José Leitão de Almeida. Eles tiveram o filho Roberto Leitão de Almeida Trompowski (1853-1926), que se tornou marechal e distinguiu-se também como famoso matemático. Em 1962 foi confirmado pelo presidente João Goulart como o patrono do ensino militar brasileiro. Seu filho Armando Figueira de Almeida Trompowski (1889-1966) foi brigadeiro, nos anos 1945-51 exerceu o cargo de ministro da aeronáutica e em 1951 tornou-se ministro Tribunal Superior Militar.

O engenheiro e geólogo André Przewodowski (1799-1878) aqui se estabeleceu em 1839. Na Bahia, ele construiu prédios, pontes e instalações portuárias e descobriu jazidas de petróleo. Da mesma família Przewodowski, destacaram-se Estanislau (1843-1903) – engenheiro naval e oficial da marinha brasileira que participou da Guerra do Paraguai, e Oscar (1892-1956) – jurista e cientista político.

No mesmo ano de 1839 veio o médico Pedro Napoleão Luís Czerniewicz (Chernowicz) (1812-1881), que foi um dos fundadores da Academia de Medicina do Rio de Janeiro e escreveu em português manuais sobre ciências médicas, como o *Diccionario e Formulário Médico*, e recebeu de Dom Pedro II a condecoração de "Cavalheiro da Ordem de Cristo". Após quinze anos de permanência o Brasil o Dr.

Czerniewicz voltou à Europa, para se estabelecer na França, onde também faleceu.

Jerônimo Durski (1824-1905) veio ao Brasil em 1851 e se tornou conhecido como pedagogo, autor da primeira cartilha para o estudo do polonês no Brasil, publicada em Poznań, na Polônia, em 1893. Exerceu o magistério em várias localidades. Pela sua incansável atividade didática foi cognominado "Pai das escolas polonesas no Brasil".

Contribuiu significativamente para a exploração do Brasil Florestan Rozwadowski (1805-1879), que participou do Levante de Novembro de 1930 e veio ao Brasil em 1850 ou 1851, em companhia dos filhos Antônio e Otaviano, tornou-se major do exército brasileiro e realizou medições topográficas na Amazônia. Em 1863, ao tomar conhecimento do Levante de Janeiro (de 1863), o major Rozwadowski retornou à Europa.

Alexandre Brodowski (1855-1899), que veio ao Brasil em 1878, e Bronislau Rymkiewicz (1849-1907), que veio em 1888, foram engenheiros e construtores de portos e ferrovias. Brodowski emprestou o seu nome a um município no estado de São Paulo, e em honra dele foi construído um monumento na cidade de Manaus.

Além dos nomes citados, existe uma extensa lista de cientistas e oficiais militares que não faz parte da imigração oficial coletiva, embora essas personalidades brilhem no céu brasileiro como luminares da ciência e do progresso.

A imigração maciça e coletiva

Como vimos, entre os primeiros poloneses vindos ao Brasil havia o predomínio de pessoas cultas, profissionais e especialistas em diversas áreas.

Diferente foi a característica da grande imigração coletiva, que ocorreu nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX. Entre esses imigrantes, a grande massa (mais de 90%) era

constituída de camponeses, pessoas portadoras de pouca ou nenhuma instrução.

À medida que a imigração se intensificava, ia aumentando igualmente o interesse na Polônia pelo Brasil e pelos emigrados que ali se encontravam. Além disso, convém assinalar que esses imigrantes, ainda que pessoas simples e muitas vezes analfabetas, sempre se preocuparam em satisfazer as suas necessidades religiosas e não deixavam de se preocupar com a instrução de seus filhos. Em razão disso, vieram prestar-lhes assistência padres e religiosas de diversas congregações. Iam aparecendo também, aos poucos, pessoas de nível intelectual elevado, que contribuíram para que se estabelecesse entre os poloneses, no Brasil, uma vasta rede de sociedades e escolas, bem como para que surgissem diversos jornais e publicações em língua polonesa. Dessa forma, aos poucos foi mudando o perfil da comunidade por eles constituída, da chamada comunidade polônica no Brasil. De um perfil eminentemente rural e agrícola, passaram a ocupar posições importantes em outras áreas da vida social, inclusive na política.

A imigração maciça praticamente se interrompeu com a eclosão da Segunda Guerra Mundial. Mas durante esse conflito mundial e nos anos posteriores ao seu término ainda vieram ao Brasil alguns milhares de poloneses, agora já de um perfil diferente, que se estabeleceram principalmente em cidades grandes, como Rio de Janeiro, São Paulo, Curitiba ou Porto Alegre.

Figuras de destaque na comunidade polônica brasileira

Dentro da coletividade étnica de origem polonesa que surgiu no Brasil a partir dos imigrantes poloneses e dos seus descendentes no período da imigração maciça e posterior a ela, e que se convencionou chamar comunidade polônica, muitos nomes de relevância poderiam ser apontados. Aqui se torna difícil fazer uma seleção, mas mesmo assim podemos mencionar sem medo de errar alguns nomes que se destacaram em diversas áreas.

Tadeusz Chrostowski (1878-1923) foi um naturalista e ornitólogo polonês que desenvolveu pesquisas científicas no Paraná, para onde viajou em três oportunidades (em 1910, 1913 e 1922). Promoveu pesquisas na área da ornitologia. Em 1922 publicou o seu livro intitulado *Parana*. Em 1923 faleceu no interior do Paraná, vitimado pela malária.

João Zaco Paraná (1884-1961) veio ao Brasil juntamente com seus pais em 1887. Impelido desde jovem pelas suas aptidões artísticas, tornou-se um famoso escultor, com estudos realizados em Curitiba, no Rio de Janeiro, em Bruxelas e em Paris. Naturalizou-se em 1923, mudando seu nome original (Jan Żak) para João Zaco Paraná. Em Curitiba, deixou obras importantes, como o monumento em bronze "O Semeador", localizado na Praça Eufrásio Correia, e a escultura "Amor materno" (também conhecida como "Maternidade"), que se encontra no Jardim Botânico da cidade.

O Dr. Simão Kossobudzki (1869-1934) foi médico, jornalista e professor universitário. Estudou medicina em Varsóvia, onde se tornou um militante esquerdista e nacionalista. Seu sonho era sublevar os trabalhadores e a mocidade contra o domínio estrangeiro. Por isso ele foi preso e condenado a cinco anos de desterro na região dos Montes Urais. Apesar de tudo, conseguiu concluir ali o curso de medicina, na cidade de Kazan. Cumprida a pena, voltou a Varsóvia em 1899 onde passou a exercer a profissão. Fez estágios de aperfeiçoamento com médicos de renome em Wrocław, Praga, Berlim e Paris. Retornando à Polônia, reingressou no movimento em prol da independência e chegou a colaborar com Piłsudski, futuro presidente da Polônia. Em 1907 emigrou ao Brasil. Em Ponta Grossa, abriu uma casa de saúde e trabalhou como jornalista. Em 1912, por ocasião da fundação a Universidade Federal do Paraná, foi convidado a colaborar com a instalação da Faculdade de Medicina. Trabalhou então como professor e como cirurgião na Santa Casa de Misericórdia

e foi redator do jornal Świt (Aurora), órgão da ala laica e esquerdista que polemizava com o jornal Lud (O Povo), publicado pelos Padres Vicentinos. O presidente do Paraná Afonso Camargo convidou-o a candidatar-se a deputado estadual, mas o projeto não prosperou, devido à rejeição do seu nome pelo clero polonês, que controlava o voto nas colônias. Em 1930 assumiu a direção da Santa Casa de Misericórdia, de Curitiba, instituição a que se dedicou até a sua morte, em 1934.

Entre os religiosos, sobressai a figura do Pe. José Joaquim Góral (1873-1959), da congregação dos Padres Vicentinos. Ele veio ao Brasil como missionário em 1911, no período de quase meio século em que aqui trabalhou, distinguiu-se por uma obra prolífica não apenas na seara missionária, mas também na atividade literária. A sua realização mais notória e importante foi o *Dicionário Português-Polonês* (1927) e o *Dicionário Polonês-Português* (1930), obra que prestou aos imigrantes um grande serviço na luta deles com as dificuldades linguísticas na nova pátria.

Júlio Szymański (1870-1958) foi médico oftalmologista, pesquisador, político, incentivador da aproximação entre a Polônia e o Brasil. As vicissitudes políticas da época forçaram-no a emigrar primeiramente aos Estados Unidos. Em Chicago, Szymański se aprofundou na sua especialidade, a oftalmologia, e se envolveu no jornalismo, dirigindo o *Dziennik Ludowy* (Diário Popular). Em 1912, juntamente o Dr. José Czaki, chegou ao Paraná e passou a exercer a clínica oftalmológica em Araucária. Foi um dos primeiros professores da Universidade Federal do Paraná, na qual foi professor na cátedra de oftalmologia. Em 1921 Szymański voltou à Polônia, onde foi professor na Universidade Stefan Batory, de Vilnius. Foi também eleito por duas vezes deputado ao Parlamento Polonês, e em 1926 foi nomeado senador e indicado Presidente do Senado. Em 1931 fundou em Varsóvia a Sociedade Polono-Brasileira Rui Barbosa. Após a II Guerra Mundial, para fugir ao comunismo, voltou ao Brasil e radicou-

se novamente em Araucária, onde clinicou até 1956, quando novamente voltou à Polônia, onde faleceu em 1958.

No Paraná, uma figura de destaque foi Tadeu Morozowicz (1900-1982). Descendente de uma família de tradições artísticas, fez estudos de balé, artes dramáticas e coreografia em Varsóvia, São Petersburgo e Kiev. Chegou ao Brasil em 1926. Já em 1927 fundou junto à Sociedade Thalia uma escola de balé. Na década de 1930 foi um grande incentivador do teatro no seio da colônia polonesa paranaense. Foi Morozowicz quem proferiu o discurso de saudação ao papa João Paulo II por ocasião da sua visita a Curitiba, em 1980.

Ceslau Mário Biezanko, nascido na Polônia em 1895 e falecido no Brasil em 1975, foi um eminente naturalista, agrônomo e professor universitário que realizou seus estudos superiores nas universidades de Varsóvia e Poznań. Em 1930 foi enviado ao Brasil para ser professor nas escolas polonesas nos estados meridionais. Estabeleceuse inicialmente na cidade de Rio Grande (RS). Em razão da sua sólida formação acadêmica, encontrou no Brasil campo propício para suas pesquisas e experiências. Tornou-se professor da Universidade de Pelotas, e seus trabalhos foram publicados em revistas científicas de vários países. Foi um dos pioneiros na introdução da cultura da soja no Brasil. Em 1973 recebeu a mais alta condecoração brasileira – a Ordem do Cruzeiro do Sul – por sua vasta contribuição ao desenvolvimento da pesquisa científica no Brasil.

Na área da pesquisa sobre a imigração polonesa no Brasil, merece ser destacado o já citado Pe. João Pitoń, da Congregação dos Padres Vicentinos, que permaneceu no Brasil por 41 anos (de 1933 a 1974). Como reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, ele visitou todos os estados brasileiros que possuíam núcleos da imigração polonesa e organizou na casa central dos Padres Vicentinos em Curitiba um rico arquivo da imigração polonesa. Sobre esse assunto publicou diversos artigos e monografias que fizeram dele um dos principais pesquisadores da história da colonização polonesa no Brasil.

Dos poloneses que vieram ao Brasil durante a Segunda Guerra Mundial, no campo artístico destaca-se a figura de Zbigniew Ziembinski (1908-1978). Ele chegou ao Brasil em 1941 e aqui teve uma grande contribuição para o desenvolvimento do teatro brasileiro. No final da sua vida trabalhou apenas para a televisão. Em sua honra, no Rio de Janeiro foi fundado o Teatro Ziembinski.

Já após a Segunda Guerra Mundial, no Paraná tivemos a presença marcante de Edward Lakomy (1921-1996). Durante a Segunda Guerra Mundial Lakomy lutou pela sua pátria integrando a Royal Air Force (RAF) – a Força Aérea Britânica, dentro do Esquadrão Polonês número 317, período em que passou por muitas peripécias, inclusive tendo seu avião abatido pelos alemães. Após a guerra, em 1949 Lakomy chegou ao Brasil. Fixou-se primeiro em Piraquara, onde começou a trabalhar como vendedor de produtos derivados do leite. Em seguida mudou-se para Curitiba, onde colocou em prática seus conhecimentos mecânicos. Utilizando-se de um veículo que adaptou para tal fim, começou transportando passageiros entre a Avenida Getúlio Vargas (onde hoje é a sede do Clube Curitibano) e o centro da cidade. Depois, junto com outros 13 motoristas, fundou a Auto Viação Nossa Senhora da Luz, e também a concessionária de veículos Pavema. Em ambas foi diretor-presidente. Em 1981 vendeu a Pavema e fundou a Lakomy Construções, na qual era ajudado pelo filho Lucas. Lakomy faleceu aos 75 anos de idade, em 1996.

Alfred Jurzykowski (1899-1966) foi industrial, comerciante e filantropo. Quando jovem, participou da guerra contra os bolchevistas como oficial do exército polonês. Posteriormente dedicou-se ao comércio, exportando produtos pecuários para os Estados Unidos e a Grã-Bretanha. Durante a Segunda Guerra Mundial estabeleceu-se nos Estados Unidos e fundou ali uma indústria de chocolate, sendo ele próprio produtor de cacau na República Dominicana, atividade em que acumulou uma verdadeira fortuna. Em 1950 chegou ao Brasil, onde trabalhou nos anos 1950-1960, tendo-se tornado um dos pioneiros da indústria automobilística brasileira. Em 1956, em

cooperação com a empresa Mercedes Benz, fundou em São Paulo a montadora de automóveis e caminhões Mercedes Benz do Brasil. Da inauguração da fábrica, no dia 28 de setembro de 1956, participou o presidente do Brasil Juscelino Kubitschek. Em 1960 foi instituída por ele em Nova York a Fundação Jurzykowski, com o objetivo de apoiar cientistas e artistas da Polônia e do Brasil.

Samuel Klein (1923-2014) foi um empresário polonobrasileiro, fundador da conhecida rede de lojas Casas Bahia. Ele nasceu em Lublin, na Polônia. Com 19 anos, foi mandado junto com seu pai para o campo de concentração alemão de Majdanek e depois a Auschwitz-Birkenau. Ele e o pai conseguiram salvar-se, mas a mãe e seus cinco irmãos mais jovens morreram no campo de concentração de Treblinka. Após a guerra, de 1946 a 1951, Klein viveu na Alemanha, onde se casou e iniciou a sua vida de comerciante. Em 1952 resolveu deixar a Europa. Estabeleceu-se primeiro na Bolívia e logo depois no Brasil. Em São Paulo dedicou-se ao comércio, tendo fundado a loja Casas Bahia, que nos anos seguintes se transformou numa grande loja de departamentos. Foi um dos grandes nomes do empreendedorismo brasileiro.

Vamos agora citar os nomes de alguns que já nasceram no Brasil e que em diversas áreas deram continuidade à obra anteriormente realizada por muitos poloneses ilustres que aqui se estabeleceram.

Nicéforo Modesto Falarz (1893-1984), filho de agricultores na colônia Órleans, localizada nos arredores de Curitiba, foi professor e político. Na década de 1920 dirigiu cursos de preparação para a habilitação dos professores que atuavam nas escolas polonesas. Foi eleito deputado estadual para os biênios 1924-25 e 1926-27. Trabalhou como professor e diretor da Escola Normal em Curitiba. Foi também professor e diretor do Colégio Henrique Sienkiewicz, na capital paranaense. Encaminhou muitos filhos de imigrantes para serem engenheiros, professores, dentistas etc. Participou ativamente de muitas instituições culturais, esportivas e sociais paranaenses.

O paranaense Ladislau Romanowski (1902-1997), filho de poloneses, tornou-se um escritor em língua portuguesa. São obras suas os romances *Ciúme da morte* (1943), romance que foi laureado com o Prêmio Raul Pompeia em 1945, e *Os trigais ondulavam* (1947), além de uma série de livros infantis e de peças teatrais.

Bronislau Ostoja Roguski (1913-1972) foi jurista, deputado estadual e federal e um grande líder polônico, incentivador da vida cultural polônica no Paraná. Como deputado federal, representou o Brasil em vários encontros parlamentares internacionais.

O Dr. Edvino Donato Tempski (1913-1995) foi médico, político e escritor, bem como pesquisador da colonização polonesa no Brasil. Da sua produção histórico-literária destaca-se a obra *Quem é o polonês?* (Curitiba, 1971).

Ruy Christovam Wachowicz (1939-2000) foi professor universitário, historiador e pesquisador da imigração polonesa no Brasil, sobre a qual escreveu diversas obras, por exemplo *O camponês polonês no Brasil* (1981). Foi também autor de *História do Paraná* (1988).

Ainda área da literatura, ocupa lugar de destaque Paulo Leminski (1944-1989), poeta e escritor vanguardista. Sua obra *Catatau* projetou-o nacionalmente, a partir da década de 1960. Também escreveu letras para famosos cantores brasileiros, como Caetano Veloso, Ney Matogrosso, Paulinho Boca de Cantor, Guilherme Arantes, os Titãs. Foi ainda publicitário, novelista e até escritor de histórias em quadrinhos.

No Rio Grande do Sul destacaram-se na área da pesquisa histórica da colonização polonesa dois autores: Edmundo Gardolinski (1914-1974), que foi engenheiro e historiógrafo, tendo-se dedicado à pesquisa da imigração polonesa no Rio Grande do Sul. Sobre esse tema escreveu diversos artigos, em revistas e jornais gaúchos e paranaenses. O gaúcho e capuchinho Frei Alberto Victor Stawinski (1900-1991) foi escritor, historiador e jornalista. Escreveu sobre assuntos diversos, inclusive sobre a colonização polonesa, na obra *Primórdios da colonização polonesa no Rio Grande do Sul* (1976).

Conclusão

Pelo esboço acima percebe-se que desde o século XIX até o período da Segunda Guerra Mundial e os primeiros anos a ela subsequentes o Brasil recebeu um significativo contingente de cidadãos poloneses. A maioria deles, que eram camponeses de pouco ou nenhuma instrução, fixou-se no interior do país e contribuiu para o desenvolvimento da agricultura brasileira. Mas houve também entre eles e seus descendentes um bom número daqueles que, qualificados em diversas áreas da ciência, da tecnologia e da arte, além de ilustres membros do clero, prestaram a sua significativa contribuição para o desenvolvimento do Brasil em áreas diversas. Isso demonstra que a Polônia tem a seu crédito figuras eminentes que marcaram a sua presença em nosso país e de que toda a comunidade polônica aqui existente tem suficientes razões para se orgulhar.

Bibliografia:

GŁUCHOWSKI, Kazimierz. Os poloneses no Brasil: subsídios para o problema da colonização polonesa no Brasil. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski, 2005.

GRIZOLI, Larissa. Prazer, Lakomy. Fecomércio PR, n. 129, março/abril 2019, pp. 91-93.

MALCZEWSKI, Zdzislaw. *Obecność Polaków i Polonii w Rio de Janeiro*. Lublin: Oddział Lubelski Stowarzyszenia "WSPÓLNOTA POLSKA", 1995.

MALCZEWSKI, Zdzislaw; WACHOWICZ, Ruy C. *Perfis polônicos no Brasil*. Curitiba: Editora Vicentina, 2000.

MAZUREK, Jerzy. *A Polônia e seus emigrados na América Latina (até 1939).* Goiânia: Editora Espaço Acadêmico, 2016.

PINDEL, Tomasz. Za horyzont: Polaków latynoamerykańskich przygody. Kraków: Wydawnictwo Znak, 2018.

PITOŃ, Jan. U źródła emigracjii polskiej w Brazylii. *Kalendarz Ludu 1973*, Curitiba, p. 89-101.

URBANSKI, Edmund Stefan (org.). *Sylwetki polskie w Ameryce Łacińskiej w XIX i XX wieku*, vols. I-II. Stevens Point: Artex Publishing, Inc., 1991.

WACHOWICZ, Ruy C. *O camponês polonês no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural, Casa Romário Martins, 1981.

https//pt.wikipedia.org/wiki/Samuel_Klein

RESUMO - STRESZCZENIE

Zbiorowa emigracja z Polski do Brazylii datuje się od roku 1869, kiedy staraniem Edmunda Wosia Sebastiana Saporskiego pierwsze grupy osadników polskich przybyły do stanu Santa Catarina. Jednak pojedynczo Polacy pojawiają się w Brazylii począwszy od lat trzydziestych XVII wieku, kiedy Krzysztof Arciszewski z grupą towarzyszy zawitał do północno-wschodniego wybrzeża brazylijskiego wraz z wojskową wyprawą holenderską. Niepodległość Brazylii w 1822 r. stała się bodźcem do przybycia licznej grupy Polaków – wojskowych, inżynierów, lekarzy itp., przeważnie w latach następnych po powstaniach listopadowym i styczniowym. Spośród nich oraz spośród następnej imigracji masowej wielu Polaków i ich potomków w Brazylii przyczyniło się w sposób szczególny do postępu i rozwoju tego kraju w różnych dziedzinach. Artykuł eksponuje kilka z bardziej znanych sylwetek należących do grona tych zasłużonych osobistości.

IMPERIUM E OS INIMIGOS DA SOCIEDADE ABERTA

Aline AZEVEDO LARROYED□

Imperium é um desses livros que caíram em minhas mãos como luvas de dimensões perfeitas — daquelas que embelezam, confortam, protegem contra o frio e, milagrosamente, parecem ter sido feitas para os dedos de quem as usa, no momento em que se necessita urgentemente do acessório¹. Só quem já viveu em frio intenso irá perceber a metáfora em toda sua extensão.

-

^{*} Doutora em Direito de Propriedade Intelectual pela UFSC. No momento, cursa o último ano do Doutorado em Direito Internacional na Universidade de Maastricht, Países Baixos, em projeto conjunto com o Instituto Max Planck de Inovação e Direito de Concorrência, em Munique, na Alemanha. Concluiu graduação e mestrado na UnB, em Letras e Teoria Literária. Durante o doutorado, pesquisou a influência da tradução no direito de patentes. No mestrado, e já em projeto de iniciação científica, desenvolveu pesquisas associadas à literatura eslava e à tradução literária. Trabalhou como professora de teoria da tradução, teoria literária e literatura inglesa e norteamericana. Trabalhou no Inmetro, em projetos internacionais relacionados a inovação e propriedade intelectual. Atualmente, trabalha no Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação (FNDE). Email: alarroyed@gmail.com

¹ Kapuscinski, Ryszard. *Imperium*. Tradução de Ana Lúcia Mikosz e Kenneth Hacynski da Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

O livro me chegou assim porque me trouxe as respostas que há tempos buscava para entender questões culturais, políticas e humanas que me inquietam. Imperium nunca esteve tão atual, e deveria ser lido por todos como aprendizado sobre democracia e como lição de humanização. Nele, Ryszard Kapuscinski (1932-2007) lança mão de um gênero que reúne narrativa histórica, jornalismo e literatura. Poderia ser mesmo definido como um livro de história, história completa e abrangente sobre a União Soviética, história a que se deu vida com a varinha mágica da literatura, dos recursos literários utilizados pelo autor, revés da historiografia clássica, da história dos postulados incompatíveis, narrada sob a perspectiva do desejo, conforme definição de Foulcault (2008, p. 170). A obra combina fatos e datas a fragmentos de experiências a diálogos e sensações reais. Sendo assim, trata-se de uma narrativa histórica que não serve a ninguém mais que à vitalidade e à sensibilidade do próprio texto. Uma narrativa de viagem, na qual o autor toma-nos pela mão e nos leva para conhecer o "Imperium", em todas as suas nuances.

A longa reportagem e sua comovente história evocativa retomam a experiência de seu autor em três distintas fases do império soviético. A primeira, de 1939 a 1967, retoma as lembranças da entrada do exército soviético na Polônia, em Pińsk, a cidade natal de Kapuscinski, além das viagens na Sibéria, na região do Cáucaso e na Ásia Central. A segunda retrata um primeiro período de desintegração, de 1989 a 1991, em longas rotas pouco oficiais ou convencionais (Brest, na fronteira com a Polônia; Magadan, no Pacífico; Vorkuta, no Círculo Polar; Termes, fronteira com o Afeganistão...). A terceira – 1992 a 1993 – retrata um último retorno ao império, em uma coletânea de reflexões e observações que retomam toda a experiência narrada. Kapuscinski o define como um relato pessoal das viagens empreendidas pelo imenso território que fazia parte da União Soviética (Kapuscinski, 1994, pp. 9-10).

Embora não se constitua como uma obra de ficção, o livro demonstra maestria no emprego de recursos literários, sendo capaz de transportar o leitor às cenas originais que descreve. Provavelmente, Kapuscinski as elaborou assim, tão real e intensamente, com o esmero de um escultor, por necessidade, pela exigência da obra, conforme a definição de Maurice Blanchot (1955, pp. 15-51), no esforço de descrever a essência de um "verdadeiro escritor", de uma verdadeira obra de arte literária. Imperium, portanto, têm, sobretudo, coisas importantes a revelar e a dizer.

Ao seguir com a leitura, o leitor de Imperium irá visualizar outros livros e outras cenas. O primeiro que me vem à mente é "A Sociedade Aberta e seus Inimigos", de Karl Popper (1974). Imperium se associa à filosofia popperiana por representar o desenho perfeito, a encarnação dos inimigos da sociedade aberta. É quase possível combinar os dois livros trecho a trecho, como teoria e ilustração, observação filosófica e cena real. Proponho-me, então, levar a cabo esse exercício. Comparo e agrupo trechos. Percebo que se encaixam como um quebra-cabeças. Assim vou montando as peças, que falam sobre política e opressão, com personagens, datas e comportamentos que caracterizam os inimigos da sociedade aberta.

Ao rever as profecias de Marx, Popper se refere a sua poderosa força política: uma fé como o otimismo progressista do Século XIX (Popper, op. cit., p. 204). O inconfundível elemento profético do marxismo se apresenta como prova da fé religiosa que as teorias de Marx foram capazes de inspirar nas pessoas. Na verdade, até hoje, bem além do ano de publicação de A sociedade aberta e seus inimigos, essa fé ainda vigora, já por mais de um século. Popper questiona a pobreza do método historicista e o engessamento de um modus pensandi que funciona apenas para corroborar, ainda que de forma arbitrária, tais profecias como científicas (ibid., pp. 199-205). Nisso, e até hoje, o

marxismo não mudou, nem mudou sua capacidade de estagnar a forma de organização de sociedades inteiras, em função de uma crença inspiradora e da missão em defendê-la, a qualquer custo, em prol de um grande futuro que ainda irá atingir toda a humanidade (Popper, op. cit., p. 204).

As coisas, porém, desenrolaram-se diferentemente. O elemento profético do credo de Marx prevaleceu na mente de seus seguidores. Varreu tudo mais, banindo a força do julgamento frio e crítico e destruindo a crença de que podemos mudar o mundo através do uso da razão. Tudo quanto restou do ensinamento de Marx foi a filosofia oracular de Hegel, que, sob seus adornos marxistas, ameaça paralisar a luta pela sociedade democrática (Popper, op. cit., p.205).

Para Popper, a influência dessa religião profética desencoraja a pesquisa da tecnologia social e resulta em um movimento para uma mecânica específica em que o planejamento sobrepuja a liberdade e silencia qualquer reação crítica. Esse movimento se retrata nas cenas descritas por Kapuscinski.

Contudo, não houve pânico. As pessoas aqui aceitam todas as desgraças, mesmo aquelas causadas pela insensibilidade e estupidez dos governantes, como oriundas dos excessos da onipotente e caprichosa natureza: inundações, terremotos ou invernos excepcionalmente gelados. A irreflexão ou a brutalidade do poder estatal são pura e simplesmente mais um cataclismo natural. É preciso compreendê-los. É preciso se conformar com isso (Kapuscinski, op. cit., p. 158).

Nas ruas, nas praças, estendiam-se filas quilométricas. Eram filas estranhas (...) Reinavam a ordem e o silêncio (...) Quando chegou o caminhão, cada um pôde servir-se da quantidade de água de que necessitava. Mas por quanto tempo seria suficiente essa água? Um ou

dois dias? Ninguém tinha uma resposta para a pergunta. E depois? Neste país, a imprensa, o rádio e a televisão estão repletos de histórias que começam e ficam sem conclusão. Explodem lutas em Fergana: há mortos e feridos, e a cidade queima, mas, no dia seguinte, Fergana some do campo de visão – ninguém consegue mais nenhuma informação sobre o que acontece por lá (Kapuscinski, op. cit., p. 159).

Ainda sobre A Sociedade Aberta e Seus Inimigos, a irracionalidade descrita por Popper como uma teoria moral historicista associa-se à necessidade histórica do socialismo, conforme proclamada por Marx. Popper interpreta essa teoria como alicerçada em uma predição, a qual, embora tenha se originado de uma boa intenção, encerra bases científicas questionáveis (Popper, op. cit., pp. 214-215). A profecia de Marx alvitrava, também, uma forte esguelha moral, que, embora muito acentuada, insinua-se de forma inconsciente em seus escritos (ibid., pp. 205-218). A moralidade historicista de Marx é atraente do ponto de vista discursivo. Contudo, nunca foi exposta ou discutida de forma clara e explícita, nem por seu autor, nem por seus seguidores (ibid., pp. 204-205). Em Imperium, convergentemente, o discurso assume uma ética própria, veiculada por uma linguagem específica. O que se configurou como silêncio na era soviética se transformou em apatia ou verborragia após o período da glasnost.

Pela primeira vez, as pessoas começam a expressar publicamente a própria opinião, a ter uma opinião, a criticar e reivindicar. Muitos, claro, engasgam-se e embriagam-se com isso – o que, a longo prazo, é extraordinariamente cansativo, pois todos em toda parte falam, falam e falam sem parar (...) O idioma russo – com sua fraseologia grandiosa, ampla e interminável como a própria Rússia – dá margem a tal loquacidade, a essa efervescente enxurrada de palavras. Não há aqui nenhuma disciplina cartesiana, nenhum aforismo ascético. É preciso aturar e atolar nas torrentes verbais (...) Não só é permitido falar, como também há sobre o que falar (...) O indivíduo da primeira

metade do século, sobretudo na URSS, estava mais próximo do homem das cavernas do que dessa criatura que hoje se senta em frente ao computador e com alguns comandos tem pronto acesso a todo tipo de informação (...) Com efeito, naquele tempo, as pessoas sabiam muito pouco. Um dos verdadeiros privilégios era justamente o acesso às informações. Os arquivos da KGB eram mais bem guardados que os arsenais das armas de destruição em massa lá (Kapuscinski, op. cit., p. 290).

Além da evidente intertextualidade de Imperium com a obra de Popper e com outras críticas posteriores ao marxismo, chama a atenção a notória e constante similitude de várias das cenas descritas com traços da cultura social, organizacional e política brasileira. Diversas passagens suscitaram perguntas associadas ao que justificaria tais paridades. Entre os traços culturais, a resposta poderia estar na própria vastidão e diversidade geográfica, na verve autoritária, ou na vocação de se deixar explorar. Quanto ao modo de organização política, as analogias podem ter base em uma tendência ao estadismo ou a burlar e descaracterizar as instituições democráticas. Também é possível intuir coincidências quanto à necessidade de lideranças marcantes, em figuras políticas que chegam a encarnar um imperativo que se aproxima de nuances místicas, religiosas: o líder que encarna o herói, o redentor, o pai.

Dos centros de poder, emanam verdades obscuras e inquestionáveis. Da sociedade, espera-se obediência e um tipo de fidelidade que se aproxima da atitude de veneração aos detentores do poder. Isso se configura como um sentimento de inferioridade e distanciamento dos centros de decisão, o qual reitera um processo predatório contínuo, associado à exploração de uma sociedade inerte, embora potencialmente criativa e produtiva, que não se vê como tal. Assim, não se ponderam diálogos, soluções pragmáticas ou possibilidades de consensos. Porém, alimenta-se uma contínua necessidade de gerar

discórdia, de disputar e demonstrar poder, de dominar e subjugar uma nação. São inúmeras passagens de Kapuscinski que valeria a pena citar. Deixo aqui algumas dentre as mais marcantes, junto com uma forte recomendação de leitura dessa obra singular da narrativa jornalística.

Essa existência esquizofrênica entre dois mundos diferentes despertou minha atenção para a discrepância básica, e mesmo abissal, que prevalece em nossa época entre o tempo da cultura material (da vida cotidiana) e o tempo dos acontecimentos políticos. O cenário político altera-se em ritmo mais rápido que a nossa existência cotidiana. Muda o regime, mudam os partidos no poder e os seus líderes, mas o indivíduo continua vivendo como sempre viveu; continua sem possuir moradia ou emprego, as casas continuam em ruínas e as ruas esburacadas, a luta pela sobrevivência continua de sol a sol (...) Talvez por isso tanta gente vire as costas para o mundo da política: trata-se de um mundo muito diferente, que se desenrola num ritmo bem diverso daquele no qual transcorre a vida do indivíduo comum. (Kapuscinski, op. cit., p. 295).

Anos a fio, em toda a burocracia, bem como na polícia, reinou um aperfeiçoado sistema de espionagem e informação direcionado para uma única preocupação: Alguém fez perguntas? Sobre o que perguntou? Diga o nome completo daquele que perguntou (...) Conversa entre dois amigos íntimos antes de uma reunião: (...) "Notei que você pergunta demais. Quer prejudicar a você mesmo?" (...) Sábia frase do Eclesiastes: "Quem acumula saber, acumula dor". Desdobrando esse pensamento amargo, Karl Popper escreveu certa vez que (cito de memória) a ignorância não é a simples e inerte falta de conhecimento, mas é a postura ativa, é a recusa da aceitação do conhecimento, aversão a possuí-lo, sua rejeição. (Resumindo: ignorância é, na verdade, anticonhecimento.) (...) O domínio das perguntas, tão amplo e aparentemente tão indispensável à vida, era,

no entanto, um campo proibido e minado, uma parte odiosa do discurso humano (...) (ibid., p. 138).

A terceira herança do velho sistema é a atemorizante degradação e parte considerável do tecido social – escalada de todo tipo de gangues, do terror dos bandos armados, do comércio de proteção. Além disso, a onipresença das mais diversas máfias, atingindo camadas mais altas do poder (...) A estarrecedora roubalheira. A corrupção geral. Bebedeira, violência, cinismo. Reina por toda parte a patifaria na sua versão mais ordinária (ibid., p. 299).

Em países altamente desenvolvidos, como por exemplo a Holanda ou a Suíça, chama nossa atenção o fato de que toda a realidade material reflete um alto padrão de desenvolvimento: as asas que nos cercam são higienicamente pintadas e envidraçadas; o asfalto das estradas, homogêneo, e as faixas bem demarcadas; as lojas todas, bem abastecidas; os restaurantes, aquecidos e limpos; as ruas, bem iluminadas; o gramado, aparado. Já nos países em desenvolvimento de enclave a paisagem é outra. Entre prédios decrépitos vê-se uma agencia bancária de alto luxo, um elegante hotel é circundado por favelas e ruas imundas, do aeroporto claro e iluminado adentra-se a escuridão tenebrosa de uma cidade pouco aprazível; ao lado da vitrine brilhante da Dior, as sujas, vazias e apagadas vitrines das lojas locais; ao lado de imponentes automóveis, os velhos, fedorentos e entupidos ônibus locais. O capital (principalmente estrangeiro) constrói seus recendentes e iluminados abrigos, aqueles enclaves magníficos - quanto ao resto do país, não tem condições nem a intenção de se desenvolver (ibid., pp. 302-303).

Referências

BLANCHOT, Maurice. L'Espace Litteraire. Paris: Gallimard, 1955.

Artigos

FOUCAULT, Michel. A Arqueologia do Saber. Tradução de L. F. Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

KAPUSCINSKI, Ryszard. Imperium Tradução de A. L. Mikosz e K. H. da Nóbrega. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

POPPER, Karl. A Sociedade Aberta e seus Inimigos, vol II. Tradução de M. Amado. Belo Horizonte: Itatiaia, 1974.

RESUMO – STRESZCZENIE

Dzieło Ryszarda Kapuścińskiego "Imperium" ukazało się w Brazylii w 1994 r. tłumaczeniu na język powrtugalski. Autorka powyższego tekstu przybliża czytelnikowi tematykę poruszoną przez Kapuścińskiego. "Imperium" porusza kwestie, które możemy postrzegać w dzisiejszym świecie. Aby móc lepiej zrozumieć dzisiejszą demokrację, postawę i decyzje człowieka należałoby przeczytać "Imperium".

O INÍCIO DA IMIGRAÇÃO POLONESA NO BRASIL

Iraci José MARIN*

No ano em que se comemoram os 150 anos da imigração polonesa ao Brasil, traço algumas linhas sobre a mesma, enfocando os primeiros movimentos imigratórios, o que ocorreu nos estados do Sul do Brasil.

-

^{*} Professor estadual aposentado e advogado em Caxias do Sul-RS. É coautor do livro *Histórias de Caxias do Sul*, publicado pela Secretaria Municipal de Cultura, 2010. É autor dos livros: *Imigrantes Poloneses afundados num mar italiano* (Maneco, 2014); À margem do rio (EST Edições, 2015); Família Marin – história e vida (Editora Visão, 2016); Conrado (EST Edições, 2017). No prelo: A Polônia e os poloneses (Rodycz & Ordakowski/Est Edições) e A Invasão (EST Edições). Mail: advmarin@gmail.com

Artigos



Antes de apresentar os dados históricos, considero pertinente dizer que deve ser motivo de satisfação e orgulho para todo descendente de polonês o fato de os Correios terem criado um belo selo comemorativo aos 150 anos da Imigração Polonesa no Brasil.

Dados gerais

Setenta por cento da imigração polonesa para o Brasil se deu até a Primeira Guerra. Houve grande emigração polonesa também para outros países, principalmente Inglaterra, França, Alemanha e Estados Unidos da América. Mas este país fechou as portas para a imigração em 1924. Então, a opção era a América do Sul e a Oceania. No entanto, no período do entreguerras a imigração polonesa ao Brasil foi pequena. Após a Segunda Guerra, até o ano de 1989, em geral os imigrantes permaneceram nas cidades. Eram imigrantes políticos e anticomunistas, pessoas pertencentes à velha aristocracia rural, padres ou ex-soldados do exército subterrâneo (*Armia Krajowa - AK*). Após 1990, vieram estudantes e profissionais em geral. Mas a imigração deste período foi pequena.

O Brasil detém a terceira maior população de ascendência polonesa no mundo, depois dos Estados Unidos e da Alemanha. Na América Latina, o Brasil é o país com mais imigrantes dessa etnia, cuja imigração se caracterizou, em regra e até a Primeira Guerra, por ser de camponeses analfabetos, católicos e pobres.

A maior parte dos polônicos encontra-se no Paraná (aproximadamente 1.200.000), em Santa Catarina (aproximadamente 200.000) e no Rio Grande do Sul (aproximadamente 800.000). Mas eles também se encontram, em menor número, em outros Estados, como Rio de Janeiro, São Paulo, Espírito Santo e Goiás.

A imigração

O primeiro grupo de imigração polonesa organizada que chegou em terras brasileiras era constituído de 16 famílias (seriam 78 pessoas) e chegou no mês de agosto de 1869. (Completa 150 anos da imigração neste ano de 2019.) Eram oriundos da aldeia de Siołkowice, região da Alta Silésia, então ocupada pela Prússia. Vieram a bordo do vapor *Victoria* e desembarcaram no porto de Itajaí, Santa Catarina. Rumaram em pequenos barcos pelo rio Itajaí-Mirim até um pequeno porto que existia na Colônia Príncipe D. Pedro (depois denominada Brusque) e foram destinados para a Linha Sixteen Lots, abandonada pelos irlandeses e formada por 16 lotes. Por isso, Brusque é considerada o berço da imigração polonesa no Brasil.

A indústria têxtil de Brusque e região teve início e origem com profissionais vinculados a tal atividade emigrados de *Łódź*, na Polônia, que impulsionaram este segmento industrial, abrindo oportunidade de trabalho e de renda.

Em 11 de maio de 1871, foi atendido pelo Imperador D. Pedro II o pedido de transferência destes imigrantes para o Paraná. A migração teve a interferência de *Sebastião* Edmundo *Wos-Saporski* (1844-1933), um militar fugido do serviço militar no exército prussiano, que chegou ao Brasil em 1867 apenas como Edmundo

Saporski. Foi ele que promoveu a vinda de 16 famílias (eram parentes e amigos seus) para a colônia catarinense, em 1869. No ano seguinte, mais 32 famílias chegaram à região. Com a ajuda do padre Antônio Zieliński, que era bem relacionado na corte imperial, conseguiu terras para seus compatriotas na localidade de Pilarzinho, nos arredores de Curitiba-PR.

Por sua atuação em prol da imigração polonesa e dos imigrantes, Saporski é considerado o "Pai da imigração polonesa no Brasil".

Não existem registros oficiais com relação à data da chegada daqueles imigrantes a Brusque. Foi então escolhido o dia 25 de agosto como marco da sua chegada ao Brasil por ter sido neste dia, no ano de 1869, que o primeiro polono-brasileiro foi batizado. Estêvão Sienovski era filho de Thomáz Synoesky e de Maria Kowalska, neto paterno de Urbano Sienovski e Maria Bartek. Ele nasceu no dia 3 de julho de 1869, a bordo do vapor *Victoria*, que trazia ao Brasil aquelas 16 famílias de imigrantes poloneses. No dia 25 de agosto de 1869, Estêvão foi batizado pelo Padre Alberto Francisco Gattone, conforme registro 55 do livro de batismos de 1869/1876, arquivado na Cúria Metropolitana, em Florianópolis. Também por esta razão a cidade de Brusque instituiu o dia 25 de agosto como o Dia Municipal do Imigrante Polonês (Lei nº 3.256/2009).

Há intenção e esforço para que esta data seja instituída como o Dia Estadual da Imigração Polonesa em Santa Catarina. Hoje, esta referência é o dia 3 de maio, data comemorativa criada por lei em 2007. No Rio Grande do Sul, a data é também o dia 3 de maio, criada por lei em 2004. No Paraná, o Dia da Comunidade Polonesa é o dia 2 de maio, criada por lei em 2006.

A imigração polonesa no Paraná se iniciou com as famílias que se deslocaram, em 1871, de Brusque-SC e se estabeleceram nos arredores de Curitiba, fundando a colônia Pilarzinho. No governo de Adolfo Lamenha Lins (1875-1877), foi elaborado um projeto de colonização, dando início a várias colônias de imigrantes no entorno

de Curitiba, no decorrer dos anos. Os poloneses foram destinados a vários núcleos coloniais que foram criados no decorrer dos anos: Abranches, em 1873; Santa Cândida, em 1875; Lamenha, Santo Inácio, Órleãns, D. Pedro II (Campo Largo), Dona Augusta e Tomás Coelho (Araucária), em 1876; Ferraria, antiga Rivière, em 1877; Zacarias, Inspetor Carvalho, Murici (São José dos Pinhais) e Coronel Accioly, em 1878, e outros. Vários destes núcleos coloniais são hoje bairros de Curitiba.

Em Órleans, começou a funcionar a primeira escola polonesa no Paraná, em 1876. Outras localidades constituíram núcleos da imigração polonesa neste estado, onde se encontra o maior contingente de descendentes de poloneses.

No Rio Grande do Sul, os primeiros imigrantes poloneses chegaram em fins do ano de 1875; seu destino foi a Serra Gaúcha, onde as terras devolutas estavam sendo repartidas em lotes e criadas colônias para assentamento de imigrantes europeus. Eram 26 famílias e vieram com passaporte prussiano. Na identificação, no entanto, todos se declararam "polacos". Eles foram conduzidos para a Colônia Conde d'Eu, com sede em Garibaldi, recebendo terras na Linha Azevedo Castro (hoje pertence ao município de Carlos Barbosa). Na 2ª Secção, ao lado da estrada e em frente à igreja de Sete de Castro, existe um marco para lembrar a imigração polonesa. Nele está escrito: "Te ziemie orał polski pług - Um arado polonês lavrou esta terra". Diversas famílias deste primeiro grupo de imigrantes, alguns anos após a chegada, transferiram-se para a localidade de Santa Teresa, na vizinha Colônia Dona Isabel (hoje Bento Gonçalves). Outras se deslocaram para as localidades de Santa Bárbara e Faria Lemos, não distantes de Santa Teresa, todas próximas ao rio das Antas. Houve famílias que migraram para Blumenau-SC, mas pouco tempo depois retornaram, fixando-se em diversas localidades da Serra Gaúcha. A imigração polonesa no Rio Grande do Sul avolumou-se, ocupando terras em diversas regiões do estado.

Artigos

Por fim, é preciso referir que antes da imigração propriamente dita, oficial e planejada, inúmeros poloneses pisaram em terras brasileiras de forma isolada. Eles se estabeleceram nas regiões Sudeste e Nordeste com atividades diversas (engenheiros, militares...) ou acompanharam a imigração alemã, no Sul, como colonos. Mas, de forma organizada e em grupo, os primeiros movimentos imigratórios de poloneses ao Brasil possuem os traços gerais que apresentamos.

FONTES:

Wikipédia:

https://rc.am.br/homes/page_noticia/id_51068/ https://www.culturartepolonesa.com/sobre-2-c1uz6

KOZOWSKI, Vitor Inácio. Estes imigrantes entre outros. Bento Gonçalves, 2003.

MARIN, Iraci José. *Imigrantes poloneses afundados num mar italiano*. Caxias do Sul: Maneco, 2014.

SILVA, José Ferreira da. *Poloneses em Brusque: fragmentos de uma saga*. Blumenau em Cadernos, Tomo XXXIX, 1998.

STAWINSKI, Frei Victor Alberto. *Primórdios da Imigração Polonesa no Rio Grande do Sul, 1875-1975.* Porto Alegre: Edições EST, 2ª ed., 1999.

WONSOWSKI, João Ladislau. *Nos Peraus do Rio das Antas*. Caxias do Sul-Porto Alegre: UCS-EST, 1976.

MAREK MAKOWSKI, palestra na UFSC, 12/04/2018.

COLABORAÇÃO de Nilton Proença.

RESUMO - STRESZCZENIE

Artykul porusza sprawę emigracji polskiej do Brazylii, zapoczątkowanej w formie zbiorowej i zorganzowanej w r. 1869. Przedstawia również późniejsze osiedlenie się tych imigrantów w południowych stanach brazylijskich Santa Caratina, Parana i Rio Grande do Sul, do których przeważnie zmierzała imigracja kolonistów polskich.

BRUSQUE E MASSARANDUBA: O PIONEIRISMO DA GENTE POLONESA EM TERRAS CATARINENSES COM CRIATIVIDADE, TRABALHO, PERSEVERANÇA E MUITA FÉ

Nazareno DALSASSO ANGULSKI*

Sabe-se que nos dias atuais vivem em Santa Catarina aproximadamente 320.000 descendentes de poloneses, localizados em maior número na região do Planalto Norte, entretanto podemos constatar em menor escala a presença polonesa na Região do Alto e Médio Vale do Itajaí, na Foz do Rio Itapocu, no Vale do Rio Tijucas, na Região Oeste e Extremo-Oeste, no Vale do Rio do Peixe, inclusive na Região da Grande Florianópolis e finalmente na Região Sul do nosso estado.

Preservar e difundir a cultura polonesa no estado de Santa Catarina, não é uma tarefa tão simples, afinal os poloneses não são muitos e, consequentemente, sua cultura e contribuição ao desenvolvimento de nosso estado ainda são desconhecidos pela grande maioria da população e principalmente pela classe política.

Por muito tempo, a historiografia catarinense e brasileira desconhecia a importância que a imigração polonesa teve na formação da identidade do povo catarinense e a sua contribuição ao desenvolvimento econômico e social do estado de Santa Catarina. Os documentos encontrados posteriormente, já na década de 1970, vieram comprovar a inegável influência dos imigrantes poloneses, tendo inclusive marcado sua presença com o início da indústria têxtil,

^{*} Pesquisador da temática polonesa em Santa Catarina.

por meio do trabalho empreendido pelos Tecelões de Łódz, legando a Brusque o título de o "Berço da Fiação Catarinense".

A presença polonesa em Brusque coincide com o início da imigração em Santa Catarina e no Brasil e ocorreu, conforme Goulart (1984), em agosto de 1869, quando desembarcaram no porto de Itajaí 16 famílias silesianas procedentes da aldeia de Siołkowice, próxima a Opole, cidade da Alta Silésia, região que na oportunidade se encontrava sob o domínio prussiano.

Assim, a imigração em massa dos poloneses para o Brasil data de agosto de 1869, quando as primeiras 16 famílias silesianas vieram, a bordo do vapor "Victoria", ao porto de Itajaí, em Santa Catarina e foram estabelecidas na colônia Príncipe Dom Pedro, atual município de Brusque, na linha Sixteen Lots (dezesseis lotes), abandonada pelos irlandeses, seguindo-se mais 16 famílias, totalizando 164 pessoas. Por sua vez, Goulart (1984, p. 13) torna claro que "[...] os lotes territoriais em que esses imigrantes ficaram estabelecidos eram conhecidos por 'Sixteen Lots' (16 lotes) e localizavam-se no ribeirão do Porto Franco, em Lageado Grande, atual município de Botuverá, margem direita do rio Itajaí-Mirim".

Segundo Głuchowski (2005), no primeiro grupo de emigrantes da Alta Silésia estavam ao todos 64 pessoas, entre elas: Nicolau Wos, Francisco Polak, Boaventura Polak, Tomás Szymanski, Simão Purkot, Filipe Kokot, Miguel Prudlo, Simão Otto, Domingos Stempka, Gaspar Gbur, Baltasar Gbur, Walentim Weber, Antonio Kania, Francisco Kania, André Pampuch e Estevão Kachel. Além das 16 primeiras famílias, ainda segundo Głuchowski (2005), estabeleceram-se também em Brusque, no ano de 1870, outras 16 famílias, sendo conhecidos os nomes de Baltasar Gebza, André Kawicki, Gregório Hala, Brás Macioska, Tomás Szajnowski, Fabiano Borak, Augusto Waldera, Martin Prudlik, Martim Kempa, Paulo Polak, Valentim Otto, Leopoldo Jelen, José Purkot e Vicente Pampuch. Essas 32 famílias são consideradas, portanto, as pioneiras.

Outra leva de imigrantes poloneses foi para Brusque, conforme anotações do engenheiro chefe da Comissão de Medição e Colocação de Imigrantes nas Colônias Itajaí e Príncipe Dom Pedro, Dr. Reginaldo Cândido da Silva, citado por Goulart (1984, p. 47), "[...] que anotou em seus relatos o registro de 26 poloneses católicos vindos para Brusque em 1888." Importa o destaque por Goulart (1984) da chegada em 1889 ao Vale do Rio Itajaí-Mirim de novos imigrantes poloneses originários em grande parte da região de Tomaszów Mazowiecki e Łódź, importantes centros têxteis da Polônia, que se dedicaram a uma atividade pioneira: a indústria têxtil.

Não se pode negar que os alemães foram os primeiros imigrantes a colonizar Brusque, mas quem descobriu o fio da meada foram os poloneses, que chegaram para trabalhar na agricultura e acabaram dando uma contribuição decisiva para o futuro do município: a tecelagem, cujo setor ainda hoje leva à cidade de Brusque milhares de pessoas diariamente.

Conhecendo bem o ofício de transformar fios em tecidos, os poloneses construíram os primeiros teares de madeira e se aliaram a empreendedores locais, contribuindo de modo decisivo para que a cidade ficasse conhecida, anos mais tarde, como "Berço da Fiação Catarinense". As primeiras indústrias de Brusque surgiram justamente da associação da técnica trazida pelos tecelões poloneses da cidade de Łódz com o capital de empreendedores, como o cônsul Carlos Renaux, que na oportunidade atuava no comércio. Por conseguinte houve uma ramificação, com os operários juntando o próprio capital e abrindo novas empresas, sempre no setor têxtil.

Outro aspecto relevante, citado por Badura (1996), é a chegada a Brusque, em fevereiro de 1896, de Gustavo Schlosser, nascido na cidade de Zgierz, próximo a Orzorków, pequena vila perto de Łódź, importante centro têxtil da Polônia. Inicialmente trabalhou com técnico têxtil na Fábrica Renaux, porém em 1911, em conjunto com seus filhos Hugo e Adolfo, fundou uma pequena tecelagem com a denominação de "Gustavo Schlosser & Filhos", que no ano de 1933 foi

transformada em sociedade anônima, com a denominação de "Companhia Industrial Schlosser".

A comunidade polonesa em Brusque é marcante, tendo criado recentemente a Fundação José Walendowsky, com o objetivo de preservar e difundir a milenar cultura de seus antepassados na região, inclusive comemorando anualmente sempre no dia 25 de agosto o Dia da Imigração Polonesa em Brusque, instituído por Lei Municipal em decorrência da presença dos imigrantes poloneses que contribuíram decisivamente para a identidade econômica, social e cultural do município.

Goulart (1984) nos mostra que os Tecelões de Łódź tiveram também uma intensa participação nas atividades esportivas que agitavam o cotidiano da cidade de Brusque no início do século XX. Como exemplo cita o imigrante polonês Adolfo Schlösser, com destacada atuação na Sociedade Esportiva Bandeirantes e idealizador dos Jogos Aberto de Santa Catarina, cuja primeira edição se deu no ano de 1960 na cidade de Brusque, e de Adolfo Walendowsky, que, além de esportista exemplar, foi um dos fundadores, no ano de 1918, do Clube Esportivo Payssandu, lenda viva do futebol catarinense. Continuando, (Goulart, 1984) registra que no campo político o Sr. Adolfo Walendowsky foi empossado no dia 6 de abril de 1936 como prefeito municipal de Brusque, caracterizando a atuação de um primeiro descendente de imigrantes poloneses na gestão pública.

Atuando nos mais diversos setores, quer seja públicos ou privados, merecem destaque também as famílias: Walendowsky, Imianowsky, Graczcki, Witkowsky, Civinski, Jachowicz, Jaraceski, Rubik, Klappoth, Marchewsky, Vilamowsky, Schlösser, Badura, Jatzac, Przibilski, Woniack, Kociele, Marianak, Zabelski, Levandowski, Dubiela, Gerski, Ruzinsky, Koschnik, Grigereski, Dereschevski, Siedlarvik, Borkevicz, Zeiski, Marcezewski, Soboleski, Dolinski.

Digna de elogios tem sido a participação do empresário e engenheiro civil Ivan Walendowsky, que com perseverança e

competência tem contribuído com o desenvolvimento econômico regional a partir da Walendowsky Combustível, com atuação também no Alto Vale do Rio Itajaí, e de Waldir Walendowsky, homem público que tem dado sua contribuição no campo do turismo, tendo sido inclusive Secretário de Estado do Turismo e Lazer e Presidente da SANTUR – Cia de Turismo de Santa Catarina e idealizador da FENARRECO – Festa Nacional do Marreco, realizada anualmente em Brusque.

È preciso reconhecer e render uma justa homenagem à historiadora brusquense Maria do Carmo Ramos Krieger Goulart, que a partir dos anos 70 e 80 do século XX, de forma incansável, competente e imparcial descreveu em várias obras, com riqueza de detalhes, a presença e a contribuição dos poloneses no atual município de Brusque, que a partir de então, histórica e merecidamente, passou a ser reconhecida como o Berço da Imigração Polonesa em Santa Catarina e no Brasil. Em seu *Almanaque da Vida Polaca* (1999), sintetizou que "cada polaco em seu diferente espaço geográfico no território catarinense ajudou a formar a identidade multicultural e multirracial de sua própria história".

Haja *wódka, pierogi, barszcz, bigos, czarnina, babka,* as vibrantes danças folclóricas polonesas e as inesquecíveis composições de Fryderyk Chopin para tornar o dia alegre e festivo para as famílias, os amigos e os amantes da cultura polonesa, que permaneceram em solo Brusquense. *Sto Lat* !! – *Na zdrowie* !!!

Muitos saberiam pouco sobre a Polônia e ainda menos teriam ouvido se Karol Wojtyła não tivesse envergado a mitra papal e viajado pelo mundo com um carisma bondoso que transcendeu seu pontificado conservador. Este fato foi sem dúvida o grande motivo que reascendeu a autoestima dos poloneses no mundo e por consequência dos que viviam em solo catarinense e brasileiro.

Apesar desse ostracismo, os polacos catarinenses jamais esmoreceram, assim como fizeram seus compatriotas, que tiveram o mérito de resistir a tudo e a todos e acima de tudo reconstruir das

cinzas verdadeiros monumentos da arquitetura medieval e, mais do que isso, preservar a nação polonesa, ao som de sonatas, polonaises e mazurkas, compostas pelo inigualável compositor romântico Fryderyk Chopin.

Importa destacar também a presença dos imigrantes poloneses que começaram a colonizar a Região do Vale do Rio Itapocu a partir de 1890, quando vieram das regiões da Pomerânia, Cassúbia e do Reino da Polônia e se estabeleceram nas localidades de Guarani-Mirim, Linha Telegráfica, Ribeirão das Lagoas, Benjamin Constant, Braço do Norte, Treze de Maio e Treze de Maio Baixo e que anos mais tarde deram origem ao município catarinense de Massaranduba.

Segundo Wachowicz (1970, p. 44): "[...] na colônia Massaranduba, cada família recebia um lote de pouco mais de 1.000 m de comprimento por 250 a 275 m de largura, o que correspondia a 150 'morgas' na Polônia. O colono pagava por este lote a quantia de 250 mil-réis durante o prazo de 5 anos, mas, se as autoridades constatassem que ele tinha dificuldade em pagar as prestações, o prazo poderia ser dilatado". Ainda segundo Wachowicz (1970): "Nos primeiros meses, mesmo já estabelecidos no seu quinhão, os imigrantes eram aproveitados, embora de forma intermitente, na construção das estradas locais. Não se queixavam do ganho, mas sim da exploração a que eram submetidos".

Com perseverança, bravura e astúcia – características histórica desse povo nos principais movimentos mundiais – os poloneses de Massaranduba devem ser referenciados pelas famílias: Orzechowski, Bisewski, Prawucki, Kasmirski, Gasiorowski, Kanczewski, Przybysz, Betkowski, Stachon, Mendelewski, Okonski, Kobrowski, Kowalski, Wiczmeiwski, Szczepanski, Domaszak, Kwiatkowski, Gulinski, Grabowski, Haffeman, Otosz, Mlodzianowski, Prawucki, Szymanski, Ostrowski, Uzinski, Zelas, Ciesielski, Krawulski, Czaplinski, Stoinski, Strzaekowski, Keplzynski, Stanek, Malinski, Cichewska, Klosowski, Galczinski, Olos, Kuklinski, Matuszewski, Cisz, Pawlack, Kolacki, Kenczinski, Wroblewski, Jaroczinski, Slomecki, Lubawski, Gutowski,

Markiewicz, Jakobowski, Kemski, Jagiello, Bramorski, Kuczkowski, Koskoski, Kazmierski, Levandowski, Domczok, Kwitkowski, Adrzejewski, Mickiewicz, Dabrowicz, Mockorz, Kozlowski, Switalski, Grabowski, Panoch, Sadzinski, Radwanski, Stoinski, Bandoch, Zakrzewski, Nowak, Sobieranski, Mainka, Wesolowski, Szczalkowski, Sawulski, Domaszak, Kempczynski.

Entre tantas epopeias dessa gente, está a construção, no ano de 1908, da igreja Nossa Senhora do Rosário, na comunidade de Braço do Norte, símbolo da fé do imigrante polonês naquela região, bem como a fundação, no dia 11 de novembro 2005, data da Independência da Polônia e da Criação do Município, da Sociedade Cultural Polonesa Karol Wojtyła, com a finalidade de preservar e difundir a rica e milenar cultura polonesa.

Devemos reconhecer que a cultura polonesa em Massaranduba foi preservada porque existiram a partir de 1890 os Dziadek, Babka, Tata, Mama, Wujek, heróis e atores anônimos deste rico teatro da vida, onde a epopeia da imigração é um dos atos da bela e rica milenar cultura polonesa, comemorada anualmente em sua festa na localidade de Benjamim Constant, que possui também uma belíssima igreja – de Nossa Senhora Auxiliadora.

A visão empreendedora e contemporânea dos polacos de Massaranduba não poderá ser esquecida. Como exemplo se destaca o líder cooperativista Silvério Orzechowski, que por longos anos administrou com competência a Cooperativa Juriti, símbolo e guardiã dos produtores de arroz do Vale do Itapocu. Nessa mesma linha seguiu o empresário Silvério Kuczkowski, que montou uma indústria de confecções – Gatabakana, a qual produz com diferenciação e qualidade artigos nacionalmente conhecidos. Digno de referência também é o Sr. Ilmar Saplinski, com a sua conhecida Metalmassa, metalúrgica de renome no Vale do Rio Itapocu.

Destacamos também Eva Michalak, religiosa da Congregação das Irmãs Catequistas Franciscanas, nascida na comunidade polonesa de Massarandubinha, professora na localidade de Travessão do Tigre, município de Benedito Novo, e uma profunda conhecedora do uso de plantas medicinais na saúde, publicando inclusive diversos livros sobre o tema, escritos em português, inglês e o polonês. Em sua autobiografia, Michalak (1997, p. 4) ressalta "[...] nos idos de 1931 e 1932 o Frei Cirilo Stroka, de origem polonesa, ofereceu-me um livro de medicina caseira de autoria de Leonard de Verdman Jacques de Varsóvia, em língua polonesa. O Frei pediu-me que estudasse bem o livro [...]", o que permitiu seu conhecimento para poder atender e orientar as pessoas com remédios caseiros, pois naquelas paragens e nos idos de 1931 não havia farmácias.

Malczewski (1996, p. 102) com muita clareza nos mostra que o clero polonês desempenhou um importante papel na sustentabilidade da cultura polonesa entre os imigrantes e "[...] colaborarando decisivamente em todos os aspectos, não se limitando aos fins pastorais." Como exemplo dessa assertiva, podemos mencionar o trabalho missionário da Congregação das Irmãs Franciscanas da Sagrada Família, que têm suas origens na Polônia e que de forma pioneira chegaram no ano de 1933 e inauguraram no dia 31 de janeiro de 1937 o Convento Nossa Senhora Claromontana, na localidade de Guarani-Mirim, no município de Massaranduba, que permanece em atividade até os dias atuais, além de atuarem em várias frentes sociais, em especial nos municípios de Campo Alegre e Joinville.

Saudemos, pois, os poloneses de Massaranduba, afinal vivem neste próspero município catarinense aproximadamente 4.000 descendentes da Dinastia dos Piast, que por ironia do destino receberam na época as piores terras, caracterizadas por banhados e valas naturais e que não interessavam aos colonizadores, e que mesmo assim, com perseverança e trabalho, transformaram mais tarde em terras produtivas, tornando Massaranduba a Capital Catarinense do Arroz.

Somos sabedores e temos consciência, pois constamos por intermédio de visitas e encontros sistemáticos com a gente polaca de Brusque e Massaranduba, de que nossos patrícios, de forma

Artigos

organizada e ousada querem dar visibilidade e sustentabilidade à milenar cultura de um povo, para que as gerações atuais e futuras mantenham acesa e difundam, através de eventos socioculturais e religiosos que serão realizados, a chama da autoestima da alma polaca e do orgulho de ser polonês em solo catarinense e brasileiro. *Sto Lat!!!*

Referências:

Prefeitura Municipal. 1999.

MALCZEWSKI, Zdzislaw. Clero e sacerdócio polonês no Brasil. A presença polonesa na América Latina: Varsóvia: Oficina Gráfica da Universidade de Varsóvia, 1996.

MICHALAK, E. Apontamentos fitoterápicos da Irmã Eva Michalak. Florianópolis: EPAGRI, 1997.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. A Febre Brasileira na Imigração Polonesa. Anais da comunidade brasileiro-polonesa. v. I, Cuririba: Imprimax Ltda., 1970.

WACHOWICZ, Ruy Christovam. As escolas da colonização polonesa no Brasil. Anais da comunidade brasileiro-polonesa. v. II. Cuririba: Imprimax Ltda., 1970.

GOULART, Maria do Carmo Ramos Krieger. A Imigração Polonesa nas Colônias Itajahy e Príncipe Dom Pedro. Blumenau: Fundação Casa Dr. Blumenau, 1984.

·	Raízes	Polonesa	as em	Brusque.	Florianó	polis:	Imprensa
Universitária da UFSC, 1989.							
1	Poloneses:	130 de	Brasil.	Almanaque	da Vida	Polaca.	Brusque:

Jornal Diário Catarinense, Brusque: Origens do município que é o berço da fiação catarinense. Florianópolis: Caderno nº 8, Edição de 4 de agosto de 1999.

GLUCHOWSKI, Kazimierz. Os Poloneses no Brasil. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski Editores, 2005.

RESUMO – STRESZCZENIE

Stan Santa Catarina jest uważany jako kolebka zbiorowej imigracji polskiej do południowej Brazylii. Artykuł poświęca uwagę dwom miejcowościom w tym stanie: Brusque – dokąd w 1869 r. przybyły dwie pierwsze grupy imigrantów, oraz pobliskiej Massarandubie, dokąd polscy koloniści przybyli w latach następnych jeszcze w XIX wieku. W obu miejscowościach zaznaczyli się swoją pracowitością i swoim wkładem do rozwoju Brazylii w różnych dziedzinach, a szczególnie w Brusque tkacze pochodzący z Łodzi dali początek przemysłowi włókienniczemu, który do dni dzisiejszych należy do podstawowych działalności i źródeł bogactwa tego regionu.

BRUSQUE COMEMORA OS 150 ANOS DA IMIGRAÇÃO POLONESA*

Nilton PROENÇA**

A cidade de Brusque, no Vale do Itajaí-Mirim, em Santa Catarina, viveu momentos históricos nos dias 23, 24 e 25 de agosto com a realização do 12º Evento Cultural Polonês, organizado pela Fundação José Walendowsky para celebrar os 150 Anos da Imigração Polonesa no Brasil.

As celebrações tiveram início no dia 23 de agosto com o lançamento do livro *Uma geografia (e outras histórias) para os polacos,* obra escrita pela pesquisadora e escritora Maria do Carmo Ramos Krieger, que é brusquense. O evento aconteceu na Casa de Brusque – Museu Histórico do Vale do Itajaí-Mirim.

No sábado, 24 de agosto, aconteceu a inauguração do Marco dos 150 Anos, composto por duas esculturas do artista David Rodrigues em granito cinza. "O Semeador" é uma réplica da obra original de Jan Zak (João Zaco Paraná), uma homenagem do escultor de origem polonesa às tradições, à cultura e à força do trabalho do povo polonês. "O batismo" simboliza o batizado de Estêvão Sienovski, filho de Tomás Sienowski e Maria Kowalska, nascido no dia 3 de julho de 1869 a bordo do navio *Victoria*, que trouxe ao Brasil as primeiras 16 famílias de imigrantes poloneses em 1869. Estêvão foi batizado em 25 de agosto daquele ano pelo Padre Gattone.

^{*} Boletim TAK! Agenda Cultural Polônia Brasil (nº 12), p. 3-4.

^{**} Fundação José Walendowsky – Brusque-SC.

Ainda no sábado, dia 24, a Banda Wołosotki, da cidade de Kielce, na Polônia, fez a sua primeira apresentação como parte das celebrações no Anfiteatro da Paróquia São Luís Gonzaga.

No domingo, 25 de agosto, o ponto alto das comemorações, os padres Władysław Milak, de Cracóvia-Polônia, Kazimierz Długosz, da Sociedade de Cristo, e Cláudio Márcio Pientkowicz, do Colégio São Luís, celebraram uma Missa em ação de graças pelos 150 anos da imigração polonesa no Brasil. Os cantos da Santa Missa ficaram por conta do Grupo Jovens de Fé, de Morro da Fumaça-SC.

Após a Missa, no salão superior da Sociedade Santos Dumont foram realizados os demais eventos previstos na programação. Depois da execução dos Hinos Nacionais da Polônia e do Brasil, a Encarregada de Negócios da Embaixada da República da Polônia, Senhora Marta Olkowska, fez uso da palavra, seguida pelos senhores Rizio Wachowicz, presidente da Braspol Nacional, Desembargador Dr. Carlos Civinski, representante da Fundação José Walendowsky, e José Ari Vequi, Vice-Prefeito de Brusque.

Algumas homenagens foram prestadas no evento. Ivanira Panek e Irene Polak Gasparin, descendentes de Franciszek Polak, Fernando Gasparim, descendente de Bonawentua Polak, e Ana Laura Freire Wedderhoff, descendente de Dominik Stempka, receberam uma placa em homenagem às suas respectivas famílias, que vieram no navio *Victoria* em 1869. Também foram homenageados Estanislau Milak, de 102 anos, o primeiro contador da cidade de Maringá-PR, e Tereza Wietkowski, a última descendente da segunda geração da família Wietkowski.

O Senhor Ivan José Walendowsky, idealizador da Fundação José Walendowsky, recebeu um certificado do Senhor Rizio Wachowicz, presidente da Braspol Nacional. João Paulo Loyola Walendowsky foi homenageado pelo Senhor Stanisław Adamczak, Ex-Reitor da Universidade Politécnica de Kielce e fundador da Banda Wołosatki.

Na sequência da programação aconteceu o lançamento do selo dos 150 anos da imigração polonesa no Brasil, solenidade comandada pelo Presidente do Clube Filatélico Brusquense, Jorge Paulo Krieger. Foram convidados para obliterar o selo: Marta Olkowska, Encarregada dos Negócios da Embaixada da Polônia; Dorota Bogutyn, Cônsul-Geral Interina da Polônia em Curitiba; Dorota Ortyńska, Vice-Cônsul da Polônia em Curitiba; Marco Antônio Gonçalves, patrocinador; Newton Patrício Crespi, patrocinador; João Paulo Loyola Walendowsky, Presidente da Fundação José Walendowski; José Ari Vequi, Vice-Prefeito de Brusque; Rizio Wahowicz, Presidente da Braspol Nacional; Desembargador Dr. Carlos Alberto Civinski e Waldyr Rubens Walendowsky, Secretário de Turismo de Balneário Camboriú.

Logo após os atos solenes, teve início o *show gourmet*, com apresentações dos Grupos Folclóricos Wawel – de Colônia Murici, São José dos Pinhais-PR, Junak – de Curitiba, Wisła – também de Curitiba, e Orzeł Biały – de Linha Batista, Criciúma-SC. Durante o *show gourmet* sete diferentes pratos da culinária típica polonesa foram servidos às mais de 800 pessoas que compareceram ao evento.

O 12º Evento Cultural Polonês e os festejos dos 150 Anos da Imigração Polonesa no Brasil foram organizados pela Fundação José Walendowsky e contaram com o apoio e a colaboração do Consulado Geral da República da Polônia em Curitiba, da Casa da Cultura Polônia Brasil, da Braspol, da Prefeitura Municipal de Brusque, da Fundação Cultural de Brusque, da Unifebe, da Sociedade de Cristo, da Casa de Brusque, do jornal *Município dia a dia* e da Rádio Araguaia. Também colaboraram com os organizadores o Boletim *TAK!*, a Rádio Cidade, a Rádio União FM de Blumenau e a TV Brusque.

Artigos

Também foram lançados no evento os livros: "Na Trilha dos Peregrinos" do Padre Ignacy Posadzy (*In memoriam*) da Sociedade de Cristo e "A Polônia e os Poloneses", do pesquisador Iraci José Marin, de Caxias do Sul-RS. A Casa da Cultura Polônia-Brasil esteve presente nas comemorações representada pela vice-presidente Mari Inês Piekas, e também o Boletim *TAK!*, representado pela sua diretora Izabel Liviski.

RESUMO – STRESZCZENIE

W bieżącym roku minęo 150 lat od przybycia pierwszej grupy polskich osadników do Santa Catarina. Dzisiejsze miasto Brusque stało się wówczas terenem osiedlenia osadników pochodzących z Siołkowic na Dolnym Śląsku.

Autor powyższego tekstu opisuje uroczyste obchody wspomnianej rocznicy przybycia polskich osadników do Brusque-SC.

VOCÊ É UMA PARTE IMPORTANTE

Olga TOKARCZUK

Recebi a notícia sobre Nobel na situação mais estranha – na autoestrada, um lugar Entre, sem nome. Penso que não há metáfora melhor para definir o mundo no qual vivemos hoje. Nós, escritores precisamos nos medir com os desafios cada vez mais improváveis, e, no entanto, a literatrua é uma arte vagarosa – o longo processo de escrever faz com que seja difícil pegar o mundo em flagrante. Frequentemente me pergunto se ainda é possível descrever esse mundo, ou se estamos cada vez mais desamparados perante sua forma, cada vez mais líquida, os pontos fixos que se dissolvem, os valores que desaparecem.

Acredito na literatura que une as pessoas e mostra como somos parecidos, que nos conscientiza que estamos todos interligados com as redes invisíveis. A literatura que narra o mundo como se ele fosse uma união viva que incessantemente acontece diante dos nossos olhos, e nós a sua parte, ao mesmo tempo pequena e poderosa.

Bielefeld, 11 de outubro de 2019.

Tradução de Piotr KALINOWSKI

Jesteś ważną częścią

Dowiedziałam się o Noblu w najdziwniejszej sytuacji - na autostradzie, miejscu Pomiędzy, bez nazwy. Myślę, że nie ma lepszej metafory na określenie świata, w którym dziś żyjemy. My, pisarze, musimy się mierzyć z coraz bardziej nieprawdopodobnymi wyzwaniami, a przecież literatura jest sztuką powolną - długi proces pisania sprawia, że trudno jest złapać świat na gorącym uczynku. Często zastanawiam się, czy on da się jeszcze opisać, czy też jesteśmy już bezradni wobec jego coraz bardziej płynnej postaci,

Traduções

roztapiania się stałych punktów, zanikających wartości. Wierzę w literaturę, która łączy ludzi i pokazuje, jak bardzo jesteśmy podobni, która uzmysławia nam, że wszyscy jesteśmy powiązani niewidzialnymi sieciami. Która opowiada świat tak, jakby był żywą, nieustannie stającą się na naszych oczach jednością, a my jego jednocześnie małą i potężną częścią.

Olga Tokarczuk, Bielefeld, 11 października 2019

INFORME DA CIDADE LETRADA (OUTUBRO DE 2018 – OUTUBRO DE 2019)

Piotr KILANOWSKI*

Seguindo os relatórios publicados em números anteriores, apresento o texto que tenta mostrar o que se escreveu e publicou a respeito de temas relacionados com a literatura e a cultura polonesas ao longo dos últimos meses nas revistas acadêmicas, suplementos culturais e blogues ou páginas especializadas. Além das informações a respeito de publicações impressas, insiro aqui links para as publicações digitais.

Assim como nos informes anteriores, posso afirmar que ao longo do último ano tivemos várias publicações significativas. Assim como nos outros relatórios seguirei a ordem costumeira: primeiramente falaremos sobre os livros publicados, para depois falar da sua recepção, passando por uma breve seção que se refere aos tradutores, apresentando em seguida traduções e artigos. Tentarei me ater à ordem cronológica dentro das seções. Devido à classificação dos assuntos adotada alguns (poucos) dos links se repetem, por caberem ao mesmo tempo em duas das categorias adotadas.

Desde já, peço desculpas, caso alguma publicação tenha escapado à minha atenção e peço que futuras publicações relacionadas ao tema e que os leitores desejem ver incluídas nos próximos informes me sejam

_

^{*} Professor de Literatura Polonesa na Universidade Federal do Paraná e tradutor de poesia. Pode ser contatado pelo correio eletrônico no endereço emaildopiotr@gmail.com. O autor agradece a revisão deste texto a Milena Woitovicz Cardoso.

comunicadas pelo e-mail que se encontra na nota de rodapé desta página.

Livros. O ano de 2018 foi muito generoso para com os que gostam de literatura polonesa. Além dos relacionados nos informes anteriores livros de Ficowski e Czapski, pudemos contar também com mais três livros publicados.

Um bárbaro no jardim de Zbigniew Herbert, na tradução de Henryk Siewierski (Ayiné). Trata-se de maravilhosa coletânea de ensaios de um dos mais importantes poetas poloneses a respeito de suas viagens e contatos com a arte e história da Europa Ocidental.

Riminhas para crianças grandes de Wisława Szymborska, na tradução de Piotr Kilanowski e Eneida Favre (Ayiné). O livro, primorosamente editado, reúne a obra "não-séria" da mais conhecida poeta polonesa: uma seleta de suas bricandeiras poéticas e colagens.

A janela para o outro lado de Władysław Szlengel, na tradução, organização e com notas de Piotr Kilanowski (Dybbuk). O livro conta também com artigos a respeito de Szlengel, o poeta do gueto de Varsóvia, de autoria de Carlos Reiss, Marcelo Paiva de Souza, Emanuel Ringelblum e Piotr Kilanowski.

Além dos livros literários noticiamos aqui também a publicação de um livro-álbum de autoria de Grzegorz Górny e Janusz Rosikoń, *Poderoso mensageiro de Deus* pela Rosikon Press de Varsóvia. A obra que tem como tema central a figura de S. Estanislau Papczyński (1631-1701), que foi canonizado pelo papa Francisco em 2016 foi traduzida por Mariano Kawka.

O ano de 2019 trouxe, até agora, mais dois livros publicados.

Nova cosmogonia de Stanisław Lem na tradução de Henryk Siewierski, publicada em maio pela editora Perspectiva, é uma seleta de ensaios a respeito de ciência, tecnologia e história escritos por um dos maiores escritores poloneses.

O Senhor Cogito. Anotações da Casa Morta de Zbigniew Herbert, publicada em junho pela editora Demônio Negro é uma miniantologia que reúne alguns poemas do autor traduzidos por Piotr Kilanowski.

Provavelmente ainda neste ano teremos publicações de outros livros. Nos planos da editora Âyiné estão: dois livros de reportagens de Wojciech Tochman, que visita Bósnia e Ruanda depois de genocídios; um livro de ensaios do poeta Adam Zagajewski; o livro *Correio lierário* de Wisława Szymborska e uma biografia dela, todos eles traduzidos por Eneida Favre. Um anúncio a respeito do lançamento de Tochman subscrito por Lauro Jardim pode ser encontrado no jornal *O Globo*: https://blogs.oglobo.globo.com/lauro-jardim/post/amp/um-polones-no-brasil.html?fbclid=IwAR3y94GK5XK1OPjSIyr69Jbv06ilJ-

sOT4_hfibSBSHUf3GCafEa8RVqV-w. Um dos lançamentos próximos da Âyiné é também biografia de Szymborska escrita por Joanna Szczęsna e Anna Bikont, traduzida por Eneida Favre, *Quinquilhariase recordações*. Um trecho do livro foi publicado pela revista *Piauí* em outubro: https://piaui.folha.uol.com.br/materia/fumando-com-o-rei-em-estocolmo/.

A editora Todavia prevê para novembro o lançamento do livro da Olga Tokarczuk *Sobre os ossos dos mortos* traduzido por Olga Bagińska-Shinzato e a editora Dybbuk pretende publicar uma antologia de poesias de Irit Amiel, poeta e prosadora polono-israelense e sobrevivente do Holocausto, em minha tradução.

Recepção. Os livros publicados continuam tendo seus ecos na imprensa e na internet. Seguem aqui algumas das resenhas publicadas.

No blogue *Livros que li* de Aguinaldo Medici Severino encontramos reflexões a respeito do livro de Józef Czapski *Proust contra degradação* e de Jerzy Ficowski *A leitura das cinzas*:

http://guinamedici.blogspot.com/2018/10/proust-contradegradacao.html

http://guinamedici.blogspot.com/2018/12/a-leitura-das-cinzas.html

O livro de Czapski também é objeto de reflexão de Carlos de Almeida Vieira:

https://brasiliadefato.com.br/colunas/psicanalise/2019/02/o-charmeda-burguesia-atual/?fbclid=IwAR00RpeHTXhhGBGJU2ZxJ2Daf5MniTQMRj71XyK_NW4f7_IOEdIRN1n-h8

O livro de Ficowski, por sua vez, é eleito como um dos melhores livros do ano pela *Revista Amálgama*:

https://www.revistaamalgama.com.br/12/2018/melhores-livros-de-2018/

Mais um ensaio que une a reflexão sobre o livro de Czapski com as ponderações a respeito de Proust, Mc Carthy e Chalámov foi escrito por Gustavo Pacheco e publicada na *Revista Época*: https://epoca.globo.com/coluna-a-memoria-contra-degradacao-marcel-proust-numa-prisao-stalinista-

23926398?fbclid=IwAR0w2MVsOcygm7EmcKSZwGtAED2u9VIWTtc neep_dtbTfp69M8tZZ53fNc823926398?fbclid=IwAR0w2MVsOcygm7EmcKSZwGtAED2u9VIWTtcneep_dtbTfp69M8tZZ53fNc8

O livro de Zbigniew Herbert, contou com resenhas de Kevin Falcão Klein no Suplemento Pernambuco:

http://www.suplementopernambuco.com.br/edi%C3%A7%C3%B5es-anteriores/72-resenha/2204-ensaios-do-poeta-polon%C3%AAs-zbigniew-herbert-s%C3%A3o-publicados-no-pa%C3%ADs.html, de Rafael Voigt na revista *Voz da literatura* https://www.vozdaliteratura.com/principal/zbigniew-herbert-um-b%C3%A1rbaro-no-jardim,

de Rui Flávio Chúfalo Guião na página:

https://www.tribunaribeirao.com.br/site/um-poeta-turista/, e de Paulo Nogueira no *Estadão*:

https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,polones-zbigniew-herbert-exibe-erudicao-em-livro-de-viagens-culturais,70002739612

O livro de Wisława Szymborska foi resenhado por Leandro Sarmatz na *Revista Quatro cinco um*:

https://www.quatrocincoum.com.br/br/resenhas/poesia/pura-fruicao, por Maurício Meireles na *Folha de São Paulo*:

https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/01/wisawa-szymborska-poeta-polonesa-vende-25-mil-e-vira-improvavel-sucesso-no-pais.shtml,

por Carolina Magalhães no site EPComics:

https://epcomics.com.br/site/livro-inedito-de-wislawa-szymborska-reune-poesias-e-colagens/,

por Fabrício Costa no blogue Ovo Bigemado:

https://ovobigemado.com/2018/12/19/riminhas-para-criancas-grandes-da-wislawa-szymborska/,

tornou-se um objeto de entrevistas de um dos tradutores e do secretário da poeta no *Globonews literatura*:

https://globosatplay.globo.com/globonews/v/7237111/?fbclid=IwAR3V kfpcaW0OYG7Cp2sDiJ03NEozg2CgYnKSI_GimQBBfl624rIW4ejDBP8, foi recomendado como um dos livros essencias de dezembro no *Estadão*:

https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,dez-livros-essenciais-recomendados-pelo-alias-em-dezembro,70002654926

ou

http://www.blogdajuliska.com.br/confira-os-dez-livros-essenciais-recomendados-pelo-estadao-para-esta-virada-de-ano,

fez parte da estante da Revista Cult:

https://revistacult.uol.com.br/home/estante-cult-wislava-simone-veil-pessoa/,

foi considerado um dos dez melhores livros poéticos do ano por Ronaldo Bressane:

https://medium.com/@ronaldobressane/melhores-livros-de-2018-314a22f1dd2b

e teve algumas de suas colagens publicadas na *Folha*: https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/nova/1622380219965011-colagens-da-poeta-polonesa-wislawa-szymborska

O livro de Władysław Szlengel foi resenhado por Luiz Henrique Budant:

http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/a-janela-para-o-outro-lado-wladyslaw-szlengel-resenha/

O livro de Lem foi apontado como um dos dez livros essenciais de agosto pelo *Estadão*:

https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,dez-livros-essenciais-recomendados-pela-equipe-do-alias-em-agosto,70002980026 e teve uma longa resenha escrita a seu respeito por Rodrigo Petrônio, também

Estadão:https://alias.estadao.com.br/noticias/geral,stanislaw-lem-um-mestre-da-ficcao-cientifica-cetico-a-tecnologia,70003040790.

Devemos noticiar aqui ainda a publicação da tradução da resenha de Anna Jamrozek-Sowa do livro de Aleksandra Pluta *Droga do Rio*, cujo original foi relacionado no informe anterior. A resenha foi publicada na edição 17 da revista *Polônicus* (p.182, link:

https://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2018-12-14-19-30-41.pdf).

Tradutores. O trabalho de tradutor é fascinante, mas por vezes ingrato. Tanto mais ficamos felizes quando é reconhecido de uma maneira específica. A entrevista de Fabiana Gramonski com a tradutora Eneida Favre, a respeito da sua tradução de Solaris, foi publicada na revista *Qorpus*:

http://qorpus.paginas.ufsc.br/%e2%80%9c-a-procura-de-autor%e2%80%9d/edicao-n-029/lendo-e-traduzindo-solaris-entrevista-com-eneida-favre-por-fabiana-gramonski/. A publicação é tanto mais especial que une a primeira formada pelo Curso de Letras Polonês da UFPR e uma das alunas deste mesmo curso.

E o nosso (falo tanto em meu nome, quanto no nome dos outros tradutores da área) trabalho ganhou um reconhecimento de Renato Kanayama no texto; http://www.zebeto.com.br/2019/02/07/os-poetas-poloneses-e-o-professor-tradutor/#.XKKQzbhCf5Y e na matéria dedicada aos professores tradutores da UFPR publicada na revista *Plural*:

https://www.plural.jor.br/ufpr-traduz-o-mundo-para-o-brasil/

Traduções. E uma vez que estamos falando de tradutores, seguem links para algumas das traduções publicadas nos últimos meses. A revista *Qorpus* na sua edição 29 traz as traduções de poemas de Wisława Szymborska feitas por Eneida Favre:

http://qorpus.paginas.ufsc.br/teatro-na-praia/endicao-n-029/seis-poemas-de-wislawa-szymborska-traducao-de-eneida-favre/ e a minha tradução de um texto divertido de Jan Brzechwa sobre as poéticas vanguardistas:

http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-29/jan-brzechwa-sobre-a-poesia-moderna-com-um-sorriso-traducao-e-apresentacao-piotr-kilanowski/.

Uma outra tradução de um poema de Szymborska *Conversa sobre o amor da terra natal* da pena de Eneida Favre pode ser conferida no volume 17 da revista *Polonicus* (p.158). Nesse mesmo volume encontramos também a tradução do poema de Juliusz Słowacki *Papa eslavo* da autoria de Henryk Siewierski (p.152). A revista pode ser acessada pelo link: https://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2018-12-14-19-30-41.pdf

Eneida Favre assina também a tradução de uma seleta de inéditos de Szymborska que saiu na edição de setembro de *Suplemento Pernambuco*. Entre oito poemas publicados estão alguns que são um desafio e comprovação da capacidade de tradutora, por sua grande complicação formal e riqueza de conteúdo como *Coloratura* e *Aniversário*. Como tradutor posso apenas congratular Eneida pelo efeito.

O blogue *Escamandro*, por sua vez publica algumas das minhas traduções de Władysław Szlengel provenientes do livro *A janela para o outro lado*, acompanhadas pelo texto de Sérgio Maciel: https://escamandro.wordpress.com/2019/03/22/wladyslaw-szlengel-1912-1943-por-piotr-kilanowski/.

Em uma outra matéria *Escamandro* publica uma entrevista de um dos mais interessantes poetas modernos da Polônia, Tomasz Różycki concedida a Rob Packer que é acompanhada por uma pequena antologia dos versos do poeta em minha tradução:

https://escamandro.wordpress.com/2019/03/05/tomasz-rozycki-porrob-packer-e-piotr-kilanowski/ .

Um poema de Zbigniew Herbert traduzido por mim pode conferido numa das publicações de *Folha de São Paulo*, que esqueceu de postar seu título; *Da não escrita teoria dos sonhos*:

https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2018/10/poeta-polones-descreve-o-sono-tranquilo-dos-torturadores.shtml

Outros poemas de Herbert, também em minha tradução, acompanham o artigo no *Suplemento Pernambuco*:

https://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/2260-zbigniew-herbert-uma-apresenta%C3%A7%C3%A3o-e-cinco-poemas.html

Por fim, alguns poemas de Herbert em tradução de Luiz Henrique Budant podem ser conferidos nos seus textos do ciclo *Historinhas do Leste*:

http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinhas-do-leste/

http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinhas-do-leste-parte-3/

Um outro texto desse ciclo traz minhas traduções de Ficowski e a tradução do próprio Luiz do poema *Ballady i romanse* de Władysław Broniewski:

http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinhas-do-leste-parte-2/

que também contou com minha tradução publicada no texto seguinte: http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinhas-do-leste-parte-3/.

Os poemas de Jan Kochanowski, poeta rensacentista, tido como o pai do idioma literário polonês, provenientes de seu ciclo de epicédios dedicados à morte da filha, podem ser conferidos em minha tradução, acompanhando o artigo em *Suplemento Pernambuco*: https://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/2314-sobre-jan-kochanowski,-o-pai-do-idioma-polon%C3%AAs.html?fbclid=IwAR1e7EKLIVPCd032pS-if-AeA_h7Z84ti5PY6x4e_ZKquyY7ggJtG2m7ve0

Menego, um excerto do livro das recordações é uma narrativa do poeta polonês Cyprian Kamil Norwid, traduzida ao portiguês por Henryk Siewierski e publicada no volume 18 da revista *Polonicus*.

Um poema de Czesław Miłosz, traduzido por Olga Guerizoli Kempinska ilustra seu artigo a respeito da teoria formalista de Iuri Tynianov na revista *Remate de Males*: https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/remate/article/view/8 653596/20901. Alguns poemas de Krzysztof Kamil Baczyński e um poema de Zbigniew Herbert em sua tradução acompanham um outro artigo seu na revista *Crítica cultural*: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/7401/pdf

Luiz Henrique Budant em seu artigo sobre Julian Tuwim nos brinda com uma tradução de seu poema: http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/julian-tuwim-e-ahistoria-da-humanidade/

E por fim, quatro poemas de Tadeusz Różewicz, acompanhados de um artigo introdutório de seu tradutor Marcelo Paiva de Souza, podem ser conferidos na revista *Contexto*: http://periodicos.ufes.br/contexto/article/download/24562/16745

Artigos. Nos últimos meses tivemos prazer de ler também muitos artigos sobre a literatura polonesa. Curiosamente, uma grade parte deles deve-se ao trabalho de divulgação da cultura polonesa do professor, tradutor, jornalista e graduado pelo Curso de Letras Polonês Luiz Henrique Budant. Voltamos a reforçar votos que não lhe faltem temas nem vontade de ir apresentando a literatura polonesa no Brasil e congratular o autor pela vasta produção.

Luiz escreve sobre "um polaco louco pacas" Stanisław Ignacy Witkiewicz:

http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/stanislaw-ignacywitkiewicz-um-polaco-louco-pacas/, e sobre a tradução polonesa do livro do outro, bem conhecido no Brasil, que se autodenominava com essas palayras: http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/quando-pauloleminski-aprendeu-polones/. Luiz resenha os livros publicados como Władysław Szlengel, acima mencionado (http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/a-janela-parao-outro-lado-wladyslaw-szlengel-resenha/), dedica vários textos à obra de um dos seus autores prediletos, Bruno Schulz: http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/bruno-schulz-1ou-2-ou-3-introducao/, http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/bruno-schulz-2-opasso-seguinte/ http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/bruno-schulz-3-ofim/, relembra os poetas Czesław Miłosz, Wisława Szymborska, Tadeusz Różewicz e Zbigniew Herbert e o primeiro livro de poesia polonesa publicado no Brasil Os quatro poetas poloneses, : http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/czeslawmilosz-tadeusz-rozewicz-quatro-poetas-poloneses/ http://www.aescotilha.com.br/literatura/ponto-virgula/wislawaszymborska-zbigniew-herbert-quatro-poetas-poloneses/. Fala também da literatura testemunho: http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/literatura-detestemunho-holocausto/, comemora o aniversário do Levante do Gueto de Varsóvia: http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/gueto-varsoviaresistencia-nazismo-registro-historico-literatura/ e reflete sobre a literatura e totalitarismo no ciclo Historinhas do Leste que versa sobre essa literatura testemunhal e contém algumas traduções (acima mencionadas) desses textos da autoria do próprio Luiz e algumas

cometidas por mim:

http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinhas-do-leste/

http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinhas-do-leste-parte-2/

http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/historinhas-do-leste-parte-3/.

A relação de suas contribuições encerra com o acima mencionado artigo sobre Julian Tuwim:

http://www.aescotilha.com.br/literatura/contracapa/julian-tuwim-e-a-historia-da-humanidade/

Ao lado da profícua produção do Luiz, destaquemos também alguns outros artigos. Um deles é sobre Szymborska de autoria de Rosalia Rita Evaldt Pirolli (e é o segundo artigo dessa autora sobre a poeta), publicado na edição 28 da revista *Qorpus*:

http://qorpus.paginas.ufsc.br/como-e/edicao-n-028/subversao-da-ecfrase-em-primeira-foto-de-hitler-e-fotografia-de-11-de-setembro-de-wislawa-szymborska-rosalia-rita-evaldt-pirolli/.

Num outro artigo Jerson Fontana escreve sobre as encenações de Bruno Schulz no Brasil, na revista *Polonicus*, vol.18 (p.132, link para revista https://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2018-12-14-19-30-41.pdf)

Marcelo Paiva de Souza traça um paralelo entre Zbigniew Herbert e Murilo Mendes no artigo publicado na *Revista Texto Poético*: http://revistatextopoetico.com.br/index.php/rtp/article/download/611/429

e introduz as suas traduções de poemas de Tadeusz Różewicz na revista *Contexto*: http://periodicos.ufes.br/contexto/article/download/24562/16745.

Olga Guerizoli Kempinska publica um artigo no qual compara as maneiras de comunica a dor em tempos de guerra na obra de Ana Akhmátova e Krzysztof Kamil Baczyński na revista *Crítica Cultural*: http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Critica_Cultural/article/view/7401/pdf.

Um poema de Wisława Szymborska é ponto de partida para uma reflexão sobre o ensino da literatura no Brasil de autoria de Marcelo Medeiros da Silva, publicada na revista *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2316-40182019000200303.

Da minha parte, dessa vez contribuo para essa seção com três artigos, dois deles publicados no *Suplemento Pernambuco*, um sobre a obra de Zbigniew Herbert

https://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/2260-zbigniew-herbert-uma-apresenta%C3%A7%C3%A3o-e-cincopoemas.html

E o outro sobre a de Jan Kochanowski:

https://www.suplementopernambuco.com.br/in%C3%A9ditos/2314-sobre-jan-kochanowski,-o-pai-do-idioma-

polon%C3%AAs.html?fbclid=IwAR1e7EKLIVPCd032pS-if-

 $AeA_h7Z84ti5PY6x4e_ZKquyY7ggJtG2m7ve0.$

O terceiro artigo publicado na revista *Polifonia*, que refelete sobre a memória e sua persistência falando sobre a ameixera amarela, a mirabelinha de Muranów, uma das protagonistas do conto de Hanna Krall cuja história inspirou o livro de Cezary Harasimowicz e um movimento social:

http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/polifonia/article/vie w/8643/pdf.

Revistas. Além dos volumes 17 e 18 da revista *Polônicus* (https://www.polonicus.com.br/arquivos/pdf-pt-2018-12-14-19-30-41.pdf), foi publicado o número 12 da revista *Polônia Carioca* e também 4 volumes (numerados de 8 a 12) do *Boletim Tak*: https://kurytyba.msz.gov.pl/pl/p/kurytyba_br_k_pl/polonia_w_brazyl ii/wydawnictwa i publikacje/.

Felicitamos todas as revistas e suas redações e lhes desejamos que continuem seu trabalho com a qualidade e regularidade que dá alegria aos seus leitores. Todas as revistas publicam contribuições interessantes no campo de cultura e literatura polonesas que não foram mencionadas acima. Confiram!

Academia. Embora não se trate de notícias literárias, devemos dar o devido destaque aos trabalhos acadêmicos apresentados ao longo do último ano que tratam do tema muito caro a todos nós: a língua polonesa no Brasil e outras manifestações de polonidade por aqui estudados. Em 2019 foram apresentados frutos de longas pesquisas de três estudiosas. Na Universidade Federal do Paraná, Alicja Goczyła Ferreira defendeu a dissertação de mestrado intitulada *A presença da língua polonesa na Colônia Dom Pedro II, Campo Largo, Paraná.* Na Universidade Estadual do Centro-Oeste Sônia Eliane Niewiadomski defendeu a dissertação de mestrado intitulada: *Aspectos sonoros da língua polonesa falada em Cruz Machado no Paraná.* Na Pontifícia Universidade Católica do Paraná Schirlei Freder defendeu tese de doutorado intitulada: *Arranjos ecossocioeconômicos em atividades comerciais urbanas: o caso das feiras em Curitiba (Brasil) e Varsóvia (Polônia).*

Além disso, em 2018 foi publicado pela Editora da Universidade de Caxias do Sul um livro que pesquisa a história das escolas polonesas, *Escolas Étnicas Polonesas no Rio Grande do sul* de Adriano Malikoski. Congratulamos todos os cientistas e desejamos êxito na continuação

dos trabalhos.

- **Nobel.** A última notícia feliz veio no momento de terminar a elaboração deste relatório. A escritora polonesa Olga Tokarczuk foi agraciada com o prêmio Nobel de Literatura do ano 2018 (o anúncio foi feito em 10 de outubro de 2019). Estamos todos muito felizes por esse reconhecimento da mais importante escritora polonesa da atualidade. Entre os primeiros ecos dessa notícia que apareceram na imprensa destaquemos:
- um artigo de Aleksandra Pluta na *Folha de São Paulo*: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/fuga-e-viagem-marcam-a-obra-de-labirintos-da-polonesa-olga-tokarczuk.shtml,
- o meu artigo no *Estado de São Paulo*: https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,analise-nobel-de-literatura-olga-tokarczuk-retrata-o-mundo-fragmentado-pelasinquietacoes,70003044815,
- o artigo no jornal O Globo: https://g1.globo.com/pop-arte/noticia/2019/10/10/olga-tokarczuk-e-peter-handke-ganham-premio-nobel-de-literatura.ghtml,
- o da Christina Queiroz na Revista Pesquisa da FAPESPE: https://revistapesquisa.fapesp.br/2019/10/11/polonesa-e-austriaco-vencem-nobel-de-literatura/
- o programa da Rádio da UFMG: https://ufmg.br/comunicacao/noticias/nobel-2019.
- um texto em que a autora comenta o Nobel e a situação dos escritores e da literatura hoje que traduzi para o *Estadão*: https://cultura.estadao.com.br/noticias/literatura,acredito-na-literatura-que-une-as-pessoas-diz-nobel-de-literatura-olgatokarczuk,70003046380
- um texto de Camila de Camila Von Holdfeder que relata a leitura de um livro da autora na *Folha*: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/ao-terminar-de-lerolga-tokarczuk-sobra-a-beleza-do-conjunto.shtml

- uma entrevista com a autora na *Folha*: https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/10/realidade-pode-ser-captada-por-muitos-pontos-de-vista-diz-ganhadora-do-nobel.shtml - e uma com seu editor brasileiro no jornal *Plural*: https://www.plural.jor.br/noticias/cultura/polonesa-que-venceu-nobel-chega-ao-brasil-em-novembro/

É uma enorme felicidade para todos nós, mas felicidade maior ainda é poder ler os livros da autora e contar com seu olhar sábio e compassivo para o nosso mundo em constante mudança. Congratulamos a autora e estamos exultantes com seu sucesso.

MALIKOSKI, Adriano. Escolas Étnicas Polonesas *no Rio Grande do Sul*, EDUCS, Caxias do Sul: 2018, pp. 200

Renata SIUDA-AMBROZIAK*

O livro de Adriano Malikoski, que originou da pesquisa de mestrado, aborda principalmente, entre as interfaces que caracterizavam a experiência migratória no Brasil do grupo étnico polonês e o processo da sua inserção na sociedade brasileira, a temática do processo de escolarização nas comunidades étnicas polonesas no Brasil, focando na sua organização e momentos das mudanças provocadas, entre outros, pelo reaparecimento da Polônia como um Estado independente no mapa da Europa e pelos decretos nacionalizadores do governo Vargas, que influenciaram de uma maneira decisiva as comunidades étnicas polonesas, desencadeando os processos de sua "de- etnificação".

Os migrantes do século XIX que se autodefiniam como poloneses (os poloneses chegaram com os passaportes dos países ocupantes) constituiram um grupo específico, marcado fortemente pela ausência política do seu Estado no mapa da Europa. Várias determinantes, no contexto histórico, influenciaram a tentativa inicial de preservação da identidade étnica - uma delas, com certeza, puramente psicológica – saindo da Europa, onde a sua identidade foi constantemente ameaçada, os imigrantes procuravam assentar-se nos lugares aonde pudessem "curtir" a sua liberdade de expressão cultural, com os costumes e valores étnicos cuidadosamente cultivados. Quando em 1918 foi criado o soberano Estado polonês, a política do novo governo pressionava os numerosos ambientes

^{*} Universidade de Varsóvia.

imigratórios poloneses, por meio das organizações étnicas, na direção de atrasar os processos da assimilação e aculturação, não sendo isso, aliás, nenhuma exceção à regra no contexto das políticas dos governos europeus frente aos seus contingentes populacionais no Brasil. Essa situação provocou a reação do presidente Getúlio Vargas, que, por sua vez, aplicou medidas unificadoras, ideológicas e práticas (legais), limitando os separatismos locais promovidos pelos imigrantes europeus e proibindo várias manifestações culturais, fechando escolas, organizações étnicas e a imprensa local publicada nas línguas étnicas.

O livro que o leitor recebe nas suas mãos é importante por várias razões, uma sendo que o tema tem sido raramente tocado nas pesquisas do grupo étnico polonês – o grupo que não era valorizado e que precisava constantemente (re)negociar, renunciar ou defender o valor da sua identidade. Portanto, a história do desenvolvimento das escolas polonesas da autoria do Adriano, das escolas que refletiam as de-(re-)construções identitárias dos imigrantes poloneses e dos seus descendentes no Brasil pode servir, por um lado, como um exemplo de itinerário identitário de um grupo imigratório em processo de assimilação e integração na sociedade brasileira; por outro, como uma prova de que os valores culturais e a identidade étnica, até cuidadosamente preservados, se confrontados com a política do Estado, especialmente no sentido de implantação de ações nacionalizadoras, podem perder muito de sua força e vigor. Deixando o espaço dificilmente preenchido.

BATISTA NETO, Herculano. *O genial Padre Doutor*. Irati/PR, Edição do autor, 2019, pp. 184

Mariano KAWKA*

Médico do corpo e da alma

Em seu livro, o iratiense Herculano Batista Neto nos apresenta a figura ímpar do médico e sacerdote da Congregação da Missão Pe. Wenceslau Szuniewicz CM.

O protagonista dessa história nasceu em 1892 em Glebokie, localidade que atualmente se encontra na Bielorrússia. Em 1898, a família mudou-se para Smolensk, uma cidade maior, situada na Rússia, onde havia uma oferta melhor de escolas. Concluída a escola secundária, Wenceslau foi estudar medicina em Moscou e tornou-se médico em 1917.

Já havia eclodido a Primeira Guerra Mundial, e Szuniewicz foi convocado para atuar como médico no exército russo. Tratando dos enfermos de tifo, ficou gravemente doente, mas no final, quase que por milagre, conseguiu recuperar a saúde.

Terminada a guerra, na capital russa especializou-se em pediatria e oftalmologia. Com o término da guerra ocorreu também a recuperação da independência da Polônia. Então o Dr. Wenceslau voltou à sua pátria e fixou residência em Wilno, que na época tinha esse nome e pertencia à Polônia. Atualmente se chama Vilnius, e é a capital da Lituânia. Nessa cidade chegou a ser professor da famosa Universidade Stefan Batory.

^{*} Professor, tradutor, lexicógrafo, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

Com a morte dos pais, Venceslau sentiu o vazio e a solidão se instalarem em sua alma, visto que aos 35 anos de idade ele continuava solteiro. Dedicou-se inteiramente ao trabalho, mas em breve sentiu a necessidade de uma consagração maior, de uma entrega mais profunda.

Em Wilno, naquela época os Padres da Congregação da Missão (Vicentinos) tinham a sede de uma província polonesa. O Dr. Szuniewicz prestava ali assistência médica aos seminaristas dessa congregação. Empolgado com a figura de S. Vicente de Paulo (o fundador dos Vicentinos), e ainda com o trabalho das Filhas da Caridade, uma congregação religiosa também fundada pelo mesmo santo, e sentindo afinidade com S. Vicente e com as suas obras, finalmente se convenceu de que devia seguir o chamado de Deus, tornando-se religioso.

Em 1927 o Dr. Wenceslau ingressou na congregação em Cracóvia. Foi ordenado sacerdote no dia 8 de setembro de 1930, naquela cidade, e celebrou sua primeira missa em Wilno, no dia 14 de setembro daquele ano.

Em 1929 os Padres Vicentinos poloneses haviam estabelecido uma missão na China, enviando para lá o primeiro grupo de missionários sob a chefia do Pe. Inácio Krause, futuro bispo de Shunteh-Fu, que já havia trabalhado no Brasil.

No final de 1930 o Pe. Szuniewicz viaja para a China com o segundo grupo de missionários poloneses, que só chegaram ao seu destino no dia 9 de janeiro de 1931, após uma viagem que durou quarenta dias.

Após um período de aprendizagem da língua local, o Pe. Wenceslau dedicou-se ao seu trabalho, como sacerdote e como médico. Como ali grassavam a catarata, o tracoma e outras doenças oculares, sentiu a necessidade de deixar um pouco de lado a pediatria e de dedicar-se inteiramente à oftalmologia, para o que organizou um hospital especializado em Shunteh, no qual contou com o apoio das

Filhas da Caridade. Devido à fama que granjeou, ministrou cursos práticos a jovens médicos chineses.

Na área da oftalmologia o Pe. Szuniewicz tornou-se um grande especialista, precursor da operação da córnea que corrige os defeitos da visão. Atualmente essas cirurgias se fazem com laser, mas ele as realizava com bisturi cirúrgico.

Naquele período a guerra entre a China e o Japão prejudicou as atividades da missão católica em Shunteh, mas não afetou a missão pastoral. Problemas mais sérios surgiram com o fim da Segunda Guerra Mundial e a tomada do poder pelos comunistas, quando a missão foi fechada.

Quando em 1949 os comunistas tomaram o poder, o Pe. Wenceslau, após ter passado 18 anos da sua vida na China, teve que deixar o país e viajar aos Estados Unidos, onde permaneceu até 1952. Aproveitou esse período para se aperfeiçoar na Universidade de Yale, em New Haven, Connecticut. Naquela universidade americana realizou importantes pesquisas científicas sobre o astigmatismo e entrou na história da medicina como pioneiro da chamada cirurgia de refração da córnea. Recebeu proposta do governo dos Estados Unidos para se tornar cidadão americano, o que não aceitou, por achar o nível de vida americano muito alto, o que – na sua opinião – deixava a alma vazia.

O Pe. Szuniewicz desembarcou no Brasil no dia 11 de fevereiro de 1952. Após um breve período de aprendizado da língua portuguesa, iniciou o seu ministério em Mafra-SC, em companhia do Pe. Félix Stefanowicz, também antigo missionário na China. Em 1956 foi designado para trabalhar em Irati-PR, na paróquia de S. Miguel, como coadjutor do Pe. Sigismundo Piotrowski. Nessa cidade ele exerceu as funções de sacerdote e de médico até 1963, ano do seu falecimento.

Em Irati pôde desenvolver plenamente as suas habilidades, especialmente através da Associação dos Pais Cristãos (APC), por ele instituída, e da difusão da leitura. Naquela cidade, uma escola foi

denominada em sua homenagem como Escola Municipal Padre Wenceslau.

O Pe. Wenceslau também gostava de expressar os seus sentimentos através da poesia. O livro de Herculano Batista Neto apresenta alguns desses poemas, na versão original em polonês e em tradução para o português.

Os estudos e experimentos por ele realizados no campo da medicina contaram com o reconhecimento da comunidade científica mundial.

O livro termina com testemunhos (memórias) de diversas pessoas que de alguma forma conviveram com o Padre Doutor.

ŁYCHOWSKI, Tomasz, *Post scriptum e outros textos*. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2018.

Henryk SIEWIERSKI*

O título do livro convida para que se comece a sua leitura do fim. O destaque dado pelo Autor ao que vem "depois do escrito" parece colocar os "outros textos" em segundo plano. Mas basta começar a leitura do conto "Post scriptum", que encerra o livro, para perceber que a provocante reversão não se refere apenas à ordem textual, mas que existe também algo além da escrita, além do que é possível dizer, a que o Autor quer dar atenção.

O conto relata uma viagem à cidade de Vassouras, onde o autor viveu os primeiros anos da sua juventude brasileira. Ele retorna sessenta anos depois, e agora a viagem não é em busca do tempo perdido, mas do "tempo reencontrado". Primeiro, ele visita a casa das freiras do Sagrado Coração de Jesus, onde encontra duas irmãs idosas com as quais trabalhou no hospital da cidade. Uma, irmã Paulina, de 101 anos, reconhece o visitante, mas são só os olhos que falam, o seu "olhar bem vivo de quem diz: 'estou aqui!'. Já teve o seu tempo de falar, agora o silêncio fala por ela". A outra irmã está com Alzheimer: "A irmã Irene olha para mim como quem não vê. Eu a abraço, 'lembra de mim?' Um leve sorriso? Uma lembrança?". E na despedida elas acenam, dando adeus. O passado e o presente se fundem. Depois, o autor percorre a cidade, visitando os velhos lugares, observando as mudanças, lembrando pessoas, entretecendo lugares e tempos. E o

^{*} Professor titular na Universidade de Brasília (UnB), autor de livros dedicados à literatura polonesa, tradutor, membro do Conselho Editorial da revista *Polonicus*.

que chama também a atenção no relato desse reencontro com a cidade é a ternura que o permeia. Ela não expressa nenhuma mensagem específica, só parece sugerir que a última palavra dessa história ainda não foi dita, que o *Post scriptum* é para lembrar também o que transcende a capacidade da palavra escrita.

Nos "outros textos" do livro, a palavra escrita do poeta, ensaísta, pintor, professor, educador, tradutor, transita por diversos campos de saber e sentir, sempre com a intenção de compartilhar experiências, conhecimentos e sempre com a intenção de contribuir para que o mundo seja melhor. Quem como criança presenciou as crueldades da guerra e na própria pele sofreu as suas consequências; quem na sua trajetória migrante passava por momentos difíceis, vivências dolorosas, mas também acrescentava os ingredientes novos e enriquecedores à sua identidade e conhecia o poder do bem, assume o papel de testemunha comprometida com a verdade, o bem e o belo. Por isso, os textos ensaísticos, críticos e meditativos de Tomasz Łychowski têm sintonia tão grande com a sua poesia na exaltação da solidariedade humana, do valor da diversidade das culturas, da fidelidade aos valores herdados dos nossos antepassados. Nascido em Angola, filho de pai polonês e de mãe alemã, brasileiro de adoção, procura sempre ser fiel ao que significa a memória dessa linhagem ramificada e seus valores. Seus textos dispersos publicados no Brasil, agora reunidos, aproximam Polônia, sua arte de poesia e de cinema, sua história e personagens que a marcaram, com destaque ao legado do Papa João Paulo II. Vale lembrar também que, nos poemas e ensaios de Tomasz Łychowski publicados na Polônia, o Brasil reforça lá a sua presença com a naturalidade de membro da família.

Seria impossível resumir aqui o riquíssimo conteúdo de todos os textos reunidos no livro. Além dos textos com a temática polonesa, chamam atenção os que tratam das questões atuais pensadas de uma perspectiva brasileira ou simplesmente humana, ou católica, no sentido de universal. São os textos como uma proposta para o "Brasil XXI" que visa "resgatar valores éticos num ambiente onde reina o

desencanto", através do resgate da memória daqueles que podem servir de exemplo; "Luzes e sombras", uma reflexão sobre a Igreja católica e o cristianismo no mundo de hoje; os textos que representam uma filosofia da educação de quem dedicou muitos anos da vida profissional ao ensino; "Educação solidária", um deles com uma memorável epígrafe do Albino Luciani (Papa João Paulo I): "Para ensinar latim a João, não basta conhecer latim; é necessário também conhecer e amar João". Não faltam também os textos em que Łychowski toma posição nos debates acalorados que envolvem o nome da Polônia, como a questão do antissemitismo depois da promulgação, em 2918, de uma lei problemática (depois revogada) pelo Parlamento polonês. No texto "A questão polono-judaica" publicado naquele momento, e agora reeditado, Łychowski faz uma leitura da história das relações polono-judaicas destacando fatos e episódios, alguns pouco conhecidos, que só podem ser vistos como um patrimônio comum que aproxima e exige a reconciliação. Porque a opção preferencial de Tomasz Łychowski, neste e noutros casos difíceis das relações entre as pessoas e os povos, é sempre pela aproximação, pela procura do que une e não do que separa. O seu "Post scriptum" e todos os outros escritos é, também por esta razão, um dos mais significativos e originais testemunhos, intelectuais e artísticos, de diálogo e aproximação entre o Brasil e a Polônia.

MARIN, Iraci José (org.). *A Polônia e os poloneses*. Porto Alegre: Rodycz & Ordakowski: EST Edições, 2019, pp. 104.

Cláudia Regina Kawka MARTINS*

O livro *A Polônia e os poloneses*, publicado neste ano em que se comemoram os 150 anos da imigração polonesa ao Brasil, é uma coletânea de textos já publicados e outros inéditos de Iraci José Marin, os quais tratam de diversas questões referentes à História da Polônia e dos poloneses, à conjuntura da imigração ao Brasil, à Literatura polonesa, à Língua Polonesa, ao Hino Nacional Polonês e às datas comemorativas da Polônia. Também são apresentados textos de outros autores que pesquisam o tema da Polônia e da imigração, como Wilson Carlos Rodycz, o qual apresenta o contexto da elaboração da Constituição Polonesa de 1791, bem como seu conteúdo e seu legado; André Hamerski, que traz uma lista com os nomes dos poloneses laureados com o Prêmio Nobel, bem como seus locais de nascimento, área de pesquisa e ano em que receberam o prêmio e Ivanor Polidoro, que apresenta uma série de links para pesquisa genealógica no Rio Grande do Sul.

A grande maioria dos artigos é do próprio autor, Iraci José Marin, alguns deles já publicados em revistas como a da Braspol, *Polonicus* e *Boletim Tak!*, os quais tratam de inúmeras questões interessantes referentes à História da Polônia, dos poloneses e da imigração polonesa no Brasil. No texto de abertura do livro, intitulado *Breve História da Polônia*, são apresentados ao leitor os pontos mais importantes da formação da Polônia enquanto país, as diversas invasões e dominações estrangeiras e a luta do povo polonês pela preservação da sua identidade e pela reconquista da sua liberdade. O

* Professora de História do Colégio Militar de Curitiba.

contexto da imigração polonesa ao Brasil insere-se assim na História da Polônia num momento em que o país havia sido partilhado entre a Rússia, a Prússia e a Áustria e o polonês via na emigração uma possibilidade de ter no Brasil a identidade que não possuía mais na Europa. O autor analisa também a história da Polônia após a reconquista da Independência, em 1918, com o fim da Primeira Guerra Mundial; a situação do país durante a Segunda Guerra Mundial, no momento em que ocorreu a invasão alemã e soviética e todo o sofrimento imposto ao povo polonês com o holocausto nazista e o totalitarismo stalinista. Acabada a guerra, com a vitória dos aliados e a derrota alemã, tem-se o início de outro período sofrido para os poloneses, quando o país passou a fazer parte do bloco soviético e foi entregue ao comando de Moscou, no contexto maior da Guerra Fria, o qual perdurou até o final da década de oitenta do século passado, quando se tem a vitória do Partido Solidariedade nas eleições de 1989 e inicia-se um novo período na história do povo polonês.

No texto *A reconquista da Independência da Polônia*, o autor discute a questão da importância de a independência não ficar restrita apenas à data específica do 11 de novembro de 1918, que marca o fim da Primeira Guerra, mas sim como o resultado de um longo processo de luta e reconquista da liberdade, bastante difícil e doloroso para os poloneses.

No contexto da história da Polônia, Marin apresenta um artigo sobre a Czarina russa, *Catarina*, *a Grande* e sua interferência nas questões internas da Polônia, as quais resultaram nas três partilhas do país durante o século XVIII (1772, 1793 e 1795). Esse artigo foi publicado originalmente em 2015, quando dos 140 anos da imigração polonesa no Rio Grande do Sul e é muito interessante para entender os motivos e os resultados dessa divisão do país entre a Rússia, a Áustria e a Prússia, a qual culminou na terceira partilha, de 1795, que extinguiu a Polônia do mapa por 123 anos, período em que os poloneses não tiveram um país e precisaram lutar para manter sua

cultura e sua identidade. A febre da imigração polonesa ao Brasil, no século XIX, coincide com o período da terceira partilha, quando os poloneses vieram com passaportes russos, prussianos ou austríacos, porém se identificavam como poloneses, na luta pela manutenção da sua identidade cultural e linguística. Essa questão do "ser polonês" é retomada então em outro artigo, intitulado *Ser ou não ser polonês?*, onde o autor afirma que a emigração do século XIX passou a ser uma necessidade para a retomada da identidade polonesa e a para a sobrevivência da polonidade. No Brasil, esses emigrados poderiam reconstruir suas vidas como poloneses, uma vez que aqui seriam livres para manifestar sua identidade, sua língua, sua religião, enfim, sua cultura. "O sentimento de polonidade permanecia firme na alma de cada um, multiplicando-se de geração em geração." (Pág. 49)

Em outro artigo, o autor apresenta a história da literatura polonesa, apresentando o trabalho de Henryk Siewierski, professor da UNB, sobre o tema, com o objetivo de divulgar os nomes importantes da literatura da Polônia, desde a Idade Média até a atualidade, com destaque para os autores ganhadores do Nobel de Literatura.

A língua polonesa, sua origem e evolução, bem como suas transformações, adaptações e alguns pontos de ligação com outras línguas é o assunto de outro dos artigos do livro: *Língua polonesa – aspectos diacrônicos*. O autor inicia tratando da influência do indoeuropeu na origem de muitas línguas europeias - dentre elas as línguas eslavas - e uma de suas características, as declinações, flexões sofrida por nomes, adjetivos ou pronomes. Fala também da influência do latim na língua polonesa, notadamente no seu alfabeto, e explica o contexto e as razões da existência de dois diferentes alfabetos nas línguas eslavas: o latino e o cirílico. Busca também as origens dos primeiros textos escritos em polonês, no século XVI, o primeiro dicionário, os acréscimos que a língua polonesa fez ao alfabeto latino, com as marcas diacríticas e os dígrafos.

Outro artigo bastante interessante trata das circunstâncias históricas do surgimento do Hino nacional polonês, entre as legiões

polonesas na Itália, inicialmente como uma canção bélica no contexto da expansão napoleônica do final do século XVIII e início do século XIX contra o Império Austro-Húngaro. Essa canção das legiões polonesas que lutavam na Península Itálica, ao lado do Exército de Napoleão, tornou-se, com o tempo, na Polônia então ocupada, uma canção nacional cantada em ocasiões especiais, como festas históricas e cerimônias patrióticas. Passou a ter um significado importante contra a dominação estrangeira e na defesa da nacionalidade e identidade polonesas, tornando-se Hino Nacional Polonês em 1926, após a Independência.

Em outro texto, além do Hino Nacional Polonês, dos símbolos nacionais poloneses, da Bandeira e do Brasão Nacional, o autor também apresenta dados gerais, geográficos, populacionais e econômicos sobre a Polônia atual. Também traz uma lista das datas comemorativas da Polônia.

Os últimos artigos do livro tratam mais especificamente da questão da imigração polonesa ao Brasil, seu contexto histórico, a propaganda feita na Polônia, a chegada dos primeiros poloneses a Santa Catarina, em agosto de 1869, fazendo de Brusque o berço da imigração polonesa no Brasil. Trata também da transferência desses imigrantes para o Paraná, em 1871, na região do Pilarzinho, em Curitiba, sob a interferência de Sebastião Edmundo Wos-Saporski, considerado o Pai da Imigração Polonesa no Brasil, dentro do projeto de colonização do governo de Lamenha Lins. A chegada dos imigrantes ao Rio Grande do Sul, em 1875, também é destacada. Há um artigo, já no final do livro, falando especificamente das dificuldades encontradas pelos imigrantes nos primeiros tempos da colonização no Rio Grande do Sul, com destaque às mortes de imigrantes nos barrações em Caxias do Sul, no final de 1890, onde uma epidemia de tifo ou varíola matou mais de uma centena de crianças polonesas, sendo um duro golpe nas expectativas daqueles poloneses que acabavam de chegar ao Brasil e um dos episódios mais dramáticos da história da imigração polonesa no nosso país.

O II DIA DA AMÉRICA LATINA NO PARLAMENTO POLONÊS: OPORTUNIDADES E DESAFIOS PARA A COOPERAÇÃO COM PARCEIROS DA AMÉRICA LATINA

Elżbieta BUDAKOWSKA*

No dia 11 de setembro realizou-se em Varsóvia, no Parlamento da Polônia, uma conferência por ocasião do II Dia da América Latina. O convidado de honra da conferência foi Luís Almagro, Secretário-Geral da Organização dos Estados Americanos (OEA). Compareceram igualmente convidados de diversos países dessa região, bem como o corpo diplomático das embaixadas dos países da América do Sul e das Antilhas na Polônia.

Essa solenidade já foi a segunda conferência sobre a região da América Latina e das Antilhas organizada pelo Parlamento da Polônia em colaboração com o Ministério das Relações Exteriores da Polônia e o Instituto Polonês de Assuntos Internacionais (IPAI), que estava comemorando os vinte anos de sua existência em 2019. Da inauguração do evento participaram também a presidente do Parlamento Elżbieta Witek e o diretor do IPAI Sławomir Dębski.

Durante a abertura do II Dia da América Latina no Parlamento da Polônia, o Prof. Jacek Czaputowicz, ministro das relações exteriores, falou: "Os laços culturais que ligam a Polônia e a região da América Latina e das Antilhas, bem como o apego a ideais comuns, tais como o respeito aos direitos humanos, os valores cristãos e a democracia, constituem boas bases para a cooperação e o diálogo".

^{*} Universidade de Varsóvia.

Após o seu pronunciamento, o ministro Czaputowicz chamou também a atenção para as aspirações da Polônia ao fortalecimento da sua presença econômica na região, que tiveram como efeito a abertura, pela Agência Polonesa de Investimentos e Comércio, de cinco escritórios comerciais. O primeiro deles foi aberto no México em maio de 2017, durante a visita do presidente da Polônia Andrzej Duda. O ministro Czaputowicz apontou também para os desafios comuns da Polônia e daquela região, bem como para o diálogo em áreas como as mudanças climáticas, a defesa do meio ambiente, a cooperação no Conselho de Segurança da ONU, cujos membros não permanentes foram em 2018, além da Polônia, dois países andinos - o Peru e a Bolívia, e em 2019 também a República Dominicana. Além disso, o ministro Czaputowicz lembrou a contribuição histórica dos poloneses para o desenvolvimento da região. Como enfatizou, muito poloneses são beneméritos na América Latina nessa questão. Por exemplo, desde o início do século XIX muitos deles participaram das lutas pela independência desses países. Muitos poloneses emigraram para a América Latina numa época em que a Polônia, ocupada por potências estrangeiras, havia perdido a sua autonomia como Estado por um período de 123 anos.

O discurso introdutório da conferência foi pronunciado pelo secretário-geral da OEA Luís Almagro, no qual o orador se concentrou nas etapas da democratização da América Latina e em desafios importantes que se apresentam aos países da América Latina e das Antilhas. A visita de Luís Almagro a Varsóvia foi a primeira visita de um secretário geral da OEA na Polônia. A OEA – a mais antiga organização regional no mundo – surgiu em 1948 e atualmente congrega 35 estados membros. Por sua vez, desde 1991 a Polônia possui nessa organização o *status* de observadora permanente.

Os debates se realizaram em torno de dois painéis. O primeiro deles foi dedicado à questão: "A América Latina diante das mudanças da ordem global", e o segundo tinha por título: "Novas perspectivas nas relações da Polônia com os seus parceiros da América Latina".

Crônicas

(Nota redigida com a utilização parcial de materiais do Ministério das Relações Exteriores da Polônia)

RESUMO – STRESZCZENIE

11 wrześniu br. odbyła się konferencja w Sejmie RP poświęcona możliwościom, wyzwaniom współpracy z krajami Ameryki Łacińskiej. W spotkaniu uczestniczył minister Jacek Czaputowic z MSZ, dyplomaci krajów latynoamerykańskich, jak również osoby zainteresowane zacieśnianiem różnorodnych kontaktów z krajami Ameryki Łacińskiej.

GUITARRISTA BRASILEIRO COM ORIGENS POLONESAS LANÇA SEU MAIS NOVO TRABALHO SOLO MUSICALIZANDO AS LENDAS DA CIDADE DE PORTO ALEGRE

Carlos LICHMAN*

Chegando ao seu sexto registro solo, o guitarrista gaúcho Carlos Lichman – hoje radicado na Europa – apresenta uma série de características em relação aos seus trabalhos anteriores, tanto como artista solo como sideman. Após seus estudos de pós-graduação na Universidade de Varsóvia em gestão artística, o músico pôde aprender a administrar melhor sua carreira, o que lhe permitiu desenvolver um novo projeto audiovisual tendo como base a memória cultural de Porto Alegre, com financiamento do Funproarte, um fundo municipal de apoio à produção artística e cultural de Porto Alegre e referência no Brasil. Lendas Urbanas de Porto Alegre se torna assim, pela primeira vez, um álbum conceitual na carreira do guitarrista.

O projeto audiovisual, que teve todo seu planejamento através dos estudos na universidade polonesa, apresenta nove lendas urbanas que são musicalizadas com instrumentos e arranjos modernos dentro de estilos como o Hard Rock, Blues e Fusion. As lendas selecionadas foram: Bará do Mercado Público, A moça do Cemitério, Castelo do Alto do Bronze, Crime da Rua dos Arvoredos, Maria Degolada, Obirici, Museu Júlio de Castilhos, Igreja Nossa Senhora das Dores e Hospital São Pedro. A parte visual é separada em 15 vídeos, com uma introdução, nove vídeos relatando cada lenda individualmente e cinco

^{*} Atualmente reside no Portugal.

Crônicas

vídeos que fazem parte de um masterclass de guitarra sobre a composição de cada música.

Responsável pela composição e pela gravação das guitarras, baixos e teclados, Lichman também conta com o baterista Alexandre Olly e com quatro participações especiais, de Caca Barros, Nelson Jr. Miguel Mega e Rafael Piamolini. A mixagem e masterização ficou por conta de George Demetrius, no Cookie Monster STudio.

Para os interessados em escutar os trabalhos de Carlos Lichman, todos eles estão disponíveis nas plataformas digitais e, claro, os vídeos no canal oficial do guitarrista no youtube.

RESUMO – STRESZCZENIE

Gitarzysta polskiego pochodzenia skomponował utwory muzyczne oparte na legendach dotyczących miasta Porto Alegre.

IGREJA POLONESA DE PORTO ALEGRE COMEMORA OS 85 ANOS DE CRIAÇÃO

Sergio SECHINSKI*

Assim noticiava a imprensa porto-alegrense a inauguração da igreja polonesa:

Um templo em que os católicos poloneses cultuarão Nossa Senhora de Czestochowa

A nova igreja foi inaugurada domingo último com uma Missa solene.

Os católicos poloneses fizeram edificar, nesta capital, um templo que tomou o nome de Nossa Senhora de Czestochowa, ficando situado à Avenida Eduardo, paróquia de São Geraldo.

Esta igreja, que foi construída durante anos de esforço e labor, deve sua edificação à contribuição eficiente da colônia polonesa, que emprestava seu concurso, tanto com donativos, na classe mais abastada, como com o auxílio individual dos operários, que após o labor diário nas fábricas iam à noite trabalhar horas a fio.

A comissão promotora era composta dos Srs. Julio Przedmolski, João Mlynarski, Estevam Gladzik, Julio A. Biezkowski, José Marszal e Gregorio Zuesza, que, sob a direção do Revdo. Sr. Cônego João Antônio Peres, a alma do empreendimento, foram todos incansáveis em promover a obra até levá-la a bom termo.

A bênção da capela foi domingo último, às 9 horas, oficiada pelo cônego João Antônio Peres, que pregou o sermão em língua polonesa.

^{*} Cônsul Honorário da República da Polônia no RS e Coordenador do Conselho da Capelania Polonesa em Porto Alegre-RS.

Crônicas

Em seguida, o Mons. Leopoldo Nols, vigário-geral, celebrou a Santa Missa, dirigindo ao Evangelho a palavra à numerosa assistência que enchia o templo.

A primeira pedra da capela foi lançada a 2 de outubro de 1932, com a presença de cerca de 500 pessoas.

Contiguo à capela, foi construído um salão, onde será instalada uma escola para os filhos dos poloneses.

(A Federação, 5 de maio de 1934, página 4.)

Orgulho dos poloneses emigrados e descendentes, residentes em Porto Alegre, o pequeno templo dedicado a Nossa Senhora de Monte Claro, localizado no quarto distrito, na Avenida Presidente Roosevelt, vem ao longo de seus 85 anos de fundação constituindo-se numa importante referência da polonidade na Capital Gaúcha. Poloneses e descendentes, residentes ou visitantes, turistas poloneses e tantos outros, ao chegar à capital, logo procuram a localização e os horários de funcionamento da igreja.

Inaugurada a 5 de maio de 1934, a Igreja Nossa Senhora de Monte Claro (Nossa Senhora Częstochowa, em polonês), verdadeiro patrimônio dos poloneses e polônicos (termo que designa a descendência polonesa), foi edificada como uma obra que se estendeu por alguns anos, até a sua finalização.

Com a pedra fundamental lançada em 2 de outubro de 1932, a construção é resultado da boa vontade da comunidade, através de doações, incluindo-se o esforço braçal de muitos membros, que após o labor diário nas fábricas vinham à noite para o trabalho na edificação de um templo que traduzisse as suas mais profundas tradições religiosas polonesas.

Passados 85 anos, a comunidade pulsa viva e de forma dinâmica, através das tradições religiosas e no convívio comunitário característicos do povo polonês, sempre contando com o privilégio de uma pastoral polonesa – tendo sido sempre atendida por padres vindos da Polônia.

Para um período tão longo de existência, não foram tantos os padres que por ela passaram. Nos últimos anos, a comunidade reverencia a memória do Pe. Leon Lisiewicz, que esteve responsável por mais de 30 anos. Atualmente, chegado em 2015, atende os polônicos de Porto Alegre o Padre Zdzislaw Malczewski, missionário da Congregação Sociedade de Cristo, que trabalha com poloneses e descendentes além das fronteiras da Polônia. O Padre Z, como é carinhosamente chamado na comunidade, é também Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil e membro do Conselho Polônico Consultivo junto à presidência do Senado Polonês. Doutor em História pela Universidade Adam Mickiewicz em correspondente permanente há 28 anos da Rádio Vaticana, aficionado estudioso da história da polonidade brasileira, o Padre Z edita bimestralmente o Boletim Voz de Monte Claro - boletim informativo da Capelania Polonesa de Porto Alegre, que divulga os acontecimentos da colônia polonesa da capital gaúcha. Com sua presença na colônia polonesa de Porto Alegre, o Padre Z é um verdadeiro vínculo com a história e a atualidade polonesa.

Na igreja polonesa de Porto Alegre, vive-se a autêntica fé e devoção religiosa polonesa, desde a liturgia, incluindo os milenares e tradicionais cânticos sacros poloneses, as datas litúrgicas tão respeitadas ainda hoje na Polônia. Tudo isso, incluindo o fervor desta gente descendente, que faz questão absoluta de manter a sua igreja.

Constituímo-nos numa comunidade étnica, que não se restringe à participação daqueles que simpatizam com a nossa tradição católica polonesa. As portas sempre permanecem abertas, e temos membros brasileiros, sem nenhum vínculo com a Polônia, que rezam, que cantam em polonês. Outros, embora estejam vinculados às suas paróquias territoriais, procuram a Capelania Polonesa para batizados e casamentos, o que de certa forma não deixa de ser preservação dos vínculos étnicos.

Dedicada a Nossa Senhora de Monte Claro ou Nossa Senhora de Czestochowa – Padroeira e Rainha da Polônia, a igreja dos poloneses congrega aproximadamente 500 famílias de descendentes. Muitas com participação frequente, outras menos, mas pode-se considerar que todos, de uma ou de outra forma, se empenham na sua manutenção, movidos pela motivação da convivência fraterna, que lhes permite a vivência das suas tradições.

A pequena igreja tem o funcionamento de uma paróquia como as demais e é preservada por um grupo de mantenedores, constituído por todos os interessados na causa, através de doações mensais espontâneas, com a finalidade de cobrir os custos. Um sonho acalentado pela comunidade, de transformar o pequeno templo no "Santuário de Nossa Senhora dos Poloneses de Porto Alegre", tem estado cada vez mais presente entre as intenções dos polônicos de Porto Alegre. Esse objetivo, que une e mobiliza tantas famílias, por tão longos anos, se justifica pela própria história e pela contribuição dos imigrantes poloneses, como um dos importantes pilares da nossa cultura rio-grandense.

Iniciando os festejos do jubileu de 85 anos de criação da igreja, a comunidade se preparava e convidava a todos para a Missa solene festiva, e em louvor à Padroeira, que foi realizada no dia 15 de setembro, às 10h30min, celebrada pelo Bispo Auxiliar da Arquidiocese de Porto Alegre Dom Aparecido Donizete de Souza. Para esta festividade veio especialmente de Curitiba o pe. Kazimierz Dlugosz SChr – provincial da Sociedade de Cristo.

A igreja dos poloneses está localizada na Av. Presidente Roosevelt, 920, Bairro São Geraldo, Porto Alegre.

RESUMO – STRESZCZENIE

W obecnym roku wspólnota polonijna w Porto Alegre świętowała 85-lecie poświęcenia polskiej świątyni zbudowanje przez naszych emigrantów i ich potomków. Autor dokonuje historycznego rysu znaczenia dla społeczności polonijnej posiadania własnej świątyni, w której mogą wyrażać swoją wiarę odziedziczoną po swoim przodkach.

JUBILEU DE 25 ANOS DE SACERDÓCIO DO PE. ANDERSON SPEGIORIN SCHR

O Pe. Andrerson Spegiorin SChr é brasileiro e reconhecendo a vocação específica para dedicar-se ao serviço aos seus compatriotas de origem polonesa, ingressou na congregação religiosa Sociedade de Cristo. Fez estudos no seminário da mencionada congregação em Poznan, na Polônia, coroados com mestrado que defendeu na Universidade Católica em Lublin (KUL). O reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, por ter assumido anteriormente o compromisso de celebrar a S. Missa na catedral em Florianópolis por ocasião de 150 anos da chegada dos primeiros imigrantes poloneses para o estado de Santa Catarina, foi impossibilitado de participar pessoalmente no jubileu de prata do pe. Anderson na paróquia Nossa Senhora do Rosário no Rio Claro do Sul-PR, enviou ao Eminente Jubilar uma carta especial.

Eis o conteúdo da mencionada carta.

Reverendíssimo Pe. Anderson, Digno Celebrante do Jubileu de Prata!

Pela presente quero expressar o meu cordial agradecimento pelo convite que me foi enviado para as solenidades relacionadas com o jubileu dos 25 anos da Sua ordenação sacerdotal. Alegrei-me por ter recebido o convite e registrei a data na minha agenda, para poder participar desse importante acontecimento na vida do Venerável Aniversariante.

Lamento muito não poder participar pessoalmente dessa importante comemoração jubilar do Reverendo Aniversariante. Há alguns meses o presidente da Braspol, engº Rizio Wachowicz, pediu que no dia 8 de setembro deste ano eu celebrasse uma Missa em Florianópolis, por ocasião dos 150 anos da vinda dos imigrantes poloneses ao estado de Santa Catarina.

Com certeza, como o próprio Padre Aniversariante sabe pela própria experiência de vida, há momentos em que é preciso fazer uma escolha. Estou convencido de que, se houver um padre a menos nas comemorações jubilares, ninguém sequer vai perceber isso. Por outro lado, visto que nos últimos anos tem diminuído drasticamente o número dos padres poloneses para o

ministério no seio da comunidade polônica brasileira, eu me senti obrigado a aceitar o convite para celebrar a Missa na capital do estado que se tornou o berço da imigração polonesa no Sul do Brasil.

Visto que não posso pessoalmente expressar a benevolência diante do Digníssimo Padre Aniversariante Anderson, peço que aceite estas palavras digitadas com o coração no teclado do computador. Com certeza o jubileu dos 25 anos do ministério sacerdotal é uma graça especial de Deus para um olhar ao caminho percorrido da assistência pastoral aos fiéis, e não somente de origem polonesa. Seja-me permitido, não somente em nome dos sacerdotes, mas também em nome da coletividade polônica brasileira, expressar palavras de sincero agradecimento pelo fiel serviço nas paróquias em que o Digníssimo Padre Aniversariante exerceu a Sua missão sacerdotal. Pelo engajamento pastoral diante de tantos fiéis, mas também pela sensibilidade diante das pessoas de origem polonesa desejosas de ouvir uma palavra em polonês, ou ainda pelo estímulo para a preservação da fé, das tradições, dos costumes herdados dos antepassados, pelo apoio aos descendentes dos colonos poloneses no cultivo da devoção à Senhora de Monte Claro, bem como de outras manifestações da religiosidade polonesa que eles buscam transmitir de geração em geração, queira o bom Deus recompensar o Reverendo Padre Aniversariante Anderson com a Sua bênção, e que a Mãe Santíssima do nosso Salvador O envolva com a Sua proteção todos os dias.

Expresso igualmente a minha admiração pessoal e o meu sincero agradecimento ao Eminente Padre Aniversariante Anderson por apoiar os jovens polônicos brasileiros no cultivo do folclore polonês. É um grande mérito do Reverendo Padre Aniversariante que tantos jovens pudessem encantar-se, sentirem-se fascinados e se envolverem no folclore polonês. É justamente graças à música, aos cânticos e às danças provenientes da distante Polônia que as crianças, os jovens e os adultos daqui preservam esses elementos da cultura polonesa, que se tornaram igualmente uma parte da cultura nacional do Brasil.

Nessa contribuição da herança nacional o Eminente Padre Aniversariante tem a Sua grande e inquestionável participação. Do fundo do coração, por esse engajamento do Ilustre Padre Aniversariante Anderson eu também gostaria de agradecer e de expressar o meu respeito. Gostaria ainda de enfatizar que a minha admiração se intensifica diante de uma simples observação. Oriundo do ambiente urbano, o Reverendo Padre Aniversariante traz em Seu coração, em Sua forma de vida e de assistência pastoral um amor especial ao Povo de Deus que vive no interior. Justamente essas pessoas que trabalham pesado no campo, que nem sempre têm acesso aos mais modernos meios da técnica que facilitam a vida, têm na Pessoa do seu pastor um grande apoio e ajuda. Por essa postura e essa forma de ser entre esse Povo de Deus, as minhas mais cordiais e sinceras palavras de reconhecimento e agradecimento! Por tudo expresso o meu sincero Deus Lhe pague e o meu muito obrigado!

Sinceramente faço votos de que o Digníssimo Padre Aniversariante Anderson conte nos anos subsequentes de serviço a Deus e às pessoas com muita força de espírito e muita saúde. Oxalá possamos, por vontade e bondade divina, no futuro próximo festejar outros aniversários e jubileus de ordenação sacerdotal do Reverendo Padre Anderson e do Seu ministério sacerdotal.

Peço que aceite o dom da minha modesta lembrança na oração. Ao celebrar a Eucaristia na catedral metropolitana de Florianópolis, através da oração estarei unido com o Reverendo Padre Aniversariante Anderson, com os Seus familiares e os participantes da santa Missa jubilar celebrada no Santuário Diocesano de Nossa Senhora do Rosário e na Częstochowa Paranaense.

Com as expressões do devido respeito, consideração e saudação em Cristo Senhor o Supremo e Eterno Sacerdote – pe. Zdzislaw Malczewski SChr

Porto Alegre, 30 de agosto de 2019.

RESUMO – STRESZCZENIE

Każdy jubileusz jest szczególną okazją do dokonania podsumowania minionego okresu. Oceny dokonuje jubilat, jak też osoby związane z osobą obchodzącą tę szczególną datę.

Crônicas

Powyżej zamieszczony został list gratulacyjny, jaki rektor Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii skierował do ks. mgr Andersona Spegiorina SChr, świętującego 25-lecie kapłaństwa. Jubilat jest pierwszym Brazylijczykiem posiadającym po swojej matce polskie pochodzenie, który zdecydował się wstąpić do Towarzytwaą Chrystusowego i w seminarium zgromadzenia w Poznaniu odbyć studia filozoficzno-teologiczne. PO powrocie z Polski prowadzi posługę w parafiach prowadzonych przez członków Prowincji tego zgromadzenia zakonnego.

O JUBILEU DOS 65 ANOS DO CONJUNTO "POLONIA"

No dia 9 de junho do ano corrente, na Sociedade Polonia, em Porto Alegre, o conjunto de folclore polonês festejou os 65 anos de sua existência e divulgação da beleza da cultura polonesa. No domingo 2 de junho, durante a Missa na Igreja Polonesa, agradecemos pelo tempo passado e pedimos a Deus a força de vontade para a jovem geração polônica, para que ela preserve a riqueza das tradições, da cultura, da fé e dos costumes que os nossos imigrantes trouxeram consigo da distante Polônia.

O presidente da Sociedade, Sr. Mariano Hossa, saudou todos os presentes no salão e expressou votos de que todos se sentissem bem naquele lugar, onde podem ser vistas as manifestações do polonismo que são transmitidas de geração em geração. O pastor de almas polônico, fazendo alusão ao número 65 visível na parede principal, lembrou que esse número em geral se relaciona com a passagem à aposentadoria. Fez votos de que o conjunto se desenvolvesse por longos anos. Enfatizou também o fato testemunha até que ponto a Polônia demonstra o seu desvelo pelos polônicos no exterior, apoiando-os financeiramente em sua variada atividade, que apresenta a presença dos poloneses e a sua riqueza cultura.

O conjunto se apresentou vestindo os novos trajes, que foram adquiridos graças ao apoio financeiro do Senado da Polônia, por intermédio da Associação "Wspólnota Polska".

Para os polônicos presentes e para os nossos amigos brasileiros presentes no salão, foi uma surpresa a apresentação dos mais jovens dançarinos. Esse é um bom sinal, que demonstra que a jovem geração assume a beleza do folclore polonês.

Após as apresentações do conjunto o Sr. Sergio Sechinski – o novo cônsul honorário da Polônia – em seu discurso enfatizou o valor e a riqueza da cultura polonesa e entregou à diretora do conjunto, Sra. Alice, uma plaqueta com um texto gravado que expressa a gratidão pelo cultivo das belas danças nacionais polonesas.

Crônicas

Após a apresentação das danças regionais, durante o jantar pudemos partilhar as nossas observações, bem como as lembranças das gerações passadas, que, apesar das dificuldades com que se defrontavam, foram capazes de construir a imponente sede da Sociedade Polonia, bem como a igreja dos poloneses, que já serve à comunidade há 85 anos como o lugar em que se expressa a fé herdada dos antepassados. É significativo em Porto Alegre que as Missas polônicas são também frequentadas por casais etnicamente mistos, quando, por exemplo, o marido é de origem polonesa, e a esposa, de origem italiana. Todos os domingos, após a Santa Missa, os fiéis se encontram num lanche comum. Sempre alguém traz algum bolo ou sanduíches, que fortalecem os presentes para demoradas conversas e para a preservação do espírito de comunidade.

Em agosto deste ano, comemoramos solenemente o jubileu dos 85 anos da igreja polonesa dedicada a Nossa Senhora de Monte Claro.

Pe. Zdzislaw M.

RESUMO – STRESZCZENIE

W obecnym roku zespół folkloru polskiego działający w Towarzystwie Polonia w Porto Alegre swiętuje 65 lat swojej działalności artystycznej. Piękno polskich strojów, jak też ludowe tańce regionalne przyciągają młodych do tego zespołu. Tancerze to nie tylko Polonusi. Wśród nich są także Brazylijczycy, którzy zafascynowali się polskim folklorem i uczestniczą w prezentacjach zespołu w różnych miastach, czy miasteczkach stanu Rio Grande do Sul.

JOVENS POLÔNICOS DO BRASIL NO PAÍS DOS SEUS ANTEPASSADOS

"Que os vivos não percam a esperança...". Com essa citação quero iniciar um breve texto, no qual expressamos o agradecimento e ao mesmo tempo a alegria porque a comunidade polônica brasileira, algo esquecida por dezenas de anos, voltou a ser percebida pela Polônia! Durante as sessões do Conselho Consultivo Polônico junto à Presidência do Senado da Polônia no decorrer dos últimos três anos, graças ao seu representante e aos seus pronunciamentos a coletividade polônica do Brasil foi claramente percebida e lembrada de maneira especial pelo Senhor Presidente Stanisław Karczewski.

Durante o V Encontro Mundial dos Poloneses e Polônicos do Exterior (20-23 de setembro do ano passado), o Senhor Presidente do Senado da Polônia assegurou que a Polônia dedicaria mais atenção à Comunidade Polônica na América do Sul, especialmente aos mais de 2 milhões brasileiros dessa comunidade no Brasil. Uma expressão concreta dessas garantias foi a realização do Congresso da Juventude Polônica da América do Sul, que se realizou em Curitiba, em julho deste ano. Pessoalmente fiquei impressionado com o significativo número, que ultrapassou 150 pessoas, dos jovens descendentes dos colonos poloneses vindos para o mencionado encontro. Eu não esperava esse número, levando em conta as distâncias e os custos da viagem numa época em que a crise econômica se torna nitidamente visível. A principal idealizadora e realizadora desse Encontro foi a Associação "Wspólnota Polska".

No domingo, 11 de agosto, viajou para a Polônia um grupo de 14 pessoas de jovens polônicos do estado do Rio Grande do Sul, no âmbito do programa da Associação "Wspólnota Polska" denominado "A Polônia se encontra em você!". Sergio Sechinski – coordenador do Conselho Pastoral junto à Capelania Polonesa em Porto Alegre e ao mesmo tempo Cônsul Honorário (nomeado este ano) da Polônia no estado do Rio Grande do Sul, assumiu a tarefa de protetor do

mencionado grupo de jovens. Entre esses polônicos se encontrava Valéria Niemiec, representante da nossa comunidade polônica em Porto Alegre, que no ano passado foi crismada por Sua Excelência Dom Wiesław Lechowicz – delegado da Conferência do Episcopado da Polônia para a pastoral dos poloneses emigrados, que estava em visita a alguns núcleos polônicos no Brasil.

Acredito firmemente que para esse grupo de jovens a estada na longínqua Polônia, em companhia do Sr. Cônsul Honorário da Polônia, por ela fascinado e apaixonado, país dos seus antepassados, despertará neles um orgulho maior ainda do seu polonismo. No dia 13 de agosto, dentro da rica programação que foi preparada para a nossa juventude na capital polonesa, houve também uma visita ao Palácio do Presidente da Polônia e um encontro com o Sr. Jan Badowski – diretor do Escritório Polônico na Chancelaria do Chefe de Estado Polonês.

O grupo de jovens polônicos que participou do mencionado projeto "A Polônia se encontra em você!" teve a oportunidade de visitar o Ministério das Relações Exteriores. O Sr. Dariusz P. Bonisławski - presidente da Associação "Wspólnota Polska" participou desse encontro com certeza importante para os jovens polônicos. É justamente a mencionada Associação, juntamente com o Senado da Polônia, que está realizando ultimamente interessantes projetos dirigidos à juventude polônica no Brasil. A comunidade polônica sem os jovens não tem futuro... Estou convencido de que as iniciativas planejadas e realizadas pela Associação, com o claro apoio da Câmara Superior do Parlamento Polonês, trarão bons frutos para o polonismo no Brasil. O guia do grupo de 14 jovens, Sr. Sergio Sechinski, teve a possiblidade de cumprir o papel de intérprete. Esperamos que os jovens polônicos, após a volta da Polônia, se envolverão de todo o coração na divulgação do país dos antepassados entre os seus colegas.

Esperamos que esse nítido olhar da Polônia para a América do Sul, e especialmente para a comunidade polônica brasileira, será permanente. A proteção do Senado da Polônia à Comunidade Polônica nessa região do mundo torna-se cada vez mais sensível. A Associação "Wspólnota Polska" aposta na juventude polonesa, e isso nos alegra. Se esses jovens polônicos voltarem da Polônia fascinados com a beleza, a cultura, as tradições do país, é de se esperar que eles serão bons divulgadores do polonismo entre os seus colegas.

Apesar da passagem do tempo e da mudança das gerações, a comunidade polônica brasileira é fiel às suas raízes. Se a língua polonesa não é utilizada pela maioria dos polônicos brasileiros, isso não é culpa deles. Tiveram influência nisso de maneira especial os condicionamentos políticos e sociais que foram introduzidos no Brasil antes da Segunda Guerra Mundial. Da parte da Polônia, esperamos a compreensão desses condicionamentos históricos e a preparação de manuais adequados para a aprendizagem da língua polonesa, como por exemplo aqueles de que dispõem os poloneses que vivem no Leste. No entanto, é preciso levar em conta outros condicionamentos locais no que diz respeito ao ensino da língua dos antepassados.

Nutro a profunda esperança de que as viagens dos jovens à Polônia farão deles embaixadores da diversificada riqueza cultural e histórica da Polônia. Atualmente o Brasil e a Polônia têm um clima mito bom, bem como condições para uma aproximação maior ainda e para o aprofundamento da amizade que desde sempre existe entre os nossos países. *Pe. Zdzislaw M.*

RESUMO – STRESZCZENIE

W obecnym roku obserwujemy, tutaj na południowej półkuli, zainteresowanie Państwa Polskiego, za pośrednictwem niektórych instytucji, Polonią latynoamerykańską! Senat RP głosem p. Marszaka Stanisława Karczewskiego podczas ubiegłorocznego V Zjazdu Polonii i Polaków zapewniał, że będzie więcej uwagi skierowanej do Polonii na tym kontynencie, a szczególnie w Brazylii i Argentynie. Jednym z ważnych przedsięwzięć był tegoroczny Kongres Młodzieży Polonijnej

Crônicas

Ameryki Południowej w Kurytybie. Później wyjazdy młodzieży do Polski.

Sergio Sechinski, konsul honorowy RP w RS towarzyszył 14 młodym Polonusom z RS, którzy w ramach projektu Stowarzyszenia "Wspólnota Polska: "Polska jest w Tobie" udali się do kraju swoich przodków, gdzie przez 2 tygodnie mogli poznać trochę historii, architektury, języka polskiego. Inwestycja w młodych Polonusów już przynosi dostrzegalne owoce...

MISSA DE AÇÃO DE GRAÇAS NA CATEDRAL DE FLORIANÓPOLIS PELOS 150 ANOS DA COLONIZAÇÃO POLONESA NESSE ESTADO MERIDIONAL DO BRASIL

Por iniciativa do Eng. Rizio Wachowicz, presidente da Representação Central da Comunidade Brasileiro-Polonesa (Braspol), no domingo 8 de setembro de 2019 o Pe. Dr. Zdzislaw Malczewski SChr, Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, presidiu a santa Missa na catedral da arquidiocese situada na ilha que outrora tinha o nome de Santa Catarina, depois Desterro, e atualmente é chamada Florianópolis (em honra do presidente do país Floriano Peixoto). Concelebrou o Pe. Eugênio Kinceski (de origem polonesa), que exerce o ministério na mencionada catedral dedicada a Nossa Senhora do Desterro.

Os primeiros colonizadores dessa ilha queriam homenagear Nossa Senhora que se encontrava com Jesus e com S. José no Egito. Embora tenha sido mudado o nome da ilha, a dedicação do santuário permaneceu até hoje. Os descendentes dos primeiros moradores da ilha não podiam concordar com esse nome, visto que não eram fugitivos nem condenados. O pároco da catedral, Pe. David A. Coelho, expressou a sua aquiescência a que celebrássemos a Missa na capital do estado ao qual em 1869 veio o primeiro grupo de famílias de Siolkowice, na região de Opole.

Com o presidente da Braspol veio um ônibus de Curitiba trazendo representantes desse movimento polônico, bem como o Coral S. João Paulo II, que canta não apenas na igreja de S. Estanislau Bispo e Mártir, mas também em diversas solenidades polônicas na capital do estado do Paraná.

Maria de Lourdes Kuchenny, em seu comentário inicial, introduziu os fiéis presentes no clima da ação de reconhecimento polônico pela hospitalidade do Brasil, que recebia os imigrantes da Polônia oprimidos pelas potências ocupantes. Na procissão foram conduzidas as bandeiras do Brasil, da Polônia e da Braspol, bem como

símbolos da contribuição dos imigrantes poloneses e dos seus descendentes para o desenvolvimento da agricultura e outras áreas da vida brasileira. Da santa Missa participaram também representantes da comunidade polônica local. Vale a pena lembrar que na capital do estado de Santa Catarina existe a Sociedade Polonia.

Em sua homilia, o reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, fazendo alusão às leituras da Missa, lembrou a festa da Independência do Brasil comemorada no dia 7 de setembro, bem como a memória da Natividade de Nossa Senhora (8 de setembro). Os poloneses lutavam contra os ocupantes pela sua liberdade. Muitas vezes, não podendo concordar com a difícil situação em seu país, escolhiam a vida de emigrados. No contexto da primeira leitura, que elogia a sabedoria do ser humano, lembrou que ele não apenas deve preocupar-se como desenvolvimento intelectual, mas também por ser sábio. Era considerado como tal o eng. Etienne Stawiarski, nascido em Częstochowa em 1856, que após a conclusão dos estudos em Paris veio ao Brasil e justamente na região meridional do estado de Santa Catarina realizou as medições das terras destinadas à colonização europeia. O imperador Dom Pedro doou uma grande extensão dessa região a sua filha Isabel, como dote por ocasião do casamento dela contraído com o Conde d'Eu. A atual cidade de Orleans, de Grão Pará, com a região adjacente foram medidas pelo eng. Stawiarski. Nas áreas delimitadas estabeleciam-se imigrantes da Polônia, da Itália e da Alemanha. Justamente esse nosso compatriota era chamado homem sábio, que viveu na mata virgem, mas não perdeu o contato com a leitura de livros sérios. Todo dinheiro ganho ele gastava na compra de livros, publicados pela Academia Francesa de Ciências, belamente encadernados em couro.

Quando há uns dez anos estive na Universidade Barriga Verde em Orleans, tive a possibilidade de conhecer a rica biblioteca (mais de 600 volumes adquiridos na França) do eng. Stawiarski, cujos netos a destinaram ao museu local.

Crônicas

Falando de pátria, não se podia deixar de lembrar o apelo polonês: Deus, Honra, Pátria. Os nossos países, tão distantes geograficamente, têm em sua história justamente esses valores, que devemos transmitir com solicitude às gerações seguintes. Mudam os governantes, os sistemas políticos, mas os valores que os imigrantes poloneses trouxeram consigo há 150 anos devem permanecer sempre atuais.

Falei do Pe. Antônio Zieliński, que após a queda do Levante de 1863, através da Inglaterra, chegou ao México, onde o seu amigo príncipe Maximiliano lutava pela preservação da monarquia. Em razão da sua derrota política, o Pe. Antônio Zieliński mudou-se para o Rio de Janeiro, onde na corte imperial encontrou o seu amigo francês e ao mesmo tempo genro do imperador Dom Pedro. Quando ficou sabendo que em Santa Catarina estavam se estabelecendo imigrantes poloneses, pediu ao imperador para ser nomeado pároco em Gaspar. Foi graças aos seus bons contatos na corte imperial no Rio de Janeiro que o Pe. Zieliński pôde apoiar Edmundo Sebastião Wos Saporski nos seus empenhos para a transferência dos nossos colonos daquele estado às colônias que surgiam nos arredores de Curitiba, no estado do Paraná.

Mencionei que às vezes se fala dos polônicos daqui que eles são teimosos. Pessoalmente, acredito que os poloneses são perseverantes. Será que sem a perseverança teria sido possível sobreviver às partilhas e preservar a fé e o polonismo? Ou quando, estimulados pela propaganda dos emissários do imperador os poloneses, eles emigravam ao Brasil, com a promessa de que ali encontrariam o pão que crescia nas árvores, e após ali chegarem encontravam a selva que era preciso derrubar e transformar em campos cultiváveis, teriam conseguido alguma coisa sem a perseverança?

Hoje, olhando para o Brasil, podemos perceber com certo orgulho que os nossos colonos agrícolas, os engenheiros que trabalhavam no desenvolvimento da rede de ferrovias, que

Crônicas

lecionavam em universidades, tiveram a sua contribuição para o desenvolvimento deste país.

Lembrando a minha participação na conferência científica organizada no Senado da Polônia no dia 23 de abril deste ano para homenagear os 150 anos da presença polonesa no Brasil, citei o pronunciamento do embaixador do Brasil na Polônia, que enfatizou com profunda convicção que os atuais contatos entre os nossos países são os melhores na história. A comunidade polônica é a ponte na aproximação dos nossos países, para o estreitamente de vínculos diplomáticos, comerciais e científicos cada vez mais estreitos. *Pe. Z.*

RESUMO – STRESZCZENIE

W obencym roku na południu Brazylii, a szczególnie w stanie Santa Catarina, uroczyście obchodzono 150-rocznicę przybycia grupy osadników polskich do wspomnianego stanu. W Brusque, gdzie osiedlili się nasi emigranci w sposób szczególny świętowano tę rocznicę.

Z inicjatywy inż. Rizia Wachowicza – prezesa Braspolu rektor Polskiej Misji Katolickiej w Brazylii 8 września br. przewodniczył uroczystej Mszy św. w katedrze we Florianópolis, stolicy stanu Santa Catarina i wygłosił okolicznościowe kazanie.

A COMUNIDADE POLÔNICA DE PORTO ALEGRE COMEMORA OS 85 ANOS DA IGREJA POLONESA DE N. S. DE MONTE CLARO

Para os poloneses residentes em Porto Alegre, a capital do Rio Grande do sul, que conta mais de um milhão e meio de habitantes, o domingo 15 de setembro de 2019 revestiu-se de um especial caráter religioso. Juntamente com o bispo Dom Aparecido Donizeti de Souza, da arquidiocese local, e o Pe. Casimiro Długosz SChr - provincial da Sociedade de Cristo na América do Sul (e que veio especialmente para a solenidade de Curitiba, distante cerca de 800 km), a comunidade polônica comemorou o aniversário dos 85 anos da bênção do santuário construído pelos imigrantes e seus descendentes na parte setentrional da cidade. Em nome dos fiéis reunidos o bispo auxiliar foi saudado por Sergio Sechinski – representante da comissão pastoral da Capelania Polonesa. A seguir, de acordo com o tradicional costume polonês, o casal Paulo e Marisa saudou o bispo com pão e sal. Da santa Missa celebrada em língua portuguesa, mas com os cânticos em língua polonesa, participaram fiéis não apenas de Porto Alegre, mas também das cidades pertencentes à região metropolitana (Canoas, Alvorada, São Leopoldo), e até da distante Erechim (de onde veio um representante do grupo folclórico "Jupem"). Compareceu também uma delegação de escoteiros do grupo Manuel da Nobrega, do colégio Anchieta, pertencente aos jesuítas. Naturalmente, não faltaram também representantes do nosso conjunto folclórico "Polonia". Celebramos a Missa pelo formulário de Nossa Senhora de Częstochowa, Padroeira da igreja e da capelania.

Ao saudar diante da igreja os fiéis que chegavam, e mais tarde olhando para os presentes na igreja, percebi alguns rostos novos. Aos poucos vai chegando à comunidade polônica de Porto Alegre a notícia de que, após anos de ausência de um padre polonês, a Igreja Polonesa continua sendo um ponto que possibilita a vivência da fé e espiritualidade trazidas da distante Polônia pelos nossos imigrantes, e

que nas gerações seguintes continuam a estar presentes. Apesar de a maioria – em razão das pressões políticas, administrativas e sociais do período de Getúlio Vargas – desconhecer a língua polonesa, eles continuam a vivenciar a sua fé da forma como foi herdada dos seus antepassados. Durante a Missa podia sentir-se um clima de concentração, seriedade. Apesar de desconhecerem a língua dos pais, os polônicos continuam a entoar com emoção os cânticos religiosos em polonês.

Como sempre acontece em tais solenidades especiais, após a Missa as saudações, as conversas quase que não tinham fim. Alguns polônicos, encontrando-se esporadicamente com os conhecidos, em tais solenidades aprofundam os seus laços e confirmam a sua identidade étnica. Em seu sermão baseado nas leituras bíblicas, o bispo Dom Aparecido Donizeti falou do papel de Maria na vida de Seu Filho Jesus, mas também do Seu papel na vida dos cristãos. Estimulou a que a nossa comunidade fosse aberta aos outros. No final da Missa, agradecendo ao Bispo e ao Superior da Sociedade de Cristo pela presença e pela oração comum, o pároco polônico local assinalou que a comunidade polônica em Porto Alegre distingue-se em sua vida religiosa das nossas outras comunidades presentes nas cidades brasileiras. Ali, para a santa Missa comum vêm casais etnicamente mistos ou brasileiros que apreciam a nossa piedade brasileira. Os momentos passados em comum no lanche após a Missa dominical são também uma ocasião especial para o estreitamente dos laços interpessoais, mas baseados no fundamento da fé. Além disso, o padre enfatizou que em Porto Alegre há três instituições ligadas com a Polônia e o polonismo: a Sociedade Polonia, a Capelania Polonesa e o Consulado Honorário para o estado do Rio Grande do Sul. Um traço digno de ênfase é a harmônica cooperação dessas instituições em prol da difusão da cultura e das tradições polonesas. Não se percebe entre elas nenhum tipo de rivalidade. Pelo contrário, elas se completam mutuamente para o bem da coletividade polônica, bem como para assinalar na cidade a nossa presença polonesa, que não se fecha em si mesma, mas permanece aberta diante daqueles que desejam conhecer a riqueza da nossa milenar história e o significado da fé na vida pessoal, familiar e comunitária.

Após o encerramento da santa Missa, convidamos o Senhor Bispo para um almoço no Restaurante "Polska". Queríamos que o hierarca local conhecesse um pouco a culinária polonesa. Com certeza para um bispo proveniente do Paraná o consumo do churrasco não seria uma novidade, no entanto o conhecimento da culinária polonesa foi para ele uma experiência especial. Durante o almoço, do qual participou um significativo número dos nossos polônicos, bem como de brasileiros ligados com a nossa Igreja Polonesa, houve ocasião para prolongadas conversas amigas ou para um estreitamente ainda maior dos laços comuns.

Servindo já há quatro anos à comunidade polônica em Porto Alegre, sinto-me impressionado com o seu apego e desvelo pela manutenção do santuário. Eles são capazes de demonstrar uma grande generosidade para as reformas que se tornam necessárias. No final do ano passado o santuário foi pintado na parte de fora, foram trocadas as calhas no telhado e já foi feita a troca da metade da instalação elétrica. Neste ano foi reformada a porta principal da igreja, à qual se devolveu a aparência primitiva, e onze vitrais passaram por uma restauração geral. Para o próximo ano apresenta-se diante de nós o desafio da troca do teto e da pintura do interior do santuário. *Pe. Z.*

RESUMO – STRESZCZENIE

15 września br. Wspólnota polonijna w Porto Alegre świętowała 85-lecie kościoła polskiego pod wezwaniem Pani Jasnogórskiej. Mszy św. koncelebrowanej przewodeniczył biskup Aparecido Donizeti de Souza. Z Kurytyby przyjechał specjalnie na tę uroczystość ks. Kazimierz Długosz SChr – prowincjał chrystusopwców w Brazylii. Polonusi wypełnili świątynię i śpiewali pieśni polskie z glębokim przeżyciem.

ASSASSINATO DE UM MISSIONÁRIO POLONÊS EM BRASÍLIA

O missionário polonês Pe. Casimiro Wojno, procedente da diocese de Łomża, foi assassinado na noite de sábado para domingo 21/22 de setembro em Brasília, onde exercia o ministério pastoral desde 1984. Era cura da paróquia Nossa Senhora da Saúde, onde sob a sua supervisão foi construída uma igreja moderna e uma casa paroquial.

Segundo informações fornecidas no domingo pela mídia brasileira, o Pe. Wojno, após celebrar uma Missa (às 18h30), no sábado à noite estava voltando à casa paroquial em companhia de José Gonzaga da Costa (39 anos), funcionário da paróquia, onde foram atacados por quatro bandidos. O Pe. Casimiro teve as mãos, as pernas e o pescoço amarrados com arame. O funcionário da paróquia também teve as mãos e as pernas atadas. Segundo a polícia, o assassinato do missionário polonês resultou de um ataque com objetivo de roubo.

A arquidiocese de Brasília, numa nota publicada, assegurou as orações pelo sacerdote assassinado, bem como na intenção da sua família e dos paroquianos, aos quais ele serviu com grande dedicação. Além disso, o comunicado enfatizava que a arquidiocese estava acompanhando com atenção a investigação conduzida pela polícia. A representante da Embaixada da Polônia esteve no lugar onde ocorreu o assassinato do missionário polonês, e a família foi informada já no domingo a respeito do assassinato do Pe. Casimiro. No domingo pela manhã, na igreja construída por muitos anos com tanta dedicação e devotamento pelo Pe. Casimiro, foram celebradas duas Missas, e às 19h30 foi celebrada mais uma Missa pelo pároco assassinado.

Em abril deste ano houve um arrombamento na igreja de Nossa Senhora da Saúde, e os ladrões levaram o sacrário com o Santíssimo Sacramento. "Isso foi um crime terrível, como resulta da forma como ele foi assassinado. Não havia a mínima necessidade de praticarem tamanha crueldade. Se queriam cometer um roubo, poderiam tê-lo feito fechando o padre no banheiro. Não havia necessidade de cometer um assassinato" – enfatizou Laércio Rossetto, chefe da polícia do Distrito Federal. Segundo a polícia, a causa da morte do Padre Casimiro foi o sufocamento.

"Os fiéis estão aterrorizados com a morte trágica do seu pároco. Ele era um sacerdote querido. Todos conhecíamos bem o Pe. Casimiro, porque trabalhou na paróquia por mais de 25 anos e sempre ajudou às pessoas que lhe pediam ajuda" – enfatizou o Pe. João Firmino – pároco da catedral.

Ibaneis Rocha, governador do Distrito Federal, ordenou um luto oficial de três dias em razão do assassinato do sacerdote polonês. "Este é um tempo de luto para toda a família da capital, de maneira especial para os paroquianos de Nossa Senhora da Saúde. O assassinato do Padre Casimiro, uma pessoa de paz, amado e admirado por todos, para nós não é apenas um choque, mas também nos estimula à reflexão sobre o sentimento da incerteza, que devemos superar com determinação" – escreveu na nota oficial o mencionado político.

Pe. Casimiro André nasceu no dia 3 de fevereiro de 1948 em Skłody Borowe. Filho de José Wojno e Ângela Dmochowski. Concluiu a escola básica em Piekuty em 1962, e a média em Wysokie Mazowieckie em 1966. Realizou os estudos de filosofia e teologia no seminário maior de Łomża (1966-1973). No dia 7 de maio de 1973 foi ordenado sacerdote pelo bispo Nicolau Sasinowski. Após a ordenação trabalhou, como vigário, nas seguintes paróquias: Kleczkowo, Grabowo, Rzekuń e Myszyniec. No dia 16 de fevereiro de 1984 veio ao Brasil. Na capital do país iniciou o trabalho pastoral como pároco da igreja de Nossa Senhora da Saúde. Na mencionada paróquia, sob a sua supervisão foi construída a igreja. No dia 8 de agosto de 1998

Crônicas

realizou-se a inauguração solene e a bênção do novo santuário. No dia 1 de abril de 1999 foi nomeado cônego honorário de Myszyniec. Em 2000 foi inaugurada uma ampla e moderna casa paroquial, igualmente construída sob a sua supervisão na paróquia acima mencionada. (Z. Malczewski SChr, Solicitude não apenas com os patrícios. Missionários poloneses no Brasil, Curitiba, 2001, p. 219). Pe. Zdzislaw

RESUMO – STRESZCZENIE

W nocy 21 września br. został zamordowany na plebanii ks. Kazimierz Wojno pełniący posługę duszpasterską w parafii Matki Bożej od Zdrowia w stołecznej Brasílii od 35 lat. Gubernator Dystryktu Federalnego ogłosił 3-dniową załobę z powodu zabójstwa polskiego misjonarza, o którym napisał w oficjalnej nocie, że był proboszczem kochanym przez wiernych parafian.

A INVESTIDURA DO NOVO CÔNSUL HONORÁRIO DA POLÔNIA NO RIO GRANDE DO SUL

No dia 4 de outubro de 2019, na sede da Sociedade Polonia em Porto Alegre, realizou-se a cerimônia da investidura de Sergio Sechinski – o novo Cônsul Honorário da República da Polônia no estado do Rio Grande do Sul. No dia 20 de junho de 2013 realizou-se a instalação do Consulado Honorário da Polônia no Rio Grande do Sul, com sede na capital do estado, Porto Alegre. O primeiro Cônsul Honorário foi o Dr. Wilson Rodycz. Anteriormente, havia sido Cônsul Honorária para a região do Alto Uruguai e das Missões nesse estado a Senhora Wanda Groch. A sede do Consulado se encontrava em Erechim, onde mais de 30% da população é constituída por descendentes dos colonos poloneses.

Desse importante evento para a comunidade polônica do estado, bem como para o estreitamente dos contatos polonobrasileiros, especialmente nesse estado meridional da Federação Brasileira, participaram representantes da vida política, além de um significativo número de polônicos e de nossos amigos brasileiros. Da capital, Brasília, veio o Sr. Maurício Dziedricki - deputado federal; da Prefeitura Municipal de Porto Alegre o Sr. Ricardo Schlomer Gomes, responsável pelos contatos internacionais, e de Curitiba a Senhora Cônsul Geral da Polônia Dorota Bogutyn. Entre os participantes, havia representantes da coletividade polônica de diversas regiões do estado: Aurea (distante 400 km da capital do estado), Erechim (a senhora Wanda Groch, ex-Cônsul Honorária para a região do Alto Uruguai e das Missões, juntamente com seu marido Nilton), Dom Feliciano, cidade distante 170 km da capital do estado (o pároco Padre Tomás juntamente com o prefeito municipal e mais algumas pessoas), Nova Prata, distante mais de 200 km de Porto Alegre (o Senhor André Hamerski com sua esposa Wanda e alguns jovens polônicos). Participou do evento também o Pe. Zdzislaw - Reitor da Missão Católica Polonesa no Brasil, a quem foi pedido que tomasse a palavra.

Discursaram também: o deputado federal, o representante da Prefeitura Municipal, a Cônsul Geral de Curitiba e, naturalmente, o novo Cônsul Honorário.

No decorrer do seu pronunciamento, o Senhor Sergio fez um gesto bonito e ao mesmo tempo simbólico. Pediu aos jovens presentes no salão, com os quais esteve na Polônia como monitor no âmbito do programa "A Polônia se encontra em você", organizado neste ano para a juventude polônica pela Associação "Wspólnota Polska", para que se colocassem a seu lado. O novo Cônsul Honorário, como exprofessor de língua inglesa, tem uma linguagem comum com os jovens polônicos. Acreditamos que em sua atividade diplomática ele vai apostar nos jovens polônicos do estado. Sinto-me muito feliz porque a candidatura do Senhor Sergio Sechinski para cargo de Cônsul Honorário, proposta ao Ministério das Relações Exteriores da Polônia, foi aceita e confirmada pelo Ministério das Relações Exteriores do Brasil. O então vice-ministro do Ministério das Relações Exteriores, Senhor Jan Dziedziczak, posicionou-se favoravelmente à sugestão por mim enviada para que o Senhor Sergio Sechinski fosse nomeado Cônsul Honorário. Como um brasileiro que ama o seu país e é seu cidadão leal, também sente muito orgulho da sua origem polonesa e está muito envolvido na nossa coletividade polônica de Porto Alegre. É preciso expressar um grande reconhecimento e o cordial agradecimento ao Consulado Geral da Polônia em Curitiba e à Embaixada da Polônia em Brasília pelo trabalho despendido na preparação de toda a documentação relacionada com a apresentação do candidato a Cônsul Honorário da Polônia no Rio Grande do Sul. Não nos podemos esquecer da gratidão diante do Itamaraty - do Ministério da Relações Exteriores do Brasil, que aceitou o polônico apresentado para cumprir a missão de Cônsul Honorário da Polônia no estado do Rio Grande do Sul.

Após a cerimônia oficial, foi servido um coquetel, durante o qual houve ocasião para conversas amigas. Esse foi um evento importante, nobre e repleto de amizade. Apesar da chuva torrencial,

Crônicas

vieram muitas pessoas, que preencheram o amplo salão. O ambiente era de seriedade, nobreza, mas também reinou um clima de sincera amizade polono-brasileira e polônico-riograndense. O que me edifica, e ao mesmo tempo muito alegra e realiza no cumprimento da minha missão em Porto Alegre, é a ativa presença destas três instituições: da Sociedade Polonia, da Capelania Polonesa e do Consulado Honorário. Entre elas não há rivalidades nem desavenças, mas a harmônica cooperação para o bem da coletividade polônica. Oxalá em outras regiões e cidades deste país amigo da Polônia e dos polônicos haja mais desses sinais de unidade na diversidade de ação, da forma como percebo isso em Porto Alegre, capital do Rio Grande do Sul. Viva o Brasil, viva a Polônia e que se fortaleça mais ainda a amizade existente entre os nossos países desde sempre! Oxalá os contatos bilaterais se intensifiquem e a comunidade polônica se torne a ponte desses Pe. Zdzislaw M. contatos!

RESUMO – STRESZCZENIE

4 października br. w Towarzystwie Polonia w Porto Alegre odbyła się uroczysta inwestytura konsula honorowego RP Sergia Sechinskiego na stanie Rio Grande do Sul. Wśród przedstawicieli władz administracyjnych miasta był obecny deputowany federalny Mauricio Dziedricki przybyły ze stolicy kraju. Uroczystego wprowadzenia w funkcję dokonała konsul generalna Dorota Bogutyn. Przybyła dosyć licznie Polonia tak z miasta, jak również z odległych miasteczek, gdzie żyją potomkowie polskich osadników.

O BRASIL CONHECE A POLÔNIA ATRAVÉS DO SEU COLORIDO FOLCLORE

Nos três estados meridionais do Brasil, quando se sai das grandes aglomerações urbanas e se viaja para o interior do país, onde muitas vezes ainda não há estradas asfaltadas ou pavimentadas, mas se anda pelas estradas vicinais, pode-se perceber na arquitetura das casas e nas suas proximidades algo das antigas aldeias polonesas (casas de madeira, lambrequins, cercas de estacas de madeira, jardins com flores diante das casas). Naturalmente, a influência das mudanças na sociedade brasileira expressa-se também na vida dos dos imigrantes poloneses. No desaparecendo as casas de madeira e no lugar delas vão surgindo modernas edificações de alvenaria, com equipamentos que testemunham a opulência dos seus proprietários. Não é necessário um grande esforço para que no interior do Brasil, olhando em volta, se possa chegar a uma conclusão simples: aqui vivem descendentes dos colonos poloneses. Olhando para os rostos das pessoas encontradas ou para as mulheres mais velhas com os lenços característicos que cobrem suas cabeças, pode-se dizer: É gente nossa! Ao interpelar em polonês as pessoas mais velhas, pode-se obter uma resposta numa fala polonesa arcaica. Também podem ser encontrados representantes da geração jovem que se utilizam desse dialeto polonês. Naturalmente, quero enfatizar que os colonos poloneses, e especialmente a sua geração jovem, quando se encontram com alguém vindo da Polônia, sentem-se envergonhados de falar com alguém em polonês. Quantas vezes tenho ouvido a afirmação: "Vocês falam em polonês gramaticalmente, mas nós nos utilizamos da língua à nossa maneira". Leio às vezes em publicações polonesas que a língua polonesa já desapareceu da coletividade brasileira. Naturalmente, não nego, da minha experiência de quarenta anos de imigrante, que vai diminuindo o número daqueles que se utilizam da língua dos seus antepassados. Mas ao mesmo tempo gostaria de salientar que aos poucos vai aumentando o número das pessoas, dos lugares onde brasileiros de origem polonesa, pertencentes já a sucessivas gerações, aprendem a língua polonesa. Aqui talvez não seja o lugar para isso, mas com certeza seria interessante se um pesquisador polonês (linguista ou sociólogo) elaborasse um mapa do Brasil meridional onde as crianças nas escolas municipais, os jovens e também as pessoas adultas demonstram o interesse por aprender a fala polonesa... O nosso principal problema: não temos manuais adaptados à realidade local. Os manuais para os poloneses no Leste infelizmente não podem ser adaptados aos nossos polônicos brasileiros. Faltam-nos professores da Polônia. Valeria a penas que na Polônia fosse organizado um grupo de professores que pudessem permanecer, por exemplo, por um ano numa determinada comunidade, ensinando a língua polonesa...

Após o que escrevi acima, é preciso refletir sobre esta realidade: será que nas grandes cidades brasileiras podem ainda ser percebidas marcas da presença polonesa? A título de exemplo mencionarei que há alguns anos, nas praças e ruas da Curitiba central podiam ser encontrados colonos poloneses que vendiam os seus produtos agrícolas. Não foram os imigrantes, mas justamente literatos brasileiros que de outras cidades vinham a Curitiba, que vendo as mulheres polonesas das colônias próximas (vendendo manteiga, leite, legumes), com os seus lenços característicos amarrados nas cabeças, sorridentes e bem vestidas, justamente em razão dessas imigrantes chamaram Curitiba de "Cidade Sorriso". Bem me lembro que há alguns anos, viajando do aeroporto em direção ao centro da cidade, numa avenida havia uma grande inscrição com a mensagem: "Seja bem-vindo a Curitiba, Cidade Sorriso". Mas, da mesma forma que em toda a parte, também ali a influência da moda, e especialmente os movimentos ecológicos, influenciam não apenas o nosso estilo de vida, mas também provocam mudanças em diversas áreas. Assim, também em Curitiba o nome "Cidade Sorriso" mudou para "Capital Ecológica". Naturalmente, há um bom número de marcas da presença polonesa também nas aglomerações menores do Sul do Brasil. Penso

nos monumentos, nos nomes das ruas, nas placas que buscam gravar na memória certos acontecimentos. (Convido para o meu portal de leitura bilíngue da vitrine www.polonicus.com.br, onde adicionei a obra bilíngue Marcas da presença polonesa no Brasil, livro publicado dentro da série Biblioteca Ibérica em 2008. Atualmente estou coletando materiais fotográficos para um segundo volume. Dentre as cerca de 600 fotos, vou selecionar as melhores e lhes adicionar adequadas descrições.) O que chama a atenção de um brasileiro comum nas cidades do país são os trajes populares poloneses. Não penso nesse particular somente em Curitiba, famosa quanto a isso, onde todos os anos realizam-se festivais de folclore. Quantas são as cidades ou vilas no Sul do país onde se realizam festivais - até internacionais -, dos quais participam conjuntos populares vindos de diversos países, inclusive da Polônia. Quantos novos conjuntos de folclore polonês surgiram nos últimos anos nas coletividades polônicas! Talvez alguém se desse ao trabalho de elaborar um registro de todos esses conjuntos que existem no mapa do hospitaleiro Brasil?

No entanto, além desses mencionados eventos, as diversas cidades têm o seu calendário relacionado com a promoção e a apresentação de variadas manifestações da cultura e da tradição. Sejame permitido restringir-me apenas a Porto Alegre - capital do Rio Grande do Sul. Após o estado do Paraná, é no estado acima mencionado que se encontra um significativo número de pessoas de origem polonesa. Nas minhas pesquisas através de diversas obras, chego ao número estimado de 600 mil polônicos residentes nesse estado, que conta cerca de 11 milhões de habitantes, espalhados num território de 281.730 km quadrados. Não podem faltar poloneses igualmente em sua capital, Porto Alegre, onde há mais de 120 anos existe a Sociedade Polonia, há 85 anos a igreja polonesa dedicada a Nossa Senhora de Monte Claro e, desde 2013, um consulado honorário da Polônia. Nessa cidade, onde resido há apenas quatro anos, é organizada a Festa das Nações. Neste ano, esse evento se realizou no domingo 29 de setembro, na praça do Shopping Total.

Foram apresentados a cultura, a gastronomia, o artesanato. Entre os conjuntos que apresentaram danças de diversas regiões do mundo, não podia ter faltado o nosso conjunto folclórico Polonia. Há dois anos, graças a uma significativa ajuda da Associação "Wspólnota Polska", com recursos provenientes do Senado da Polônia o conjunto pôde adquirir novos trajes populares. Foram justamente os trajes coloridos, a música popular apresentada pelo nosso conjunto de folclore polonês que atraíram os olhares e a atenção dos habitantes locais que participaram do evento. Pode-se sentir satisfação pelo fato de que justamente as cores polonesas dos trajes populares, as danças que exigem energia atraem não somente as pessoas de origem polonesa. No conjunto encontramos muitos brasileiros que não têm nada em comum com a polonidade. Eles se envolvem no conjunto visto que se apaixonaram pelo folclore polonês.

Na noite de 5 de outubro do ano corrente, na sede da Sociedade Polonia o mencionado conjunto folclórico organizou um evento relacionado com a cultura polonesa, sob o lema "Uma excursão à Polônia através do folclore". O conjunto já existe há 65 anos. Foi fundado em 1954 pela talentosa emigrante Janina Figurska, a qual se engajou entre os polônicos de Porto Alegre para que eles preservassem o que era polonês, isto é: o canto, a música, o teatro e as danças populares. Desde aquela época o conjunto se tem apresentado em diversas cidades brasileiras. Em 1989 o conjunto esteve na Polônia, onde participou do festival mundial de grupos de folclore polonês em Rzeszów. Em 1997 apresentou a beleza da dança e da música polonesa em Córdoba, na Argentina. É digno de ênfase que por dois anos (em 1985 e 1992) permaneceu em Porto Alegres Anatol Kocyłowski – um conhecido e apreciado coreógrafo polonês, que enriqueceu o conjunto polônico com a sua arte. No conjunto há três grupos: o infantil, o juvenil e o adulto. Alice Kuzniar dirige o conjunto, e em todas as tardes de sábado realizam-se na sede da Sociedade Polônia os ensaios das danças populares polonesas.

Crônicas

Naquela noite o grande salão da organização polônica estava repleto de espectadores, que não somente aplaudiram a bela apresentação de danças de diversas regiões da Polônia, mas também puderam degustar os produtos da gastronomia polonesa ou adquirir produtos do artesanato de Kariana Kodelski, que veio especialmente para esse evento da cidade de Nova Prata, distante cerca de 200 km de Porto Alegre. Sou repleto de admiração e respeito ao talento dessa artista polônica, que não poupa tempo para participar das festas polônicas, em diversos lugares do Brasil meridional, apresentando os seus produtos.

Participando, naquele dia 5 de outubro, do espetáculo noturno "Uma excursão à Polônia através do folclore", admirei a arte dos dançarinos, a sua energia, mas também o belo colorido dos trajes populares. Há 40 anos vivo no Brasil como imigrante em razão dos imigrantes poloneses e dos seus descendentes. Confesso com toda a sinceridade que, como sacerdote polônico, não tenho quaisquer preferências políticas e não me envolvo no apoio deste ou daquele agrupamento político no Brasil ou na Polônia. O único objetivo da minha vinda e este belo país tem sido e continua sendo a missão religiosa e o apoio às manifestações culturais em meio à comunidade polônica brasileira. Não é preciso enfatizar que o emigrante polonês é uma pessoa "doente". A sua doença se chama "saudade". Por isso, ao admirar a beleza dos trajes populares, as danças e os cânticos apresentados naquela noite de sábado na Sociedade Polonia, me permiti exteriorizar essa minha doença: simplesmente, com os pensamentos e os sentimentos eu me encontrei então na Polônia! O que posso escrever sobre o público? Viva e espontaneamente ele reagia com uma tempestade de aplausos após cada apresentação dos dançarinos. No entanto, quem recolhia as maiores ovações eram as crianças que dançavam. Não quero com isso diminuir as apresentações dos jovens e dos adultos. No entanto, quando no palco surgem as crianças, são elas que despertam a maior atenção e gratidão através da cordial e sincera reação do público.

Olhando, acompanhando, admirando, pesquisando como diletante o ambiente polônico em Porto Alegre, chego a uma conclusão pessoal. Alguém poderá dizer que será uma apreciação subjetiva, e estarei inteiramente de acordo com essa constatação. Mas quero enfatizar que sou alguém que veio há 40 anos à comunidade polônica local de fora, ou seja, da distante Polônia. Por isso a minha visão da comunidade polônica local é a visão de alguém que veio de fora, mas também de alguém que procurar ingressar nesse ambiente para melhor compreendê-lo e lhe servir com mais eficácia. E aqui volto à conclusão anunciada. Ainda há pouco tempo, a comunidade polônica brasileira tem sido esquecida, marginalizada pelas diversas autoridades. Até hoje não sou capaz de compreender qual tem sido o objetivo do fechamento dos Consulados Gerais da Polônia em São Paulo (capital dos negócios!) e no Rio de Janeiro (capital da cultura!). Se alguém na Polônia não conhecer a nossa realidade e escrever que a comunidade polônica do Brasil não se dirige às urnas eleitorais, perguntarei como (num país 28 vezes maior que a Polônia e que possui apenas um Consulado Geral em Curitiba e uma seção consular na Embaixada em Brasília) devo participar das eleições? De Porto Alegre a Curitiba são cerca de 800 km! E outros concidadãos nossos, mesmo sem esquecer dos missionários e das missionárias, diante de tão grandes distâncias com certeza não poderiam participar dessa obrigação cívica...

Com toda a responsabilidade ouso afirmar: a nossa realidade polônica no Brasil era semelhante à dos poloneses que viviam nos países da antiga União Soviética! Era tratada da mesma forma pelas chamadas elites políticas e pelos seus sucessores. Nunca me esquecerei de como há alguns anos eu estava me empenhando por conseguir trajes cracovianos da Polônia para certo conjunto polônico. Fui ridicularizado. Folclore? Não, isso é ridículo, já não é atual, nestes tempos modernos folclore é atraso... Seja-me permitido encobrir esse tratamento com o crepe do silêncio e não responder às perguntas: onde, quando e com quem se travou o meu diálogo. Quero enfatizar

com convicção, a partir da minha observação e presença em meio a essa comunidade polônica, que ela me fascina cada vez mais com o passar do tempo, que as fortes famílias dos colonos poloneses, que trataram com muita seriedade os seus valores trazidos da Polônia (que se encontrava então sob ocupação estrangeria, sob uma e outra ocupação), e também as famílias dos seus descendentes até os dias de hoje, a fé e a pastoral polonesa com ela relacionada (trabalho desenvolvido por longos anos pelos padres e pelas irmãs religiosas polonesas), bem como o folclore polonês preservado são as três colunas sobre as quais se tem apoiado e continua a apoiar-se a comunidade polônica brasileira.

Nos últimos anos percebo uma grande mudança no tratamento que o Estado Polonês dispensa à comunidade polônica na América Latina. As palavras do Sr. Stanisław Karczewski, Presidente do Senado da Polônia, pronunciadas durante as nossas sessões no âmbito do Conselho Consultivo Polônico, ou ainda no decorrer do V Encontro dos Poloneses e Polônicos do Exterior, realizado no ano passado, confirmavam que a câmara superior do Parlamento polonês daria uma atenção maior à comunidade polônica existente nessa região do mundo. Hoje vejo que não se tratava apenas de simples retórica política. Também o "Cartão de polonês", pelo qual igualmente me tenho empenhado nas sessões do mencionado Conselho Consultivo Polônico, como correspondências dirigidas por representantes da comunidade polônica local aos parlamentares poloneses produziram o seu efeito. Há pouco tempo o Senhor Presidente da Polônia assinou a lei que estende a concessão do "Cartão de polonês" aos polônicos no mundo inteiro. Não posso deixar passar em silêncio o atendimento ao pedido que expressei durante as minhas visitas ao Sr. Mateusz Stąsiek - diretor da cooperação do Ministério das Relações Exteriores com a comunidade polônica, ao qual pedi que fossem impressos pelos menos 4 milhares de brochuras em língua polonesa apresentando história da Polônia, e que em diversas línguas foram distribuídos aos jovens vindos de diversas regiões do mundo a Cracóvia, para a Jornada Mundial da Juventude. O Ministério das Relações Exteriores enviou ao Consulado Geral em Curitiba a mencionada publicação Guia pela história da Polônia. Levei ao Congresso da Juventude Polônica da América do Sul, que se realizou em Curitiba,

200 exemplares, que se espalharam entre os presentes num piscar de olhos. Para mim, isso foi um fato concreto a demonstrar que os brasileiros de raízes polonesas querem conhecer o país dos seus antepassados.

Igualmente as palavras, bem como as diversas iniciativas que diante da comunidade polônica brasileira de hoje empreende a Associação "Wspólnota Polska", sob a direção do seu presidente Sr. Dariusz Bonisławski, já estão produzindo os frutos por mim percebidos. A organização do Congresso da Juventude Polônia da América do Sul em Curitiba (a respeito do que falei acima), ou ainda o convite para que os jovens polônicos visitem o país dos seus antepassados no âmbito do programa "A Polônia se encontra em você", além de outras iniciativas, são excelentes ideias! A confiança nos jovens polônicos no Brasil é a melhor solução, que desperta nos jovens o orgulho do seu polonismo, e é o penhor da vitalidade de um fenômeno que até a sociologia polonesa não é capaz de explicar a fundo: como é possível que após 150 anos da colonização polonesa no Brasil a polonidade se encontre forte, sem que isso signifique que os polônicos se sintam menos cidadãos brasileiros? Eles são leais diante da sua Pátria, para a qual trabalham e pela qual demonstram solicitude, mas também expressam o grande orgulho das suas raízes polonesas e do país que deles se aproxima, que os percebe e aprecia cada vez mais. Estou profundamente convencido de que justamente a coletividade polônica daqui pode ser a corrente que estreitará cada vez mais, em muitas áreas, a amizade e a cooperação entre o Brasil e a Polônia! Pe. Z.

RESUMO – STRESZCZENIE

Emigranci poilscy przed 150 laty przywieźli ze sobą wiele przejawów kulturowych. Polskość przetrwała wśród potomków naszych osadników dzięki silnej rodzinie, wierze katolickiej, a także wielu zwyczajom tradycji. Wśród nich szczególne miejsce zajmuje folklor. Na południu tego kraju w społecznościach polonijnych istnieją grupy folkloru, które dzięki tańcom, muzyce i kolorowym strojom uzewnętrzniają obecność Polonii w tych regionach kraju.

BRASILEIROS DE RAÍZES POLONESAS DEMONSTRAM ORGULHO E ALEGRIA PELO SEU POLONISMO

Na introdução desta reportagem confessarei com toda a sinceridade e simplicidade que até ontem (27 de outubro de 2019) eu estava convencido de que durante os quarenta anos do meu ministério dentro de comunidade polônica brasileira havia conseguido conhecê-la muito bem: da observação própria, bem como das minhas pesquisas de diletante com o objetivo de publicar artigos ou livros, visto que – de maneira geral – na Polônia essa comunidade é pouco conhecida.

No entanto, para a minha vida de quarenta anos de emigrante por escolha própria para servir aos polônicos daqui, justamente ontem ganhei o mais maravilhoso presente que me podia ser oferecido. Durante esses meus anos de Brasil percorri muitos milhares de quilômetros para participar de solenidades polônicas nas metrópoles do país, mas também no seu interior, entre os descendentes dos nossos colonos.

Às vezes há quem escreva das aldeias polonesas no Brasil. A minha percepção é diferente. Se, por exemplo, a sede municipal de Guarani das Missões conta – segundo as estatísticas brasileiras – mais de 8 mil habitantes, nunca vou chamar essa cidadezinha de aldeia, como ocorre na Polônia. Até Áurea, com seus 3 mil habitantes, e sede de um município, ultimamente com frequência mencionada na internet, para mim nunca será uma aldeia. Por coincidência, no início da minha vida brasileira trabalhei na paróquia de S. Ana em Carlos Gomes, que naqueles anos era um povoado que contava cerca de 70 casas (na paróquia quase 90% de pessoas de origem polonesa). Áurea é a sede da paróquia de Nossa Senhora do Monte Claro. Naquele período, com frequência eu ajudava aos meus vizinhos nas confissões, ou como substituto do padre. Naquele tempo Áurea era maior que Carlos Gomes, até tinha ruas, mas nunca ouvi dos descendentes dos

colonos poloneses a palavra "aldeia". Era "vila", ou seja, um povoado... Quando voltava das igrejas filiais ao centro da paróquia da qual falei acima e, ao encontrar polônicos que iam ao povoado, parando o carro perguntava: "Aonde o senhor/a senhora está indo?" – eles sempre me respondiam: "À cidade". E eu dava carona a essas pessoas, e a conversa se desenvolvia em língua polonesa. Ouvir um povoado de 70 casas ser chamado de cidade foi para mim um típico choque cultural...

Mas volto ao presente de domingo. Eis que no interior do estado do Rio Grande do Sul há muitas colônias polonesas onde os descendentes dos nossos colonos se dedicam à agricultura. Há algumas semanas vieram duas professoras da escola fundamental da colônia (como são geralmente denominados os núcleos onde vivem agricultores de origem polonesa) de Baixa Grande, pertencente à paróquia e ao município de Riozinho. As professoras, de origem polonesa, queriam mostrar aos seus alunos não somente a capital do estado, mas sobretudo a Sociedade Polonia e a Igreja Polonesa de Nossa Senhora de Monte Claro. Ao recepcionar esse grupo, falei da imagem de Nossa Senhora de Monte Claro e da história da Igreja Polonesa construída pelos nossos imigrantes e seus descendentes num período de grande crise econômica. Quando se aproximava a solenidade da Padroeira da nossa Capelania e o aniversário dos 85 anos da bênção do santuário polônico, planejada para o dia 15 de setembro, o Sr. Sergio Sechinski - coordenador do conselho pastoral da Capelania e ao mesmo tempo cônsul honorário da Polônia no Rio Grande do Sul – publicou um anúncio sobre essa festividade no diário Zero Hora. Dessa forma – através do jornal – pode-se atingir os polônicos que, durante os vários anos de ausência de um padre polonês na Capelania, dispersaram-se, e pela imprensa era preciso lembrar-lhes que a pastoral polonesa continua a sua atividade. Alguns dias depois da nossa festa recebi um telefonema. Estava telefonando um padre da diocese vizinha de Novo Hamburgo pedindo que eu fosse à sua paróquia para celebrar uma Missa e pronunciar um sermão, para uma comunidade polônica que a cada dois anos ali organiza um grande encontro dos polônicos de toda aquela região. Ele queria proporcionar-lhes uma surpresa convidando para a festa deles um padre polonês. Naturalmente, com alegria aceitei esse convite e, durante os encontros dominicais com os polônicos e brasileiros que "simpatizam" com a nossa piedade polonesa, sugeri que também eles viajassem comigo àquela colônia polonesa que conta cerca de 30 famílias e se encontra a cerca de 130 quilômetros da capital do estado. No começo daquele mês veio falar comigo um dos representantes daquela coletividade polônica, para em seu nome me convidar para a sétima festa polonesa por eles organizada.

De Porto Alegre, na manhã de domingo, partiram dois ônibus (num deles o conjunto folclórico, que devia apresentar a beleza não apenas das danças, mas também dos trajes regionais adquiridos com os recursos obtidos do Senado da Polônia por intermédio da Associação Wspólnota Polska, e no outro viajaram os desejosos de conhecer uma realidade polônica diferente), além de alguns automóveis. O problema era que desde as primeiras horas da manhã estava caindo uma chuva torrencial, que nos acompanhou durante a viagem. Até a sede municipal de Riozinho viajamos por uma estrada asfaltada. Depois disso, até a colônia Baixa Grande, tivemos que viajar cerca de 30 quilômetros por uma estrada de terra, pedregosa e cheia de curvas, que seguia para o alto. Olhando pela janela do automóvel, eu podia admirar aquela região montanhosa, bela e coberta de mato. Ao se aproximar da igreja situada no morro, o motorista do automóvel tinha que tomar cuidado em razão da estrada muito lisa e dos muitos carros estacionados na beira da estrada.

Para alguém que não conhece o interior brasileiro é preciso esclarecer que nessas estradas pedregosas, e que às vezes são de chão batido, não há sinais informativos. Nas bifurcações era difícil decidir qual caminho tomar. Mas os organizadores já haviam pensado em convidados como nós, ou nos que vinham das colônias e cidades

vizinhas, e instalaram simbólicas tabuletas brancas e vermelhas informando a direção do caminho à festa polonesa.

O pároco local me recebeu com muita cordialidade e confessou que um quarto da sua origem é polonesa por parte da mãe. No decorrer da nossa conversa pude sentir que ele gosta dos seus paroquianos e admira os diligentes e briosos polônicos. A Missa foi celebrada em duas línguas. Os cânticos, naturalmente, foram todos em polonês. Até cantaram a famosa "Barka". Uma das leituras foi em polonês, e a outra em português. Naturalmente o sermão foi pronunciado na língua conhecida da maioria, ou seja, em português, mas em espírito polonês e sobre a piedade mariana polonesa. No entanto cantei o prefácio sobre Nossa Senhora Rainha da Polônia em polonês. Também o Pai nosso foi cantado na língua dos pais deles...

No final da celebração, durante a qual podia sentir-se um piedoso recolhimento, os músicos e os fiéis do lugar me surpreenderam dizendo que cantaríamos o Hino da Polônia. Eles tinham nas mãos o texto impresso em computador, não como se escreve, mas como se pronuncia! Foi a primeira vez na minha vida que vi algo desse tipo...

Imaginem que uma comunidade polônica tão pequena, diria eu, perdida numa região montanhosa, construiu com esforço próprio o Museu do Colono Polonês. O pároco local, Pe. Alceu Zarino Marino, promoveu a bênção do museu, no qual os moradores conseguiram expor muitos objetos detalhadamente descritos, informando quem doou e de que ano mais ou menos provém o objeto exposto. Após visitarmos o museu, dirigimo-nos a um grande salão, onde foi servido um almoço para mais de mil pessoas! Os moradores do lugar me diziam que antes da crise econômica vinham para a festa deles até 4 mil pessoas. Os que vinham à festa eram geralmente aqueles que, após terem estudado, haviam se mudado para o lugar onde encontraram trabalho. Vinham também brasileiros de outras etnias, porque gostavam das festas organizadas pelos polônicos. Durante o almoço eu admirei a agilidade dos que serviam às mesas. Imagino que

antes fizeram reuniões e assumiram diversas tarefas: a liturgia, os cânticos, o embelezamento da estrada com flâmulas brancas e vermelhas. Merece registro a praça dedicada ao papa S. João Paulo II, situada do lado esquerdo da entrada da igreja. Além de uma placa com a foto de S. João Paulo II, há também uma cruz e uma placa situada a seus pés, com os nomes dos primeiros colonos. Não será digna de admiração e respeito essa geração que não descuida da memória histórica? O museu, a praça, uma águia de grandes proporções localizada no salão onde se realizam as festividades, bem como o cemitério - são todos sinais que testemunham claramente a presença polonesa naquela região montanhosa. E enfatizemos: tudo bonito para o olhar do visitante, mas, transportando-nos em pensamento aos primórdios da colonização polonesa, quanto trabalho e dedicação eles tiveram que despender para derrubar as matas e transformar a área em campos cultiváveis! Não exagerarei se disser que por longos anos aquela terra foi orvalhada pelo suor dos colonos poloneses, que com o seu esforço alcançaram o que pretendiam quando deixaram a Polônia: a liberdade, a possibilidade de falar em polonês e de possuir um pedaço de terra!

Após o almoço, o nosso conjunto folclórico polônico apresentou aos presentes algumas danças regionais polonesas. Sendo por natureza curioso, eu olhava em volta e observava os rostos e os olhares atentos que absorviam a beleza das danças populares polonesas e as cores dos trajes regionais. A maioria dos presentes segurava os seus celulares e tirava fotos ou filmava a beleza do nosso folclore. Após o término da apresentação, era preciso aos poucos pensar na volta a Porto Alegre. Viajando de carro com o cônsul honorário Sr. Sergio Sechinski, o presidente da Sociedade Polonia Mariano Hossa e o professor de economia de uma das universidades da capital Arno Uszacki, durante a viagem toda expressávamos as nossas observações a respeito daquela comunidade polônica. Naturalmente, estávamos impressionados com o seu orgulho polonês,

com a hospitalidade que nos haviam demonstrado, com a solidariedade e o espírito de comunidade que se encontra entre eles.

Na segunda-feira Alice Kuzniar, coreógrafa e dirigente do conjunto folclórico, informou-me que os jovens de Baixa Grande, que haviam deixado em nós uma impressão tão maravilhosa, já haviam tomado a decisão de vir de ônibus a Porto Alegre para na tarde de sábado participar na Sociedade Polonia do ensaio das danças polonesas regionais.

Conversando com os polônicos mais idosos de lá (as avós, os avós), eu perguntava quem dos seus antepassados tinha ali vindo da Polônia, e eles me respondiam: o avô, o bisavô... Se uma coletividade polônica tão pequena demonstra tal orgulho, um polonismo tão vivo, pode-se tirar a conclusão de que o polonismo tão cedo não vai desparecer deste estado meridional, onde vivem mais de 600 mil pessoas de raízes polonesas. O sorriso, a alegria dessas pessoas e a sua profunda fé, baseada nos valores religiosos poloneses, sensibilizaram o meu coração e a minha memória, a tal ponto que também em mim se aprofundou o orgulho de ser polonês!

Valeu a pena há quarenta anos ter deixado a Polônia para neste "ano jubilar de emigrante", por ter encontrado naquela região montanhosa, no interior deste estado da Federação Brasileira, uma pequena coletividade polônica, sentir-me ainda mais orgulhoso de ser polonês! É o que penso desse belo dia de ontem, apesar da contínua chuva torrencial, que podemos aprofundar a integração dos polônicos daqui que vivem nas cidades com aqueles que se encontram no interior, e vice-versa. Como religioso, tenho a missão de ser o guia espiritual dos polônicos daqui, e em troca eles me estimulam no meu polonismo! Isso não é belo e comovente? *Pe. Zdzislaw*

RESUMO – STRESZCZENIE

27 października br. wraz z Polonusami z Porto Alegre udaliśmy się około 140 km do Baixa Grande, w municypium Riozinho, gdzie polonijna społeczność co dwa lata organizuje festyny polskie. Głównym punktem świętowania była Msza św. ku czci Pani Jasnogórskiej, której przewodniczył ks. Zdzisław i wuygłosił odpowiednie kazanie. Po Mszy św. miejscowy proboszcz Alceu Zarino Marino poświęcił zbudowane przez tamtejszych Polonusów muzeum kolonizacji polskiej. Pomimo ulewnego deszczy na obiad przybyło ponad tysiąc osób. Zespół folkloru z Porto Alegre zaprezentował kilka polskich tańców regionalnych.